

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO

GUILHERME MARTINS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS(AS) DA REDE MUNICIPAL
DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS ACERCA DA TEMÁTICA GÊNERO E
SEXUALIDADE**

LINHA DE PESQUISA: INFORMAÇÃO, SOCIEDADE E MEMÓRIA

Florianópolis

2018

GUILHERME MARTINS

**GÊNERO E SEXUALIDADE – DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES NA
PERCEPÇÃO DE BIBLIOTECÁRIOS(AS) DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão de Unidades de Informação. Linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Professora Dra. Daniella Pizarro.

Florianópolis

2018

M386r Martins, Guilherme

Gênero e sexualidade – discursos e representações na percepção de bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis / Guilherme Martins. – Florianópolis, 2018.
188 f.

Orientadora: Profa. Dra. Daniella Camara Pizarro
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2018.

1. Biblioteca escolar. 2. Bibliotecário escolar. 3. Gênero. 4. Sexualidade I. Pizarro, Daniella Camara. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestrado profissional em Gestão de Unidades de Informação III. Título.

CDD 027.8

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos **treze dias do mês de julho do ano de dois mil e dezoito**, às **quatorze horas**, nas dependências do Centro de Ciências Humanas e da Educação, compareceu **Guilherme Martins**, aluno/a do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, para prestar a defesa de sua dissertação intitulada “Representações Sociais de Bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis Acerca da Temática Gênero e Sexualidade”, perante a Comissão Julgadora constituída pelos/as seguintes Professores/as:

Profª Drª Daniella Camara Pizarro	Presidente/a – Orientador/a	UDESC
Profª Drª Eliane Fioravante	Membro 1	UFSC
Profª Drª Gisela Eggert Steindel	Membro 2	UDESC

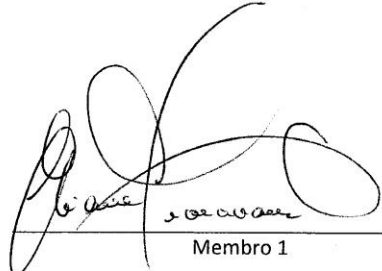
Após a apresentação do/a candidato/a, e considerações e sugestões da Banca Examinadora, o/a presidente/a anunciou o parecer, considerando a dissertação APROVADA.

Observações: na parte dos procedimentos metodológicos, deve ser observada a 4ª figura metodológica da técnica do DSC. Ademais, devem ser observadas com rigor, a revisão gramatical e atentar as normas da ABNT.


Florianópolis, 13 de julho de 2018.



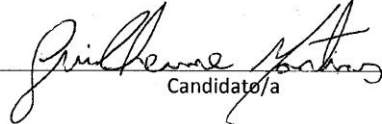
Presidente/a



Membro 1



Membro 2



Candidato/a

Dedico esse trabalho a todos que acreditam no poder transformador das bibliotecas, dos livros e da leitura.

AGRADECIMENTOS

Toda pesquisa é uma construção coletiva, por isso existem pessoas que não podem deixar de ser mencionadas neste trabalho.

Aos meus pais Cléa e Luiz pelo amor incondicional. A minha Mãe que sabiamente estimulou e quando necessário deu liberdade para que eu tomasse minhas próprias decisões e por seu incentivo aos meus estudos. A meu Pai por toda compreensão, paciência e carinho.

Aos meus irmãos Thais e Fernando que sempre me dão apoio e um passado do qual me orgulho. A meus sobrinhos Vitória e Théo que são minhas grandes alegrias em todos os momentos.

A toda minha família pelas demonstrações de união e fraternidade.

Adriano meu amor, muito obrigado por todo carinho, compreensão e parceria nesses 2 anos juntos, sou feliz a seu lado. Que esta seja uma entre muitas conquistas alcançadas por nós.

Aos meus amigos de longe e perto que entenderam meu sumiço nesses dois anos de mestrado. São tantos que não caberia aqui o nome de todos, saibam que vocês moram em meu coração e que sou grato pela amizade e carinho.

À Professora Daniella Pizarro, pelos ensinamentos, paciência e esforço para mostrar que eu podia e tinha capacidade de fazer um ótimo trabalho. Sua visão sobre nosso trabalho foi fundamental.

Aos colegas da turma do PPGInfo 2016, nossa jornada foi leve e divertida. Agradecer especialmente a Crichyna pela parceria, papos, almoços e suporte em momentos de dúvidas. Ao Holdrin secretário do curso sempre muito prestativo.

A todos os professores do PPGInfo e colaboradores, foram 2 anos de muito crescimento. Agradecer especialmente aos membros da banca de qualificação e defesa: Eliane, Fernanda, Orestes, Gisela, José Cláudio, pelas contribuições e enriquecimento do trabalho. A professora Jimena Furlani pela leitura e contribuições preciosas em relação a temática gênero e sexualidade.

Por fim agradeço e dedico este trabalho aos(as) bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Muito obrigado pela acolhida 6 anos atrás, e por todo carinho e receptividade que fui recebido nas escolas que visitei para realização da pesquisa.

E a Deus por sempre guiar meu caminho.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa constituiu em conhecer a percepção que os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, tem acerca da inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas profissionais. Na fundamentação conceitual abordou-se os conceitos de biblioteca e bibliotecário(a) escolar, bem como os objetivos e funções dos mesmos. Apresentou-se os conceitos de gênero e sexualidade e suas relações com a educação. Discutiu-se a inserção da temática gênero e sexualidade nas bibliotecas escolares. Já a fundamentação teórico-metodológica concentrou-se nos estudos da sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, o configuracionismo sócio-histórico ou processualismo de Norbert Elias e a teoria das representações sociais de Serge Moscovici. A pesquisa é do tipo qualitativa e a coleta de dados discursivos realizou-se por meio de roteiro de entrevista semi-estruturado. Para análise dos discursos utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A partir dos discursos coletados nas entrevistas e das representações sociais reunidas no DSC constatou-se a confusão conceitual referente aos termos gênero, identidade de gênero, orientação sexual e identidade de gênero. Verificou-se que a temática é contemplada de forma superficial e apenas quando há necessidade nas práticas dos(as) bibliotecários(as). Ressaltou-se a necessidade de formação relacionada a temática e mais informação e leitura por parte do coletivo. Apresentou-se, por fim uma proposta de oficina sobre gênero e sexualidade para os(as) bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Bibliotecário escolar. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

The general aim of this research is getting to know the perception that the librarians of the Municipal Education Network of Florianópolis have about the inclusion of themes such as gender and sexuality in their professional practices. The conceptual basis approaches the concepts of school library and librarian, as well as their objectives and functions. The research presents the concepts of gender and sexuality and their respective relation to education. This study discusses the insertion of gender and sexuality as themes in school libraries. On the other hand, the theoretical-methodological foundation focuses on Berger and Luckmann's knowledge sociology studies, Norbert Elias's socio-historical and proceduralism, and Serge Moscovici's theory of social representations. This is a qualitative research and the collection of discursive data is carried out through a semi-structured interview script. The speeches are analysed using the technique of Discourse of the Collective Subject (DSC). From the discourses collected in the interviews and the social representations gathered in the DSC, it is verified the conceptual confusion regarding the terms gender, gender identity, sexual orientation and gender identity. The research verifies that the theme is superficially covered and only when there is a need in the practice of librarian(s). The research highlights the necessity of training related to the themes and more information and reading by the collective. Finally, the study presents a workshop proposal about gender and sexuality for librarians in the Municipal Education Network of Florianópolis.

Key-words: School library. School librarian. Gender. Sexuality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identidade de gênero	75
Quadro 2 - Orientação sexual	79
Quadro 3 - Sexo, gênero e sexualidade	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ancoragem
ACB	Associação Catarinense de Bibliotecários
ALA	American Library Association
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CBO	Classificação Brasileira de ocupações
CEBEC	Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
CEC	Centro de Educação Continuada
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
DEBEC	Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
ECH	Expressões Chave
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
IAD	Instrumento de Análise de Discurso
IC	Ideias Centrais
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
LABIGEF	Laboratório de estudos de gênero e família
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGBT	Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Transgêneros
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PPGInfo	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
PPP	Projeto Político Pedagógico
RME	Rede Municipal de Ensino
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL	21
2.1	BIBLIOTECA E BIBLIOTECÁRIO(A) ESCOLAR	21
2.2	GÊNERO E SEXUALIDADE	28
2.3	A INSERÇÃO DA TEMÁTICA GÊNERO E SEXUALIDADE NA BIBLIOTECA ESCOLAR	40
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	50
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
4.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	56
4.2	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	57
4.2.1	Instituição pesquisada	57
4.2.2	População e amostra	59
4.2.3	Caracterização dos bibliotecários	61
4.3	INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	62
4.4	TÉCNICA PARA ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DISCURSIVOS	65
4.5	ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	67
5	DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	69
5.1	PERCEPÇÕES DOS(AS) BIBLIOTECÁRIOS(AS) EM RELAÇÃO À TEMÁTICA GÊNERO E SEXUALIDADE	71
5.1.1	Gênero e identidade de gênero	72
5.1.2	Sexualidade e orientação sexual	76
5.1.3	Sexo, gênero e sexualidade	80
5.2	PRÁTICAS PROFISSIONAIS E A INSERÇÃO DA TEMÁTICA GÊNERO E SEXUALIDADE NO COTIDIANO DA BIBLIOTECA ESCOLAR	82
5.2.1	Relevância da inserção da temática gênero e sexualidade nas práticas profissionais	82
5.2.2	Desafios para a biblioteca e para o(a) bibliotecário(a) escolar	90
5.3	PRODUTO – FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO PARA OS(AS) BIBLIOTECÁRIOS(AS) DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS	97
5.3.1	OFICINA: Gênero e Sexualidade na Biblioteca Escolar	98
5.3.1.1	<i>Objetivo Geral</i>	98
5.3.1.2	<i>Objetivos Específicos</i>	99
5.3.1.3	<i>Conteúdo Programático</i>	99
5.3.1.4	<i>Metodologia</i>	99
5.3.1.5	<i>Referências</i>	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	108

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO	119
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	120
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	121
APÊNDICE D – ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	123
APÊNDICE E – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO - IAD 1.....	147
APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD2.....	178

1 INTRODUÇÃO

A sociedade de tempos em tempos, passa por mudanças políticas, econômicas, culturais e sociais, o que reflete diretamente em todos os setores da sociedade, incluindo as unidades de informação. A primeira unidade de informação a que geralmente temos acesso no Brasil, é a biblioteca escolar, na qual por muitas vezes é onde se dá o primeiro contato das crianças com os livros e informações registradas nos mais variados suportes.

Em um contexto social cada vez mais ditado pelas tecnologias e pela inserção de novas práticas nas diversas áreas do conhecimento, deve-se refletir acerca da importância da biblioteca dentro das escolas e seu papel no processo educativo. A formação na área de Biblioteconomia, além de forte influência tecnicista advinda das escolas norte americanas, deve voltar-se também a questões de cunho social e promover discussões sobre o papel da biblioteca e do(a) bibliotecário(a)¹ na sociedade.

A biblioteca escolar reúne e disponibiliza fontes de informação com o objetivo de assegurar e democratizar o acesso à informação. Campello (2003, p. 11) afirma que “[...] ao assumir seu papel pedagógico, a biblioteca pode participar de forma criativa do esforço de preparar o cidadão do século XXI [...]”, que além do domínio das tecnologias de informação e comunicação, precisa aprender a conviver em um mundo cada vez mais ditado pela diversidade humana. Esse papel pedagógico é desenvolvido, primeiramente, pela biblioteca escolar.

Castro Filho (2008) destaca que

[...] a biblioteca tem, na sociedade atual, uma importante missão a cumprir no que se refere ao desenvolvimento e à formação dos cidadãos, considerando que a biblioteca escolar é, geralmente, a primeira biblioteca conhecida pela maioria das pessoas, sendo responsável pelo primeiro contato com o livro e a leitura (CASTRO FILHO, 2008, p. 73).

Tendo em vista o papel relevante da biblioteca escolar no processo de formação social das crianças, faz-se necessária a presença de um(a)

¹ Utilizarei o termo bibliotecário(a) para representar os bibliotecários. Existe a discussão em relação ao uso da linguagem genérica no masculino, considerada uma linguagem sexista. Alguns trabalhos apresentam o “X” e “@” como forma de não evidenciar o gênero no tratamento, como por exemplo: Bibliotecárix ou Bibliotecári@. Esta abordagem é um posicionamento político, que visa a busca pela equidade de gênero. Apenas as citações foram mantidas na forma como os autores escreveram evidenciando, ainda, a tendência do uso do masculino nas publicações.

bibliotecário(a), que contribua na formação de leitores, no desenvolvimento de suas competências dentro da escola, auxiliando-as no processo de ensino-aprendizagem.

O(a) bibliotecário(a), além das funções administrativas e técnicas, precisa também, participar ativamente de todos os acontecimentos que circundam o ambiente escolar, ter conhecimento da política educacional da instituição na qual atua, bem como estar atento a todos os aspectos que envolvem seu trabalho (CORRÊA et al., 2002). E, inclusive, na construção do Projeto Político Pedagógico (PPP), que é um espelho das intenções da escola, com os diferentes setores escolares, as pessoas envolvidas, as normas, os projetos, enfim, um direcionamento às ações que envolvem o ensino e aprendizagem da unidade escolar.

Para que o(a) bibliotecário(a) possa atuar como um agente socializador de potencialidades, são necessárias mudanças dentro do ambiente escolar, um exemplo é ter um bom relacionamento com toda a comunidade escolar (professores, funcionários, famílias). Campello (2003) enfatiza a importância de se estreitar esse relacionamento, pois ao trabalharem em conjunto, professores e bibliotecários planejarão situações de aprendizagem que desafiem e motivem os alunos. Poderão acompanhar seus progressos, orientá-los e guiá-los para que desenvolvam competências informacionais em ambientes e suportes cada vez mais sofisticados.

Borba (2011) ressalta a importância de o bibliotecário assumir uma postura reflexiva de sua prática. Tal atitude possibilita a ampliação de perspectivas que podem contribuir para o desenvolvimento de uma postura pedagógica que auxilie o aluno a desenvolver capacidade crítica, analítica, criativa e reflexiva por meio de processos de ensino-aprendizagem que privilegiem o enfoque comunicativo-discursivo.

A escola é parte da sociedade, e dentro dela encontramos exemplos do que é vivenciado pelas crianças e adolescentes. Nesse sentido, a escola também tem o papel de tratar questões inerentes ao cotidiano do aluno e, assim, contribuir para o convívio com a diversidade e o respeito às diferenças individuais.

Entende-se por diversidade como característica da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências de vida históricas e culturais, são únicos em suas personalidades são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Esta noção nos remete à ideia de diferenças de identidade construtivas dos seres humanos, das suas organizações sociais, etnias, nacionalidades, gêneros, orientação sexual, religiosidades. Enfim, diversidade de grupos sociais, de identidades do ser social em sua

singularidade que se constituem em espaços, em ambientes, em tempos históricos com características diversas (SANTA CATARINA, 2014, p. 54).

Segundo Sayão e Bock (2002), o termo gênero passou a ser usado no fim dos anos 70, com a luta do movimento feminista pela igualdade dos direitos entre gêneros, a fim de que perceba-se que a desigualdade entre gêneros parte do peso que a cultura exerce sobre nós. No mesmo período os LGBT (Lésbicas, Gays, Travestis, Transexuais e Transgêneros), também lutavam por respeito e igualdade.

As relações de gênero são referentes a como a sociedade e a cultura determinam o feminino e masculino, e consideram que a diferença biológica é apenas o ponto inicial para a construção social e cultural dos papéis de homens e mulheres na sociedade.

De uma forma ampla, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. O conceito de gênero foi elaborado para evidenciar que o sexo anatômico não é o elemento definidor das condutas da espécie humana (BRASIL, 2009). As características biológicas não explicam nem justificam as diferenças e desigualdades experimentadas por homens e mulheres.

A sexualidade é uma construção histórica, a partir de múltiplos discursos sobre sexo, discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem verdades (LOURO, 2007). A sexualidade envolve um processo contínuo e não linear, de aprendizado e reflexão por meio do qual, entre outras coisas, elaboramos a percepção de quem somos. Esse é um processo que se desdobra em meio às condições históricas, sociais e culturais específicas, pois nascemos dotados de determinadas capacidades biológicas, todo o resto se constrói e vai se formando ao longo da vida (BRASIL, 2009).

Por isso, expressões acerca da sexualidade humana são tão diversas e devem ser estudadas e analisadas em todas as perspectivas desde cedo, para que as crianças e adolescentes possam adquirir conhecimentos sobre o próprio corpo, a fim de eliminar possíveis preconceitos e sofrimentos gerados pela falta de informação sobre as questões relacionadas à diversidade humana.

A temática sexualidade é geralmente tratada como um tabu pelas famílias. Atualmente, as crianças e adolescentes acabam recorrendo à internet, conversas com amigos e outras fontes nas quais podem obter informações errôneas ou que geram mais dúvidas sobre a temática, o que pode prejudicar o desenvolvimento

deles. Segundo Bouer (2006, p.5) “[...] as escolas estão encarando o tema de modo muito mais leve, quase todas incluem aulas sobre sexualidade no seu currículo [...]” mesmo que focando a parte biológica do conteúdo. Porém não devemos esquecer a parte sociológica, afinal,

[...] a educação sexual fornece oportunidades para explorar os próprios valores e atitudes e para desenvolver habilidades de tomada de decisão, comunicação e redução de riscos (**saúde, abuso, aborto, prostituição, bullying, gravidez, DSTs**) em relação a muitos aspectos da sexualidade (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2010, grifo nosso).

Esta pesquisa justifica-se pela biblioteca escolar ser um ambiente destinado à função de educar e fomentar o senso crítico da comunidade escolar, e principalmente dos alunos. A temática gênero e sexualidade na escola, vem sendo destacada com frequência, fazendo parte da matriz curricular e sendo alvo de muitos estudos na escola em relação à atuação e conscientização de questões relacionadas à gênero e sexualidade na infância e adolescência. Por isso, entendo ser necessária a proposta deste estudo, que tem por finalidade identificar e conhecer o que os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Educação de Florianópolis manifestam a respeito da temática gênero e sexualidade.

Para entender as motivações² em abordar esta temática na dissertação de mestrado é necessário fazer um breve relato da minha experiência como bibliotecário da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Em dezembro de 2012, iniciei minha trajetória na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, em uma biblioteca escolar. Logo me impressionei com a estrutura e organização do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC), na época cerca de 25 bibliotecários(as) atuavam nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Comecei a participar das formações continuadas e de todas as atividades que fazem parte do cotidiano escolar.

Com o intuito de buscar um maior entendimento das questões relacionadas à biblioteca escolar, fiz a especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse período, as questões relacionadas à educação sexual, gênero e sexualidade já “pipocavam” em minha

² Peço licença aos leitores para usar as 1ª e 3ª pessoas em minha dissertação, pois por ser uma pesquisa com forte influência fenomenológica, é comum também, expressar as percepções do pesquisador.

cabeça devido aos inúmeros casos presenciados na escola, e algumas falas de colegas bibliotecários(as) durante os cursos de formação.

Por muitas vezes, colegas perpetuavam discursos que poderiam ser considerados discriminatórios ou que causariam exclusão de livros que tratassem acerca desses temas e até mesmo pessoas, dentro da biblioteca. Em minha vivência dentro da escola percebi também professores receosos em falar sobre a temática, e certo estranhamento ou despreparo quando situações relacionadas a essas temáticas chegavam à escola.

Muitas vezes percebi, naquele ambiente, falta de entendimento ou de preparo em relação a essas temáticas. Fiquei preocupado porque, mesmo que inconscientemente, bibliotecários(as), professores(as) ou outros(as) profissionais envolvidos no processo de educação, talvez contribuíssem, para a perpetuação de discursos discriminatórios dentro da escola (podemos entender também que algumas pessoas, possuem informação e, mesmo assim, são preconceituosas).

Desenvolvi na especialização, a monografia “Gênero e sexualidade nas bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis”, que tinha por objetivo mapear as obras sobre gênero e sexualidade no acervo das bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Para isso, elaborei um questionário com o propósito de descobrir qual a opinião dos(as) bibliotecários(as) sobre a temática gênero e sexualidade, assim como a utilização das obras relacionadas à temática.

Após a conclusão da especialização percebi uma necessidade em minha pesquisa, pois a mesma era voltada especificamente para as obras sobre a temática. Porém, nos questionários e conversas informais, os(as) bibliotecários(as) pareciam ter muito a contribuir em relação a esses temas, revelando em seus questionários suas dúvidas, angústias, temores e por vezes, falta de entendimento sobre assuntos tão relevantes, dentro e fora do ambiente escolar.

Posteriormente, a monografia se tornou um artigo em coautoria com Estera Muszkat Menezes (orientadora) e Orestes Trevisol Neto (tutor), intitulado ³“Bibliotecário Escolar socializando a temática do gênero e sexualidade”, que foi publicado na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.

³ MARTINS, Guilherme; MENEZES, Estera Muszkat; TREVISOL NETO, Orestes. Bibliotecário escolar: socializando a temática do gênero e sexualidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, p. 944-959, 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1223>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

O baixo número de publicações na área de Biblioteconomia sobre o tema, também foi determinante para a escolha de uma pesquisa nessa área. Entendo que a temática deve ser inserida no contexto do cotidiano e da pesquisa, para se ter registro e discussão, dando destaque a uma temática pouco explorada no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

No âmbito nacional, os temas gênero e sexualidade se tornaram disputados pelos currículos escolares, nos quais os educadores querem incluir a temática na busca da formação global do indivíduo. Porém, existem instituições conservadoras que querem determinar os livros que devem estar na biblioteca escolar, bem como o conteúdo dos livros didáticos. Podemos citar a “ideologia de gênero” e o projeto da “escola sem partido” como os que podem interferir no acervo das bibliotecas escolares.

Perante à premissa de que as escolas contribuem na formação do indivíduo e que as bibliotecas escolares são ambientes que disponibilizam informação, que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, verifica-se em que medida as bibliotecas escolares lidam com uma suposta necessidade de informação a respeito da questão de ⁴“orientação sexual”. A educação sexual é um tema transversal dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 2001). Segundo Silva (2012),

os temas transversais são assuntos que devem ser abordados em todas as disciplinas escolares, ou seja, o trabalho sobre “orientação sexual” como tema transversal, segundo a proposta dos PCNs, se dará articulada com outras áreas do conhecimento (SILVA, 2012, p. 35).

A biblioteca e o(a) bibliotecário(a) precisam estar incluídos nas questões relacionadas à transversalidade do currículo, tendo em vista o papel desempenhado dentro da escola de acesso à informação e potencial transformação da realidade dos alunos, com foco no respeito e na diversidade.

Considera-se que as bibliotecas escolares são ambientes de aprendizado e convivência dentro da escola, e que o(a) bibliotecário(a) deve estar atento a todas as temáticas que circundam o ambiente escolar, portanto, foram escolhidos os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis para participar da pesquisa.

⁴ Orientação sexual aqui, refere-se ao trabalho realizado nas escolas de orientação às questões relacionadas à sexualidade. O termo mais adequado, e que será utilizado na presente pesquisa, será “educação sexual”.

A partir dos pontos apresentados, surgiu como foco desta pesquisa, o interesse em ouvir os(as) bibliotecários(as) escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, com o intuito de conhecer o que os mesmos manifestam por meio da fala, sobre a temática gênero e sexualidade a partir da realização de suas atividades no cotidiano da biblioteca.

Diante do exposto, questiona-se: Como os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis percebem a importância da inserção da temática gênero e sexualidade na execução das atividades cotidianas da biblioteca escolar e qual importância atribuem à mesma?

Tendo em vista as atividades desenvolvidas pelo(a) bibliotecário(a) escolar e o papel que desempenha dentro e fora da biblioteca, este estudo tem como objetivo geral: Conhecer a percepção que os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis têm acerca da importância da inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas profissionais.

Os objetivos específicos, que têm por intuito responder à pergunta de pesquisa, são:

- a) Levantar os discursos de bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis a respeito da inserção da temática nas escolas;
- b) Verificar a percepção que os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis atribuem aos conceitos de gênero e sexualidade por meio da representação social deste coletivo;
- c) Verificar como a inserção da temática gênero e sexualidade está contemplada dentro das práticas dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis por meio da representação social deste coletivo;
- d) Propor uma oficina sobre gênero e sexualidade na biblioteca escolar, com base nas necessidades levantadas nos discursos do coletivo.

O presente trabalho está estruturado em seis capítulos que buscam dialogar com seus leitores a respeito da temática proposta. Este é o capítulo introdutório, que visa apresentar a temática e destacar os objetivos e pergunta de pesquisa, bem como as justificativas que levaram à escolha da temática gênero e sexualidade como tema de pesquisa.

Os capítulos dois e três aprofundam as discussões conceituais que sustentam a pesquisa. O segundo capítulo aborda os conceitos de biblioteca e o(a) bibliotecário(a) escolar, gênero e sexualidade e as ligações entre essas abordagens.

O terceiro capítulo apresenta a fundamentação teórico-metodológica adotada na pesquisa, com abordagem acerca da sociologia do conhecimento, do configuracionismo sócio-histórico e da teoria das representações sociais.

O quarto capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, como a caracterização e a delimitação, os instrumentos, procedimentos e técnica para organização dos dados discursivos.

Já o quinto capítulo revela o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), presente na fala dos(as) bibliotecários(as) entrevistados na pesquisa, a análise dos mesmos e a proposta de um produto. Por fim, no capítulo seis são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

A questão levantada nesta pesquisa será relevante tanto para o campo da Biblioteconomia, como para a área de educação sexual. A abordagem estimulará a reflexão das práticas profissionais e um novo olhar sobre a educação sexual no município de Florianópolis. A partir da pesquisa, busca-se evidenciar a importância da inserção da temática gênero e sexualidade, nas práticas do dia a dia das bibliotecas escolares, que vise a uma educação com base no respeito à diversidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

Tendo em vista a amplitude e notoriedade com que a temática gênero e sexualidade tem sido discutida nas práticas pedagógicas, e para a construção de uma sociedade que respeite a diversidade sexual, faz-se necessário entender seu significado, o contexto em que essa questão está inserida na sociedade e qual seu impacto, consequências e desafios futuros no âmbito escolar.

Inicialmente, de forma mais geral, são apresentados neste capítulo os conceitos de biblioteca escolar, o papel do(a) bibliotecário(a) e a inserção da temática gênero e sexualidade no contexto atual, com a finalidade de caracterizar o universo em que a pesquisa está inserida.

2.1 BIBLIOTECA E BIBLIOTECÁRIO(A) ESCOLAR

Entre os muitos tipos de bibliotecas (escolar, universitária, pública, especializada, comunitária) e o desenvolvimento delas com o passar dos anos, pode-se considerar a biblioteca escolar uma das mais importantes, devido ao seu papel pedagógico e de auxílio no processo de ensino-aprendizagem desde a infância.

Dentre as suas características, evidenciam a proximidade com a escola e a sala de aula. Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p. 23) definem que biblioteca escolar “localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar integrado ao processo de ensino-aprendizagem”. Logo, a biblioteca escolar é a peça fundamental dentro dessa estrutura, tendo também como um de seus principais objetivos:

[...]a formação do cidadão consciente e capaz de um pensamento crítico e criativo. Isso significa uma maior participação do bibliotecário no processo cultural do qual fazem parte, também, os professores, pedagogos, escritores e pesquisadores que veem a leitura um ato de conscientização do indivíduo (CALDIN, 2005, p. 163).

Pires, Ribeiro e Klebersson (2013) acrescentam que o profissional da informação deva ser um agente educador com relação à construção da cidadania, uma vez que a informação é considerada um bem simbólico e o seu acesso torna-se essencial para a efetivação de uma consciência cidadã.

Assim, pode-se considerar que a biblioteca escolar exerce papel singular dentro das escolas como um “centro dinâmico de informação da escola, que interage com a sala de aula” (ANTUNES, 2005, p, 169). Junto com a escola, a biblioteca escolar precisa cumprir sua missão de transmitir e perpetuar conhecimentos, desenvolver e estimular a sociabilidade e a cultura entre os indivíduos dentro e fora da escola.

Contudo, conforme expressam Serafini e Zanotto (2011), nem sempre a biblioteca foi percebida desta forma:

Quando surgiram as primeiras bibliotecas, a grande preocupação era a guarda, o armazenamento, a preservação, sendo o acesso para poucos. A biblioteca escolar modificou a sua ação, antes voltada para o acervo e agora inclui o usuário (SERAFINI; ZANOTTO, 2011, p. 13).

O foco das bibliotecas passou a ser os usuários, com o surgimento dos estudos de uso de seus recursos como sua razão de existir. A biblioteca escolar pode ser considerada um local de leitura e de entretenimento para seus frequentadores, um lugar que os estudantes podem visitar por interesse e não somente por serem compelidos a fazer trabalhos e pesquisas escolares (PITZ; SOUSA; BOSO, 2011).

Para Berh, Moro e Estabel (2008, p. 13) a “biblioteca passou a acolher, além do ser humano, o ser social”, desta forma, a visão da biblioteca sendo utilizada como local de castigo, ou para depósito de livros, se torna cada dia mais obsoleta.

A biblioteca escolar conta com bibliotecários(as) preparados tecnicamente no trato da informação e também como agentes socializadores. Assim, “é consenso dos educadores que o desempenho escolar flui melhor quando a escola tem uma biblioteca dinâmica” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 25), e quando os frequentadores participam ativamente das atividades desenvolvidas na escola e o(a) bibliotecário(a) torna-se peça fundamental dentro da comunidade escolar, tendo em vista seu papel de disseminador da informação.

De acordo com Castro Filho (2008, p. 73) para que os

[...] objetivos da educação possam ser atingidos, é necessário que os meios utilizados sejam compatíveis e eficazes. Um dos meios educativos, a biblioteca, é o recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e de suporte a programas educacionais.

As diretrizes para bibliotecas escolares, da Federação Internacional das associações de bibliotecas e bibliotecários (IFLA), publicada em 2002 e revista em 2015, foram desenvolvidas para auxiliar os(as) profissionais de biblioteca escolar nos seus esforços para assegurar que todos tenham acesso aos programas e serviços de biblioteca eficazes, prestados por profissionais qualificados.

As diretrizes da IFLA destacam que as bibliotecas escolares têm de lutar para serem relevantes às necessidades de aprendizagem de toda a comunidade escolar, para responderem ponderadamente às mudanças no ambiente de informação. O objetivo da biblioteca escolar é desenvolver alunos letrados em informação que participem responsável e eticamente da sociedade (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015).

A biblioteca escolar pode ser definida, segundo as diretrizes da IFLA, como um espaço de aprendizagem físico e digital na escola, onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para seu crescimento pessoal social e cultural (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015).

Cabe lembrar que, como parte integral no processo de ensino-aprendizagem a biblioteca escolar deve cumprir alguns objetivos, complementando os já citados, conforme deliberado no Manifesto da IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares:

- a) Apoiar e promover os objetivos educativos delineados de acordo com as finalidades e curriculum da escola;
- b) Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- c) Proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento;
- d) Apoiar os estudantes na aprendizagem e prática de capacidades de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza, suporte ou meio, usando de sensibilidade relativamente aos modos de comunicação de cada comunidade;
- e) Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- f) Organizar atividades que favoreçam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade;

- g) Trabalhar com os estudantes, professores, administradores e pais de modo a alcançar as finalidades da escola;
- h) Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia;
- i) Promover a leitura e os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e do meio. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015, p. 2).

Esses objetivos destacam a necessidade de a biblioteca escolar estar integrada com a instituição mantenedora e desenvolver atividades junto à comunidade escolar. Além disso, destaca-se que, no interior da escola, a biblioteca é potencialmente um dos espaços que mais pode contribuir para o despertar da criatividade e do espírito crítico no aluno, tendo em vista os diversos tipos de materiais que constituem o seu acervo e os variados serviços e atividades que podem ser desenvolvidos (CASTRO FILHO, 2008), visando a ampliação do senso crítico do aluno, interesse pela leitura e formação social das crianças e dos adolescentes.

O papel da biblioteca escolar está diretamente ligado à formação dos sujeitos, sendo assim, para Silva e Bortolin (2006, p. 26) a “biblioteca pode ser compreendida como um espaço de expressão e aprendizado”. Portanto, a biblioteca possui papel de destaque dentro da escola.

No Brasil, em 24 de maio de 2010, foi publicada pelo Governo Federal, a Lei nº 12.244, que dispõe sobre a universalização de bibliotecas em instituições de ensino no Brasil. A publicação define biblioteca escolar como uma “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte” (BRASIL, 2010).

O artigo 1º define que “as instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país contarão com bibliotecas” (BRASIL, 2010). Além disso o documento estipula, quantidade mínima do acervo, orienta quanto ao respeito à profissão bibliotecária e prevê como meta que em 2020 todas as escolas possuam bibliotecas.

Duarte (2017) reflete que,

No Brasil ideal, todas essas bibliotecas escolares possuiriam bibliotecários.
No Brasil ideal, todos esses bibliotecários teriam especialização em

biblioteconomia escolar que lhe garantiria essa formação adicional em tópicos como estudos sobre a infância; literatura infanto-juvenil; necessidades informacionais de crianças; necessidades informacionais de jovens; recursos informacionais para crianças e jovens; alfabetização e letramento; letramento/competência informacional; bibliotecas digitais; papel educacional do especialista em informação; entre outros (DUARTE, 2017, p.19).

Santos (2007, p.1) enfatiza que a biblioteca é fundamental “pelas possibilidades de múltiplas leituras, pela contestação e diálogo com o conhecimento e, principalmente, pelo papel estimulador de propor novas questões, que podem ser objeto de pesquisa”. É preciso uma preocupação permanente com a responsabilidade social da biblioteca e, portanto, com o papel do bibliotecário de agente social, a partir de um trabalho interdisciplinar (TARGINO, 1984).

Segundo Fragoso (2002), as funções que a biblioteca escolar desenvolve podem ser classificadas em duas categorias: a educativa e a cultural.

Na função educativa, ela representa um reforço à ação do aluno e do professor. Quanto ao primeiro, desenvolvendo habilidades de estudo independentes, agindo como instrumento de autoeducação, motivando a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando na formação de hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização do livro, da biblioteca e da informação. Quanto à atuação do educador e da instituição, a biblioteca complementa as informações básicas e oferece seus recursos e serviços à comunidade escolar de maneira a atender as necessidades do planejamento curricular. Em sua função cultural, a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, levar os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo (FRAGOSO, 2002, p. 127).

No entanto, para desenvolver essas funções não é suficiente que na escola tenha uma biblioteca bem estruturada se não conta com um profissional comprometido para desenvolver suas funções educativa e cultural.

Para Almeida, Costa e Pinheiro (2012) é necessário que a escola ofereça, além de uma biblioteca com um bom acervo, um bibliotecário. As atividades inerentes ao bibliotecário, nas bibliotecas escolares, são importantes para que esta torne-se, de fato, parte integrante e ativa das escolas. Ao bibliotecário cabe uma grande parcela da responsabilidade pelos resultados das ações realizadas dentro da biblioteca e na escola.

O(a) bibliotecário(a) escolar, além de dominar as técnicas, planejamento e organização da unidade de informação, tem a função de cativar e conquistar os alunos. Faz-se necessário ser um profissional comunicativo e participativo em

relação às atividades da instituição que atua, a fim de desenvolver o senso crítico dos alunos, auxiliar professores no processo de pesquisa e colaborar com a comunidade escolar para formação social dos alunos.

Para Almeida Júnior (2006 p. 54) “o bibliotecário escolar é aquele que reconhece sua profissão como importante e necessária para a sociedade e se reconhece como agente de transformação social”. Nesta visão, Blattmann e Cipriano (2005, p.5) ressaltam que “bibliotecário ativo na escola é aquele que participa da elaboração do currículo da escola. Esse torna a sua biblioteca um diferencial, notado e conseqüentemente faz a diferença”, na comunidade escolar e não apenas dentro da biblioteca.

Neste sentido, Caldin (2005) enfatiza que,

[...] em um mundo em constantes mudanças, não cabem mais os procedimentos ditos tradicionais. O bibliotecário tem que largar seu papel passivo, de processador técnico de livros e desempenhar um papel ativo: agente de mudanças sociais (CALDIN, 2005, p. 164).

Portanto evidencia-se que, o(a) bibliotecário(a) deverá conhecer o cenário no qual a sua escola está inserida, para contribuir, entender e atender às necessidades de sua comunidade.

Ainda sobre o acima mencionado, as diretrizes da IFLA/UNESCO para as bibliotecas escolares (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015, p.12) ressaltam que “o bibliotecário deve criar um ambiente de entretenimento e aprendizagem que seja atrativo, acolhedor e acessível para todos, livres de qualquer medo ou preconceito”, a fim de auxiliar no desenvolvimento crítico e criativo do indivíduo e repassar informações sobre seus direitos e deveres, o(a) bibliotecário(a) dentro das escolas atua como um(a) educador(a).

Sales (2004) ressalta que, para que a atuação do(a) bibliotecário(a) junto às ações pedagógicas da escola sejam efetivamente concretas, cabe a ele o:

[...] estímulo ao uso da biblioteca pelos professores, participação em reuniões pedagógicas e de planejamento, participação efetiva na elaboração e manutenção do projeto político pedagógico, elaboração de atividades que estimulem a crítica a partir, por exemplo, da leitura, e, sobretudo, consciência de que sua atuação tem importante participação no processo de despertar do senso crítico dos alunos (SALES, 2004, p. 55).

O(a) bibliotecário(a) escolar destaca-se também por exercer a função de educador(a), uma vez que ele(a) é o(a) mediador(a) da informação. Assim, um dos papéis do(a) bibliotecário(a) é o de “ensinar o aluno a pensar e, portanto, é sua função também ensinar os usuários, a pensar, refletir e questionar os saberes registrados” (CALDIN, 2005, p. 164). Ele deve ter os conhecimentos técnicos voltados para obras de estudo e pesquisa da comunidade escolar.

Faz-se necessário ter consciência que é na “fase inicial da vida escolar que se criam as raízes e o fortalecimento do ser humano como um ser consciente e crítico do espaço que ocupa” (HILLESHEIM; FACHIN, 2003/2004, p. 4).

O(a) bibliotecário(a) escolar pode desenvolver um papel fundamental na formação social das crianças, tendo em vista o papel de educador desenvolvido por todos os membros da comunidade escolar. Por isso, de fato cabe ao bibliotecário(a),

[...] além de sua formação acadêmica, que tem por obrigação lhe oferecer os conhecimentos necessários ao desenvolvimento de seu trabalho, o bibliotecário escolar tem como preocupação realimentar seus conhecimentos e habilidades com uma educação continuada, ou seja, procurar manter-se informado e atualizado tanto em sua área profissional quanto na parte pedagógica por meio de leituras, palestras, reuniões e cursos entre outros (BICHERI; ALMEIDA JUNIOR, 2013, p. 43).

A formação bibliotecária ainda hoje tem forte influência tecnicista, apesar dos esforços de se incluir a reflexão dentro do ensino, é comum os currículos estarem voltados para normas, técnicas e códigos, e visarem a um trabalho técnico dentro das unidades de informação.

Pinheiro (2009) observa que, cabe ao bibliotecário escolar, por meio de seu trabalho, constituir um “ambiente acolhedor” para que o aluno se sinta bem, transformando a biblioteca em um local de socialização de saberes e não apenas de armazenamento de informações.

Para Almeida, Costa e Pinheiro (2012, p. 472) o “bibliotecário precisa conhecer seus usuários e acompanhar as preferências literárias de cada leitor, procurar estratégias para satisfazê-las e, assim, formar leitores”. Dessa forma, o “bibliotecário escolar tem um papel fundamental ao compartilhamento de saberes no processo de transmissão do conhecimento” (ALMEIDA; COSTA; PINHEIRO, 2012, p. 475).

Caldin (2005), por sua vez, aponta que as ações desenvolvidas pelo bibliotecário escolar visam à educação em um sentido amplo, incluindo a formação

de hábitos e atitudes dos alunos. O bibliotecário deve lutar pela conquista de oportunidades sociais; possibilitar a todos os estudantes o acesso à informação; estimular, coordenar e organizar o processo de leitura para que, por meio dela, o indivíduo amplie seus conhecimentos, bem como suas capacidades críticas e reflexivas que lhe permitirão uma atuação melhor na sociedade.

As possibilidades de ações são inúmeras. Resta ao bibliotecário(a) utilizar-se de elementos diversos para diminuir a distância estabelecida entre os alunos e os livros (MUNHOZ et al., 2010), exercendo seu direito de acesso à informação e socializando o que leu com os colegas, dentro e fora da biblioteca. A experiência do aluno com a biblioteca escolar pode determinar a futura relação do leitor com os livros, a leitura e as demais bibliotecas.

Cabe ao bibliotecário(a), por vezes, estimular e problematizar as questões que circundam o ambiente escolar, promovendo a conscientização da comunidade escolar e convidando os professores a trabalhar questões relacionadas a transversalidade do currículo, com o propósito de eliminar preconceitos e respeitar a diversidade.

2.2 GÊNERO E SEXUALIDADE

A escola é um local no qual se exerce a educação para a construção de saberes e também valores dos alunos, por isso o ensino é essencial dentro da escola, para o auxílio no processo de ensino-aprendizagem e formação social dos alunos.

Segundo Farias e Cunha, (2009, p.25) “a educação é a base elementar dos direitos sociais, sendo obrigatória para todos em idade escolar”. Essa educação dá-se por meio da interação professor(a)/aluno(a), mas também pode haver mediação de outros profissionais e elementos participantes da comunidade escolar. Como afirmam Garcez e Carpes (2006, p. 64) “a educação prepara o educando para convívio em sociedade”, os saberes adquiridos no decorrer da vida, podem ser aplicados ao longo da existência deste indivíduo.

Como a escola tem papel fundamental na formação social e cultural do aluno, faz-se necessário trabalhar com os alunos uma gama de temáticas de relevância social, como as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade que dizem respeito à diversidade humana,

[...] a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. Uma construção que ultrapassa as características biológicas observáveis a olho nu. Neste sentido, as diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação dos seres humanos ao meio social e no contexto das relações de poder. Dessa forma, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa maneira porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos (GOMES, 2007, p. 17).

As curiosidades a respeito da sexualidade são algo comum na vida da criança e do adolescente e fazem parte de sua formação, portanto os acompanha durante todo o período escolar. Assim, negar informações pode ser muito prejudicial para a formação e interação social deles.

Conforme Louro (2008), a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente, através de inúmeras aprendizagens e práticas, por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. A temática tem importância na formação global do indivíduo, “o tema sexualidade humana é inesgotável porque é dinâmico e vivencial, requerendo contínua pesquisa” (GUIMARÃES, 2002, p, 15).

A educação sexual, no discurso de Sayão (1997, p. 112) informa-nos que:

[...] ocorre, na verdade, desde o nascimento. É predominantemente no território familiar, da intimidade, que são transmitidas à criança as primeiras noções e valores associados à sexualidade, em geral não explicitamente. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de recomendações, nas expressões, nos gestos e proibições que estabelecem, tudo isso transmite os valores que a criança incorpora. O fato de a família possuir valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença ou não, e a forma como o faz determina em grande parte a educação das crianças.

Contudo, ainda hoje, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades (LOURO, 2008). Desde os primórdios da humanidade, as questões relacionadas à sexualidade humana têm destaque na dinâmica vivenciada pela sociedade, as relações de poder e os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, são reflexos dessa dinâmica.

Gurgel (2010, p. 61) destaca que “a descoberta de que o corpo é uma importante fonte de prazer costuma vir acompanhada de perguntas sobre sexualidade”. Contudo, muitas vezes as crianças e/ou adolescentes são repreendidas dentro de casa ao tentar perguntar algo sobre essas questões. “Hoje a conversa

sobre a sexualidade entre pais e filhos é muito mais comum do que na geração passada. No entanto ainda há famílias em que o tema é quase um assunto proibido” (BOUER, 2006, p. 46), devido a questões de cunho cultural, religioso, social e pessoal.

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área de sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco de contaminação pelo HIV entre os Jovens (BRASIL, 2001).

Os PCNs (BRASIL, 2001) foram⁵ orientações fundamentais para consolidar a educação sexual como uma questão escolar. Em livro de formação de professores(as) sobre gênero e diversidade na escola, é apresentado o que os PCNs representam na prática escolar:

Os PCNs apresentam a educação sexual como um tema transversal, nomeado como “orientação sexual”, a ser trabalhado nas escolas brasileiras. De acordo com essa proposta, os temas transversais tematizam problemas que, no âmbito das políticas públicas, são considerados fundamentais e urgentes para a vida social, sendo o tema “orientação sexual” justificado pelo crescimento de casos de gravidez entre adolescentes e em função do risco da contaminação pelo HIV (BRASIL, 2009).

A proposta dos PCNs previu que a educação sexual fosse trabalhada por todas as disciplinas ministradas na escola, ou seja, nas diferentes áreas do currículo. A sexualidade deveria ser trabalhada por todos os(as) educadores(as) a partir de uma perspectiva histórica, científica, artística e cultural (BRASIL, 2009). O trabalho realizado pela escola de educação sexual, não substitui, nem concorre com a função da família, antes a complementa,

[...] a escola ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seu (BRASIL, 2001, p. 122).

A educação sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. A escola deve informar aos familiares dos alunos sobre

⁵ Atualmente está em discussão a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento equivalente aos PCNs.

a inclusão de conteúdos de educação sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta (BRASIL, 2001).

A expressão educação sexual é mais adequada do que orientação sexual como utilizada nos PCNs, pois possibilita conceber o educando, aquele que aprende, como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não como mero receptor passivo de conhecimentos, informações e/ou orientações (FIGUEIRÒ, 2013).

Para Louro (1998), a escola tem se preocupado ao longo da história em disciplinar e normatizar os indivíduos, sendo, portanto, um dos principais meios de regulação e formação de identidades, tanto de gênero quanto de sexualidade. A UNESCO (2010) define educação sexual

[...] como uma abordagem apropriada para a idade e culturalmente relevante ao ensino sobre sexo e relacionamentos, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas, e sem pré-julgamento[...] (UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2010, p. 2).

Contudo Guimarães (2002), afirma que em algumas instituições escolares ainda há pudores quanto ao “falar de sexo” e preconceitos em relação à educação sexual. A sexualidade é, portanto, muito mais complexa do que o ato sexual ou reprodução humana, ela refere-se aos sentimentos, desejos, relacionamentos entre pessoas, incluindo nesse contexto as crianças (SARTORI; BRITTO, 2004).

Quando falamos em educação sexual no âmbito da escola, em geral nos reportamos a experiências muito pontuais e esporádicas, que se pautam basicamente pelo viés da prevenção, abordam doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, ressaltam os processos biológicos que envolvem tais situações (FELIPE, 2008, p. 31) deixando, muitas vezes, de lado a discussão sobre a diversidade sexual, as identidades e o respeito às diferenças.

Em relação ao âmbito nacional, ainda são poucas as políticas educacionais que visam a educação que respeite as questões relacionada a gênero, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de 2015 e a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis de 2016, não apresentam subsídios para se trabalhar a temática e nem ao menos os citam,

demonstrando uma total exclusão da temática. Porém, a Proposta Curricular de Santa Catarina de 2014 apresenta a diversidade como um princípio formativo.

A referida proposta busca romper alguns padrões da educação no estado de Santa Catarina, criticando a visão de uma educação que se pautava por uma visão etnocêntrica, masculina e burguesa. Nesse sentido, há uma procura pelo respeito às diferenças, pois se entende que os sujeitos da diversidade somos todos nós (SANTA CATARINA, 2014).

Entre os pontos em discussão na Proposta Curricular de Santa Catarina na componente diversidade, estão em pauta: a educação para as relações de gênero; a educação para a diversidade sexual (orientação sexual e identidade de gênero); a educação e prevenção.

Após grande discussão e participação dos mais variados setores da educação e sociedade no geral, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) foi publicada em 2017. Porém, as questões relacionadas aos estudos das relações de gênero não foram contempladas no texto, devido à grande mobilização contrária à inserção da temática por parte da bancada conservadora do Congresso Nacional.

O principal paradigma a ser desconstruído (revisto, ressignificado) é o entendimento de que a sexualidade para as pessoas, independentemente da faixa etária, se justifica pelo objetivo da reprodução (FURLANI, 2008). A sexualidade é muita mais que apenas reprodução, ela é da ordem de cada indivíduo, diz respeito aos prazeres e às fantasias ocultas, aos excessos e perigos para o corpo e passou a ser considerada como a essência do ser humano individual e núcleo da identidade pessoal (TONELI, 2012).

Contudo, a sexualidade não é apenas sensação física. Ela é um conjunto de significados atribuídos pelo indivíduo às experiências corporais prazerosas (ANDRADE, 2004). Essas experiências acontecem no decorrer de toda a vida, incluindo a infância e adolescência, período de muitas descobertas do próprio corpo e do prazer.

Sexualidade é o termo abstrato utilizado para se referir às capacidades associadas ao sexo. Mas o que exatamente “sexo” significa? Várias coisas ao mesmo tempo. A palavra pode designar uma prática “fazer sexo” ou “manter relações sexuais com alguém”, assim como pode indicar um conjunto de atributos fisiológicos, órgãos e capacidades reprodutivas que permitem classificar e definir categorias distintas de pessoas como “do mesmo sexo”, “do sexo oposto”, segundo

características específicas atribuídas a seus corpos, a suas atitudes e a comportamentos (BRASIL, 2009).

Figueiró (2013) complementa, ao apontar que sexualidade inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, principalmente, os valores e as normas morais que cada cultura elabora o comportamento sexual.

Segundo os PCNs (BRASIL, 2001), a sexualidade é algo inerente à vida e à saúde que se expressa nas pessoas desde criança, e suas manifestações afloram em todas as faixas etárias. Para Silva (2012), a sexualidade é algo que está por natureza, inseparavelmente ligada ao ser humano. Logo, as manifestações da sexualidade se dão todos os dias e em todos os momentos da vida humana.

Destaca-se que é necessário abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, e medidas preventivas, mas também os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade (BRASIL, 2001), por isso a importância de uma educação em sexualidade que vise ao conhecimento do próprio corpo e às diferenças vivenciadas pelos indivíduos.

Como são temas de natureza privativa, tendo em vista o tabu com que essas questões ainda são tratadas por algumas famílias, alguns professores podem ter receio em trabalhar a temática, com medo de possíveis conflitos com as famílias das crianças e adolescentes. Entretanto, as expressões da sexualidade são muitas e necessitam ser entendidas para que haja o respeito às diferenças, para isso, é preciso diálogo.

Figueiró (2013, p. 21) afirma que orientação sexual “diz respeito à direção, ao rumo ou orientação do desejo sexual do indivíduo”. Pode-se dizer que é a atração afetivo-sexual por alguém, ligado à sexualidade, sendo diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero (JESUS, 2012).

A orientação sexual é o direcionamento da atração erótica do sentimento afetivo e da prática sexual. Ela pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual e depende do gênero pelo qual a pessoa desenvolve atração sexual e laços românticos. (FURLANI, 2008).

Orientação sexual refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje, são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração afetiva, sexual e erótica por pessoas

de outro gênero); a homossexualidade (afetiva, sexual e erótica por pessoas do mesmo gênero); e a bissexualidade (atração afetiva, sexual e erótica tanto por pessoas do mesmo gênero quanto pelo gênero oposto). O termo “orientação sexual” contrapõe-se a uma determinada noção de “opção sexual”, entendida como escolha deliberada e supostamente realizada de maneira autônoma pelo indivíduo, independente do contexto social em que se dá. Nossas maneiras de ser, agir, pensar e sentir refletem de modo sutil, complexo e profundo os contextos de nossa experiência social. Assim, a definição dos nossos objetos de desejo não pode resultar em uma simples opção efetuada de maneira mecânica, linear e voluntariosa (BRASIL, 2009, p. 124).

Os homossexuais e bissexuais continuam à luz das discussões mesmo na atualidade, por romperem com os padrões heterossexuais tidos como “normais”. A homossexualidade pode ser compreendida como uma possibilidade legítima de homens e mulheres viverem seus afetos e prazeres. A homossexualidade pode também, ser apresentada pelas palavras homoafetividade, homoerotismo, homoconjugalidade (FURLANI, 2007).

As principais associações científicas internacionais deixaram de classificar a homossexualidade como uma doença a partir dos anos 1970. Esse processo culminou no dia 17 de maio de 1990, quando a Assembleia Geral da Organização Mundial da Saúde – OMS retirou o termo e o conceito de “homossexualismo” de sua lista de doenças mentais, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão”. No dia 22 de março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia do Brasil estabeleceu, por meio da Resolução nº 001/99 as “Normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual”. Elas determinam que os psicólogos não devem exercer qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem devem colaborar com eventos e serviços que proponham “tratamento” e “cura” da homossexualidade (BRASIL, 2009, p.5).

Furlani (2007) aponta que homens e mulheres podem ser homossexuais. Nas relações entre homens, seus integrantes são comumente chamados de gays. Costuma-se denominar a homossexualidade feminina de lesbianismo e as mulheres homossexuais de lésbicas.

Não há como negar a necessidade de se tratar o tema da sexualidade na escola. Uma vez que ele acompanha e se manifesta nas pessoas e por isso está sempre presente na escola. Ele está

[...] em seus diversos ambientes, momentos e situações e que de diversas maneiras a escola interfere na construção da sexualidade das/os adolescentes, seja pelo simples fato de promover o contato e a interação entre as/os estudantes, seja incluindo conteúdos e desenvolvendo estratégias de ensino que visem problematizar posturas, crenças, mitos e tabus relativos à sexualidade ou, ainda, permitindo que as/os educandas/os

se expressem sobre o tema manifestando suas inquietações. (RABELLO, 2012 p. 65).

O gênero está na base de todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente relacionado à sexualidade, ele está ligado a como se determinam as diferenças e múltiplas identidades incorporadas pelos indivíduos (SARTORI; BRITTO, 2004). Em uma perspectiva histórica dos estudos de gênero, esta palavra, conceito ou categoria passou por inúmeros processos de significação. Este processo se iniciou no século XIX, com a chamada primeira onda feminista (RIBEIRO, 2012).

O feminismo possibilitou a crítica aos modelos de dominação e subordinação, demonstrou as desigualdades sociais entre homens e mulheres no acesso ao direito, à educação, ao voto, ao patrimônio familiar, à justiça, ao trabalho, aos bens materiais, etc. Questionou as representações acerca do “ser mulher” e do “ser feminino”, estudou o patriarcado, o machismo e a heteronormatividade e vem demonstrando caráter de construção social e cultural dessas representações, numa sociedade misógina e sexista (FURLANI, 2011).

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídos a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito aos atributos anatômico, no conceito de gênero desenvolveu-se a noção de masculino e feminino como construção social (BRASIL, 2001),

o conceito de gênero, hoje em dia corrente nas páginas de jornal e nos textos que orientam as políticas públicas, nasceu de um diálogo entre o movimento feminista e suas teóricas e as pesquisadoras de diversas disciplinas – história, sociologia, antropologia, ciência política, demografia, entre outras (BRASIL, 2009, p. 41).

A compreensão do que significa gênero possibilita identificar os valores atribuídos a homens e mulheres bem como às regras de comportamento decorrentes desses valores (GUIMARÃES, 2010). O conceito de gênero “suruiu pela necessidade de acentuar o caráter eminentemente social das diferenças percebidas entre os sexos” (LOURO, 2011, p. 63). Cada sujeito constrói seu gênero a partir de sua própria vivência, dentro da sua sociedade, por isso as expressões do gênero são diferentes nas sociedades e culturas.

Para Meyer (2008, p. 16) evidencia-se no conceito de gênero:

- a) Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado completo;
- b) O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade;
- c) Gênero introduziu mais uma mudança que continua sendo, ainda hoje, alvo de polêmicas importantes no campo feminista. Trata-se do fato que o conceito sinaliza não apenas para mulheres e nem mesmo toma exclusivamente suas condições de vida como objeto de análise. Em vez disso, ele traz implícita a ideia de que as análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações – de poder – entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como “sujeitos de gênero”.
- d) Por último o conceito de gênero propõe, um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção e ressignificação. (MEYER, 2008, p. 16).

O gênero é socialmente construído por nós, no cotidiano da família, da escola, da rua, na mídia. Então, supõem-se que essas convenções sociais podem ser transformadas, ou seja, discutidas, criticadas, questionadas, modificadas em busca da equidade social entre homens e mulheres, do ponto de vista do acesso aos direitos sociais, políticos e civis, educadores têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero (BRASIL, 2009).

Ao se falar em gênero, não se fala apenas em macho ou fêmea, homem e mulher, a partir do olhar biológico. O gênero remete, também a outros corpos como a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito às disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configuração de identidades em outros sujeitos (BRASIL, 2009). É a partir da categoria gênero, que sujeitos LGBT podem ser compreendidos no mundo social atual, o que torna essa categoria imprescindível aos sujeitos da diversidade sexual.

Na escola as questões de gênero estão presentes desde cedo e são um reflexo das situações vividas em sociedade como, por exemplo: brincadeira de meninos e meninas, cores (azul de menino, rosa de menina), brinquedos (carrinhos de meninos, bonecas de meninas) e comportamentos que desde cedo evidenciam as diferenças entre os gêneros masculino e feminino (MARTINS; MENEZES; TREVISOL NETO, 2016). Existe uma tendência em se enaltecer características de sentimentos, delicadeza, comportamento para meninas e força, coragem, destreza para os meninos.

Furlani (2008) colabora ao afirmar que a educação sexual pode articular os estudos das relações de gênero com o processo de formação das crianças e adolescentes. Costuma-se dizer que a sociedade é machista, sexista, homofóbica e misógina. Esses tipos de preconceitos são construídos a partir de enunciados discursivos, ao longo de toda nossa vida que nos são ensinados.

A escola assume papel importante na educação continuada, que sabidamente, constitui as representações sociais acerca de homens e mulheres de modo desigual. Se um preconceito foi aprendido, é porque foi ensinado, por alguém ou algo. A educação sexual pode apresentar contraponto sobre essa educação desigual em gênero, para meninos e meninas numa prática pedagógica que deve ser sempre desenvolvida a partir da educação (FURLANI, 2008).

A identidade de gênero pode ser entendida como o gênero com o qual a pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa, identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bi, tanto quanto pessoas cisgênero (JESUS, 2012).

Falamos em identidade de gênero para nos referirmos à maneira como alguém se sente, se identifica, se apresenta para si e para os demais e como é percebido/a como “masculino” ou “feminino” ou, ainda, uma mescla de ambos, independente tanto do sexo biológico quanto da orientação sexual (BRASIL, 2009).

Para algumas pessoas, a vivência de gênero discordante do sexo é uma questão de identidade, é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas coletivamente como parte do grupo chamado transgênero (JESUS, 2012). Para Grossi (20--), a identidade de gênero remete à constituição do sentimento individual de identidade.

Nem sempre a identidade de gênero corresponde ao sexo com o qual o indivíduo nasceu. Ou seja, nem sempre sua identidade de gênero corresponde a sua identidade sexual. Dito de outra forma, o indivíduo pode nascer com o sexo masculino (identidade sexual) e sentir-se uma mulher (identidade de gênero) ou vice-versa. No caso dos(as) travestis, o que há, na maioria dos casos, são indivíduos que nasceram com um determinado sexo, mas se identificam com o significado social associado ao outro sexo. Portanto, sua identidade de gênero não corresponde a sua identidade sexual (LIMA, 2011, p. 169).

A identidade de gênero se estabelece mais ou menos na mesma idade em que a criança adquire a linguagem, a partir desse momento estrutura-se o “núcleo da identidade de gênero”, ou seja, o sentimento de ser menino ou menina. Esse núcleo é praticamente inalterável, pois, mesmo que haja mudança na identidade de gênero, esta não o atinge. Isso possibilita compreender por que um sujeito homem pode não só experimentar-se homem, mas também masculino, ou um homem afeminado, ou um homem que se imagina mulher (travesti). No entanto, suas experiências, sua “visão de mundo” estarem caracterizadas como de um “ser homem” (SARTORI; BRITTO, 2004). As identidades de gênero podem ser entendidas como:

Cisgênero: conceito que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Transgênero: conceito que abrange grupos diversificados de pessoas que não se identificam em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhe foi determinado quando de seu nascimento (JESUS, 2012, p. 14).

Para Stoller (1978), todo indivíduo tem um núcleo de identidade de gênero, que é um conjunto de convicções pelas quais se considera socialmente o que é masculino ou feminino. Este núcleo não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas podemos associar novos papéis a esta "massa de convicções".

Grossi (20--) destaca que devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivo-sexuais, porque a sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução. Além de diferentes formas de interpretar a situação das mulheres em nossa cultura, categorias como sexo e gênero, identidade de gênero e sexualidade são tomadas muito seguidamente no Brasil como equivalentes entre si.

De uma forma simplificada, Grossi (20--) diz que:

- Sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres;
- Gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de papéis sexuais);
- Identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada;
- Sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos (GROSSI, 20--, p. 12).

A sexualidade humana é dirigida às vezes de maneira rigidamente estruturada, em cada cultura particular. Toda a cultura tem uma configuração sexual distinto, com seus próprios padrões especializados de conduta sexual e seus pressupostos “antropológicos” na área sexual. (BERGER; LUCKMAN, 2007, p. 73).

Na luta de grupos socialmente oprimidos como: gays, lésbicas, mulheres, negros(as), é que se constrói o respeito à diversidade. Esses grupos lutam contra a heteronormatividade. Pode-se entender heteronormatividade como a “regra” social que estabelece o padrão heterossexual como “normal” e “desejável para todos os indivíduos (LIMA, 2011). Essa denominação é defendida por grupos conservadores ligados às diferentes denominações religiosas, justificada pelo viés da reprodução.

Atualmente são muitos os desafios que envolvem a questão da educação sexual, desde o retrocesso nas políticas educacionais, o preconceito velado a pessoas LGBT, e o conservadorismo das famílias.

Uma educação para diversidade sexual reconhece que, nos sujeitos LGBT, a identidade de gênero assume ainda mais importância na medida em que estão sujeitos a discriminações homofóbicas, lesbofóbicas, transfóbicas e exclusão social (SANTA CATARINA, 2014).

Conforme orienta o Plano Nacional dos Direitos Humanos (PNDH) é preciso garantir, em todas as instituições públicas, o respeito à livre orientação sexual e à identidade de gênero das pessoas, e desenvolver políticas afirmativas e de promoção de uma cultura de respeito, favorecendo a visibilidade e o reconhecimento social desses sujeitos (BRASIL, 2010).

Uma forma de trabalhar questões e dúvidas apresentadas pelos alunos com relação ao sexo, é por meio de materiais bibliográficos sobre a temática. Segundo os PCNs a “leitura e análise de notícias ou de obras literárias são boas formas de informar e promover discussões a respeito de valores e atitudes ligados à questão” (BRASIL, 2001, p. 146) de gênero e sexualidade, tendo em vista seu papel no desenvolvimento social, político e cultural da criança, a fim de esclarecer dúvidas e eliminar estereótipos e preconceitos identificados desde cedo no cotidiano escolar.

2.3 A INSERÇÃO DA TEMÁTICA GÊNERO E SEXUALIDADE NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Um dos papéis da educação formal é desenvolver a habilidade das pessoas de processar informações, ampliar suas potencialidades reflexivas, críticas, criativas, comunicativas e expressivas, capacitando-as para lidar com diversas situações e tomar decisões na resolução de problemas voltados aos diversos setores da sociedade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 20 de dezembro de 1996, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Para Freire (2003) educar é construir, libertar homens e mulheres do determinismo, reconhecer o seu papel na história, considerando a sua identidade cultural na sua dimensão individual e coletiva. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia ou sem levar em conta as experiências vividas, o processo educativo será inoperante e constituirá somente um conjunto de meras palavras, despidas de significação real.

A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens exercidas por pessoas de distintas condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e das aldeias. Por isso, é preciso fazer da escola a instituição acolhedora, inclusiva, pois essa é uma opção

“transgressora”, porque rompe com a ilusão da homogeneidade e provoca, quase sempre, uma espécie de crise de identidade institucional (BRASIL, 2013, p. 25).

Para Furlani (2008) é recente na história o entendimento de que a criança possui uma sexualidade que pode e deve se expressar, o entendimento que essa expressão sexual infantil pode ser válida positivamente e merecedora de sua inclusão no currículo escolar, desencadeando a sistematização de atividades pedagógicas voltadas à educação sexual.

A biblioteca escolar, como instituição do sistema educacional, enquadra-se nesse contexto. Dessa forma, dela são requeridas novas estratégias de ação que favoreçam sua adequação à nova realidade e permitam, por exemplo, acompanhar os avanços tecnológicos, desenvolver iniciativas que atendam às demandas das pessoas, integrando processos de ensino-aprendizagem que privilegiem a promoção da interação e colaboração criativa no ambiente educacional (SILVA; LIMA, 2013).

Silva e Lima (2013) apontam que o bibliotecário pode assumir a importante função de mediar a informação e atuar no processo de ensino-aprendizagem como um orientador, um avaliador e um motivador. Isto contribui para que a biblioteca se constitua em espaço de efetiva interação e comunicação entre os atores da comunidade escolar e de produção cultural e conhecimento.

Berh, Moro e Estabel (2008) destacam que,

[...]a biblioteca escolar se caracteriza como função pedagógica e abrange ampla “clientela” e de diversos níveis de escolaridade, pois seus usuários pertencem à faixa etária dos dois aos oitenta anos, desde a educação infantil ao pós-médio, incluindo a educação de jovens e adultos, o corpo docente, funcionários e comunidade escolar (BERH; MORO; ESTABEL, 2008, p. 32).

A presença do(a) bibliotecário(a) dentro da escola se faz essencial, tendo em vista seu papel como educador, com a função de mediar à informação e de auxiliar alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem. Para Duarte (2017), cabe aos bibliotecários escolares, ensinar aos alunos as habilidades de localizar as informações de que necessitam para resolverem suas questões disponíveis no ambiente da biblioteca. Bem como, apoiar os professores na elaboração das atividades, trabalhando de maneira colaborativa.

Como já exposto anteriormente, o(a) bibliotecário(a) escolar, além dos conhecimentos técnicos voltados ao registro e gestão da informação tem entre suas características competências de cunho social.

Fonseca, Souza e Alves (2010) destacam que o(a) bibliotecário(a) não é mais rotulado(a) como um(a) guardião(ã) de livros ou dotado(a) de habilidades técnicas, ele(a) assume uma responsabilidade mais complexa no que se refere a sua formação profissional, passando a exercer seu papel de disseminador da informação e de modo mais rápido com o uso das tecnologias da informação, internet e/ou com outros suportes de informação. O(A) bibliotecário(a) reformula seu perfil profissional tornando-se especializado(a) e preocupado(a) com as necessidades de informação de seus usuários, bem como de toda a sociedade.

De acordo com Rubi, Euclides e Santos (2006), as competências do profissional da informação podem ser divididas em quatro categorias:

- a) Competências de comunicação e expressão, que englobam: gerenciamento de projetos, técnicas de marketing, liderança, orientação na utilização de recursos de informação, elaboração de produtos de informação, planejar e executar estudos de usuários, proporcionando dessa forma atendimento especializado e diferenciado aos seus usuários;
- b) Competências técnico-científicas, mais relacionadas ao fazer técnico do profissional bibliotecário, como: selecionar, registrar, armazenar, recuperar e difundir informações;
- c) Competências gerenciais, relacionadas a: direção, administração, organização e coordenação de unidades, gerenciamento de projetos, marketing, liderança e relações públicas, planejamento e organização de redes de informação;
- d) Competências sociais e políticas, são voltadas a: assessorar e intervir no planejamento de políticas de informação; formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação; além de projetos sociais de incentivo à pesquisa, leitura e acesso informacional. As competências sociais e políticas que são o foco desta pesquisa.

A escola por vezes não percebe o papel social do bibliotecário, restringindo sua atuação às atividades técnicas, do tratamento da informação. Assim, ela oferece

resistências ao trabalho conjunto do bibliotecário e do pedagogo, pois não reconhece no seio de ambas as profissões uma unidade que possa promover experiências e facilitar novos tipos de configurações disciplinares (RUSSO; SOUZA, 2013), o que interfere no que tange à educação em sentido amplo, no qual todos dentro da escola são protagonistas no processo de transmissão de conhecimentos.

Para Borba (2011), a visão de alguns membros da comunidade escolar é que o bibliotecário parece não ter qualificação pedagógica para agir na biblioteca escolar, e por essa razão a sua função se restringe a organizar o acervo para disponibilização. Isso resulta na distância das ações desenvolvidas na escola, comprometendo a inserção da biblioteca no contexto educacional como espaço de ensino-aprendizagem.

A colaboração entre bibliotecário escolar e professor promove apoio aos alunos no ambiente rico em informações da biblioteca escolar. A intenção é que a biblioteca da escola funcione como um laboratório para que os alunos construam o conhecimento (DUARTE, 2017).

Araujo e Sales (2011) acreditam que cabe principalmente ao bibliotecário demonstrar suas habilidades, sua forma de trabalhar e se mostrar aberto para interagir com os outros profissionais atuantes na escola. O bibliotecário escolar será um educador, cuja disciplina é ensinar a aprender (MILANESI, 2002).

Amaro (2016) destaca algumas atividades essenciais no desenvolvimento das responsabilidades pedagógicas da biblioteca escolar. Entre elas podemos citar:

- a) Desenvolver o letramento informacional. Para além do apoio à pesquisa, desenvolver projetos e atividades que estimulem a autonomia na busca, uso e produção das informações;
- b) Promover estudos colaborativos. Estimular o uso do espaço da biblioteca para elaboração de trabalhos em equipe;
- c) Transformar a biblioteca escolar em biblioteca escolar comunitária. Abrir as portas da biblioteca da escola também para as famílias dos alunos, no sentido de oferecer a elas mais um ponto de acesso à informação, e de convidar a participar mais proximamente da vida escolar dos alunos;
- d) Tornar-se um espaço interdisciplinar. A biblioteca escolar pode promover projetos em que os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento

dialoguem entre si, estimulando no aluno uma visão mais integrada dos conteúdos que lhes são ministrados de maneira sempre segmentada.

Segundo Rubi, Euclides e Santos (2006) as funções sociais do bibliotecário envolvem o âmbito educativo e de mediação. A função educativa relaciona-se com a alfabetização em informação, ou seja, a capacidade de educar a si próprio e educar aos outros para a sociedade da informação, com relação à função de mediação da inteligência coletiva é o de oferecer ferramentas intelectuais para que os indivíduos cooperem e produzam conhecimentos em grupo.

A resolução nº 42 do Conselho Federal de Biblioteconomia, de 11 de janeiro de 2002, tem por objetivo “fixar normas de conduta para as pessoas físicas e jurídicas que exerçam as atividades profissionais em biblioteconomia” (BRASIL, 2002). Se por um lado ele é um código de ética por garantir o exercício das funções, “por outro lado, trata-se também de um código de conduta” (ARANALDE, 2005, p. 358), pois apresenta um direcionamento para seus comportamentos na atuação profissional, que é o foco desta seção.

O artigo 2º que discorre sobre os deveres do profissional de biblioteconomia, destaca como dever do(a) bibliotecário(a) “contribuir, como cidadão e como profissional, para o incessante desenvolvimento da sociedade e dos princípios legais que regem o país” (BRASIL, 2002). Quanto aos direitos do(a) profissional bibliotecário(a), o artigo 11º destaca que ele(a) deve “exercer a profissão independentemente de questões referentes à religião, raça, sexo, cor e idade” (BRASIL, 2002).

O código de ética da IFLA para bibliotecários e outros profissionais da informação, tem muito a contribuir na visão do bibliotecário como um ser com responsabilidade social. Segundo o código de ética da IFLA,

[...] a missão principal dos bibliotecários e outros profissionais da informação é assegurar o acesso à informação para todos no sentido de seu desenvolvimento pessoal e educacional, enriquecimento cultural, lazer, atividades econômica, participação informada e reforço da democracia (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2012, p. 2).

Quanto à responsabilidade para com os indivíduos e para a sociedade, o código de ética da IFLA para bibliotecários e outros profissionais da informação, afirma que

[...] para promover a inclusão e erradicar a discriminação, os bibliotecários e outros profissionais da informação asseguram que o direito de acesso à informação não pode ser negado e que serviços equitativos são fornecidos para qualquer pessoa de qualquer idade, nacionalidade, crença política, condição física ou mental, gênero, descendência, educação, renda, condição imigratória ou de asilo, situação matrimonial, origem, raça, religião e orientação sexual (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2012, p. 2).

O código de ética profissional bibliotecário do CFB (Conselho Federal de Biblioteconomia) e as recomendações do código de ética da IFLA para bibliotecários e outros profissionais da informação, apresentam a visão do bibliotecário como um ser com responsabilidade social e possibilita a inclusão de temáticas relacionadas à sexualidade humana em sua prática profissional.

Ainda em relação ao código de ética do CFB, o artigo 8º ressalta que “o bibliotecário deve interessar-se pelo bem público e com tal finalidade, contribuir com seus conhecimentos, capacidade e experiência para melhor servir a coletividade” (BRASIL, 2002, p. 2). Nessa perspectiva, o bibliotecário no papel de agente de transformações sociais no ambiente escolar, pode trabalhar questões relacionadas à sexualidade buscando um maior entendimento da temática e eliminar possíveis preconceitos gerados pela falta de informação.

Em 2007, a American Library Association (ALA) publicou as interpretações da carta de direitos das bibliotecas da ALA, na qual aponta como direito, o acesso à biblioteca de recursos e serviços, independente do sexo, identidade de gênero, expressões de gênero ou orientação sexual. A ALA mantém estrita e inequivocadamente que bibliotecas e bibliotecários têm a obrigação de resistir a esforços que excluam sistematicamente materiais que lidam com qualquer assunto, incluindo sexo, identidade de gênero ou orientação sexual (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2007).

Sobre o acesso às informações sobre gênero e sexualidade deve-se lembrar que muitas vezes as crianças não possuem nenhum esclarecimento em relação a essa temática no ambiente familiar, sendo assim “a criança sofre influência de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem a sua

família e principalmente da mídia” (BRASIL, 2001, p. 112). Por isso é tão necessário o papel da escola nesse processo, a fim de desmistificar as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade.

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema (BRASIL, 2001). Essa formação se faz necessária, atualmente, no sentido de atender a demanda por estudos e reflexão na área de educação sexual, gênero, sexualidade e diversidade sexual.

As crianças e adolescentes podem encontrar na biblioteca escolar um local tanto para pesquisa de suas curiosidades em relação à temática como também de entretenimento através de obras de literatura que abordem a temática de forma ficcional. Segundo os PCNs (BRASIL, 2001, p. 121) “cabe a escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão”. Contudo, para Felipe (2008), ainda falta muito à escola para atender a essas necessidades do aluno.

Quando falamos em educação sexual no âmbito da escola, em geral nos reportamos a experiências muito pontuais e esporádicas, que se pautam basicamente pelo viés da prevenção, abordando doenças sexualmente transmissíveis e gravidez, ressaltando os processos biológicos que envolvem tais situações (FELIPE, 2008, p. 31).

O(a) bibliotecário(a) escolar trabalha direta ou indiretamente todas as questões que norteiam o ambiente escolar, é atribuído a ele uma parcela importante no processo de ensino-aprendizagem. Martins, Menezes e Trevisol Neto (2016) observam que no ambiente escolar a questão da sexualidade no sentido de prevenção a doenças e da própria educação sexual são os assuntos mais dialogados, como reflexos são mais consultados pelos alunos na biblioteca.

Com relação ao gênero e sexualidade dizem os PCNs (BRASIL, 2001, p. 153) que, “para o trabalho de educação sexual deve-se levar sempre em conta a faixa etária com a qual se estão trabalhando, pois, em geral as questões da sexualidade são muito diversas a cada etapa do desenvolvimento”.

O(a) bibliotecário(a) pode ser um agente socializador dentro da escola, não apenas disponibilizando informação, mas promovendo discussão e debate sobre as

questões trabalhadas em sala de aula. Dessa forma pode auxiliar no processo de formação dos alunos.

[...] ressalta-se que bibliotecário escolar não deve eximir sua responsabilidade de participação no processo de ensino-aprendizagem, seja de forma direta ou indireta. Além de organizar e disponibilizar informação, o bibliotecário pode promover discussão, debate sobre as questões trabalhadas em sala de aula ou daquelas que não chegam a ser abordadas pelo professor. É comum a comunidade escolar se deparar com situações de gravidez precoce e bullying devido à orientação sexual. Essas situações são oportunas para o bibliotecário desenvolver campanhas ou atividades de conscientização, de iniciativa sua ou em parceria com o professor (MARTINS; MENEZES; TREVISOL NETO, 2016, p. 952).

Bicheri e Almeida Junior (2013) afirmam que professor e bibliotecário, trabalhando juntos devem buscar mais informações e objetivos, porém, cada qual terá responsabilidades e atividades específicas, empenhando-se no que sua formação e experiência o permitem fazer melhor.

Neste sentido, “entende-se que as escolas de Biblioteconomia e de Pedagogia precisam se unir, para conseguir construir um diálogo entre as duas áreas” (RUSSO; SOUZA, 2013, p. 6). Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem; de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015).

Martins, Menezes e Trevisol Neto (2016) apontam que na posição de um agente socializador da temática de gênero e sexualidade, acredita-se que o(a) bibliotecário(a) escolar pode articular diversas atividades, conforme alguns exemplos:

- a) Realizar a hora do conto com títulos que abordem a temática para as crianças;
- b) Desenvolver exposição de livros que abordem a temática quando for o dia da família na escola, pois assim, integraria alunos, professores e pais;
- c) Organizar juntamente com a comunidade escolar uma semana temática incluindo, depoimentos de alunos, professores e pais, com palestras, exposições de filmes e documentários no qual seja possível dialogar sobre a temática;

- d) Propor um clube de leitura que contemple títulos que abordem a temática de sexualidade e gênero, possibilitando discutir questões relacionadas;
- e) Expor textos produzidos (em parceria com professores) pelos alunos no qual possam discutir assuntos relacionados à temática (MARTINS, MENEZES, TREVISOL NETO, 2016, p. 954).

Nesse sentido, como um complemento à visão desses autores, pode-se destacar, ainda, o trabalho técnico do bibliotecário, como a representação da informação, classificação e a indexação. Esses procedimentos também envolvem questões relacionadas ao gênero e à sexualidade e podem sofrer influência da nossa cultura machista, sexista e homofóbica. O(a) bibliotecário(a) precisa estar atento (a), pois algumas práticas profissionais da nossa área podem, de alguma forma, promover a exclusão dessas temáticas.

Existem desafios para que a biblioteca e o(a) bibliotecário(a) atendam à esta demanda, e até mesmo reconhecer ao exposto na Lei 12.244/2010⁶. Duarte (2017) aponta dois longos caminhos a serem percorridos:

O primeiro, de se demonstrar a importância do profissional bibliotecário nas bibliotecas escolares (sem ele, elas nada mais serão que uma sala de livros sem propósito nem programa) e de se garantir, também por lei, pelo menos um bibliotecário por biblioteca escolar. O segundo, de se colocar nas escolas brasileiras bibliotecários com formação adequada e dispostos a implantar Bibliotecas (com B maiúsculo) em todos os municípios deste nosso Brasil (DUARTE, 2017, p. 20).

O reconhecimento e o respeito às diferenças sexuais são tão importantes quanto o respeito à diversidade de crença religiosa. A laicidade do Estado, bem com a laicidade dos currículos escolares é fundamental para que a escola discuta as pluralidades, em todas as nuances e desdobramentos, como produto da ação humana e da cultura, a partir do conhecimento científico (SANTA CATARINA, 2014).

A temática está à Luz das discussões no âmbito social, e é foco frequente na mídia, sendo por ações inovadoras e inclusivas, como por exemplo a inclusão do nome social em documentos, o reconhecimento das pessoas Trans (Trangêneros, Transexuais, Travestis) e a união de casais homo afetivos.

⁶ Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas em instituições de ensino do País.** Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em 15 abr. 2018.

A posição vigente hoje, do ponto de vista científico e ético que sustenta o respeito por todas/ os as cidadãs e os cidadãos, é a de que a vivência da sexualidade faz parte da identidade da pessoa e deve ser compreendida em sua totalidade. Ainda segundo este ponto de vista, homossexuais, bissexuais e pessoas trans têm as mesmas possibilidades e capacidades que heterossexuais para amar, estabelecer relações afetivas e criar filhos – o que equivale a dizer que essas práticas não podem ser questionadas em razão de sua homoafetividade ou da sua identidade de gênero (BRASIL, 2009, p.5).

Na contramão dessas ações, os casos de intolerância e violência contra a mulher e os LGBT, conforme citado na seção anterior, aumentam de forma assustadora, sendo o Brasil um dos países que mais mata LGBT no mundo.

No cenário político brasileiro as questões de gênero e sexualidade, estão em debate. É possível citar retrocessos na educação brasileira, como exemplo: a exclusão das temáticas de gênero da BNCC; o Projeto de Lei da escola sem partido (ou lei da mordaza como ficou popularmente conhecida); a bancada conservadora no Congresso Nacional; a falta de entendimento do conceito de gênero ou a proposital interpretação negativa, o que criou a ideologia de gênero por parte de grupos conservadores da igreja; disciplinas antes obrigatórias sendo retiradas do ensino médio e o próprio desmonte do ensino médio.

São inúmeras as tentativas de se extinguir toda uma política educacional, que caminhava na direção da educação sexual em sentido amplo, na qual as questões de gênero e sexualidade estariam contempladas desde a infância na vida da criança, no âmbito familiar, escolar. Enfim, uma educação sexual que tivesse por objetivo aprender mais sobre a diversidade e o respeito.

Fica evidente que não basta a simples transmissão de conhecimentos teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaço no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam essa temática (MADUREIRA, 2007), por isso a necessidade de estudos que valorizem o papel dos bibliotecários dentro das escolas frente às temáticas que permeiam o ambiente social.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam esta pesquisa, de acordo com os objetivos, a natureza e o problema de pesquisa, são as abordagens da sociologia do conhecimento de Peter L. Berger e Thomas Luckmann, o configuracionismo sócio-histórico de Nobeit Elias e a teoria das representações sociais (TRS) de Serge Moscovici. Faz-se necessário uma breve introdução a essas abordagens fenomenológicas, tendo em vista a caracterização da pesquisa e o instrumento a ser utilizado para análise.

A sociologia do conhecimento foi, primeiramente, cunhada como uma disciplina que surgiu na década de 1920, pelas mãos do filósofo alemão Max Scheler. A teoria tem sua raiz na proposição de Marx que declara ser a consciência do homem determinada por seu ser social (BERGER; LUCKMAN, 2010), o homem seria produto do que ele vivência em sociedade.

Porém, a sociologia do conhecimento como sociologia fenomenológica, foi iniciada por Alfred Schutz, e mais tarde desenvolvida por Peter L. Berger e Thomas Luckmann em sua obra “a construção social da realidade”. Para eles, a mesma deve analisar o processo da construção social da realidade, já que a realidade é socialmente construída e a sociologia do conhecimento deve analisar o processo em que este fato ocorre (BERGER; LUCKMANN, 2007).

No tratado da sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann a fenomenologia é apontada como influência básica (NASCIMENTO, 2005), ela deve tratar das relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro da qual surge (BERGER; LUCKMANN, 2010). Os autores desenvolveram sua investigação a partir da preocupação com o mundo em que vivemos e o conhecimento que temos desse mundo. A realidade é ao mesmo tempo objetiva e subjetiva.

O processo de objetivação da realidade se dá por meio da socialização dos indivíduos, existem nesse contexto a institucionalização e a legitimação (BERGER; LUCKMANN, 2010). Nesses processos a realidade é apresentada ao indivíduo e ele vivência a sociedade através de uma série de regras e normas de conduta que moldam sua personalidade nas diferentes culturas e costumes.

Na realidade subjetiva o indivíduo é apresentado ao mundo e o processo dá-se por meio do que ele “assimila” da sociedade, sua socialização. Existe a socialização primária e secundária. A socialização primária é tudo que aprendemos

desde crianças com nossas famílias, ela pode ser mais forte e a que define toda nossa existência e nossa relação com a sociedade. A socialização secundária dá-se quando muitas vezes entramos no mundo do trabalho ou em mudanças de cultura ou de visão de mundo.

O “conhecimento” do senso comum e não as “ideias” deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. É precisamente este “conhecimento” que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir (BERGER; LUCKMANN, 2010), essa abordagem adota o pressuposto que o senso comum também gera cientificidade.

Por levar em consideração o conhecimento não científico, as vivências do dia a dia, “o conhecimento humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais” (BERGER; LUCKMANN, 2010, p.13). É por meio desses processos que a humanidade se desenvolveu desde os primórdios da civilização.

A sociedade é um produto humano, a realidade é objetiva e o homem é um produto social (BERGER; LUCKMANN, 2010). A vida cotidiana “apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 35).

A sociologia do conhecimento se atém à compreensão da realidade da sociedade em função da maneira pela qual a realidade da vida é construída: o conhecimento não existe sem o homem social que constrói o seu mundo, isto é, a sua realidade cotidiana, “o conhecimento do senso comum” (NASCIMENTO, 2005).

Berger e Luckmann (2010) consideram a interação social face a face como a mais real e próxima do entendimento da subjetividade do outro, deixando em plano remoto as outras formas de relacionamento. O processo de intersubjetivação se dá por meio de trocas comunicativas entre os indivíduos.

O configuracionismo sócio-histórico ou processualismo, trabalhado por Norbert Elias em suas obras “A sociedade dos indivíduos” e “O processo civilizador”, visa, por meio da relação entre o indivíduo e a sociedade, entender como os processos históricos e sociais se dão nesta relação.

Elias (1994) entende que indivíduo não existe sem a sociedade e a sociedade sem o indivíduo, os dois estão intrinsecamente ligados. Um não existe sem o outro, a sociedade é uma rede de relações interdependente, em que cada indivíduo exerce

um papel, ou seja, uma cadeia de dependência funcional na qual os indivíduos estão permanentemente ligados (ELIAS, 1994).

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existiam antes dele para poder crescer (ELIAS, 1994, p. 26).

Na concepção de Elias (1994) as estruturas emergem do indivíduo e da sociedade, a partir das relações estruturais entre o social, o histórico e o psíquico, ou seja, o indivíduo, é uma invenção histórica que se construiu ao longo do tempo a partir de mecanismos de diferenciação de seu comportamento em relação ao dos outros.

Pensamos no termo sociedade e sabemos o que ela é, embora saibamos dizer apenas que ela é um agrupamento de indivíduos, porém esse agrupamento é diferente no Brasil e nos Estados Unidos por exemplo, ou nos anos 1920 e em 2018. A formação dessas sociedades independe dos indivíduos, ela pode ser formada sem planejamento algum, ela apenas acontece.

Elias (1994) defende que existe uma ordem invisível entre as pessoas e que as mesmas sabem seus papéis na sociedade, essa ordem não é perceptível, porém é o fio condutor de todas as sociedades, conectando as pessoas entre si por leis e condutas próprias. Não há como estudarmos os indivíduos que participam de determinado grupo social sem observar e entender as suas redes de relacionamentos.

O processo civilizador ocorre de maneira não linear, não sistemática, ele é um processo que vai sendo construído à medida que a realidade social também vai sendo construída, à medida que os conhecimentos vão sendo socializados, legitimados e institucionalizados. Dessa forma vão se compondo os costumes e os valores que norteiam as ações.

Em sua obra, Elias (1994) apresenta uma evolução dos costumes e de como os processos de objetivação e subjetivação estão presentes na história. Sociedade ocidental e oriental são relacionadas e os costumes e a evolução dos mesmos.

Quando pesquisamos processos sociais temos que examinar a rede de relacionamentos humanos, a própria sociedade a fim de indicar as compulsões que conservam em movimento e lhes conferem forma e direção particulares (ELIAS,

1993). Elias acredita que o processo civilizador não é algo automático ou específico, mas sim fruto de toda uma evolução de costumes. A história é sempre história de uma sociedade, uma sociedade de indivíduos.

Psicologia social é um ramo da psicologia que estuda como as pessoas pensam, influenciam e se relacionam umas com as outras (MYERS, 2014). É nesse ramo que encontramos a teoria das representações sociais.

A Teoria das Representações Sociais tem origem na Europa, em 1961, com a publicação do estudo de Serge Moscovici, intitulado “Representações sociais: investigações em psicologia social”. Além da psicologia social, suas abordagens se estendem aos campos da sociologia, antropologia e educação, anteriormente Durkeim também havia estudado as representações sociais, mas chamava-as de representações coletivas (BERGER; LUCKMANN, 2010).

Moscovici (2009) define representação social como um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, a de estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientarem-se em seu mundo material e social e controlá-la e, em segundo, a de possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social.

As representações sociais “são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (MINAYO, 2008, p. 28). Elas são sempre um produto da interação e da comunicação (MOSCOVICI, 2009), logo, são produtos da interação de um indivíduo com um coletivo.

É a partir das representações sociais que os indivíduos produzem significado para compreender, avaliar, comunicar e atuar na realidade social (ARAYA UMAÑA, 2002). A reprodução do conhecimento se dá pelo processo de socialização, exigindo a interação e a comunicação entre os sujeitos participantes desse processo, além de ter a linguagem como seu maior veículo (BERGER; LUCKMANN, 2010). A construção do conhecimento tornou-se possível pelo convívio dos indivíduos.

Essa interação entre indivíduo e um coletivo dá-se, principalmente, por meio da linguagem. A linguagem “se” constitui o mais importante conteúdo e o mais importante instrumento da socialização (BERGER; LUCKMANN, 2010), é através dela que podemos interagir e socializar, que são produtos das representações sociais.

De acordo com Berger e Luckmann (2010), a mais importante interação social se dá quando se está diante do outro. É a interação face a face do aqui e agora. As demais são desdobramentos desta. Para Berger e Luckmann (2010, p. 47) o outro só é “real para mim [...] quando o encontro pessoalmente”. É quando sua subjetividade se torna mais próxima a mim, mediante o máximo de sintomas. Todas as outras formas de relacionamento com os outros são, em graus variáveis, remotas.

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam como efeito uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que tem por objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que produzam o mundo de forma significativa (MOSCOVICI, 2009).

As representações sociais são sistemas cognitivos que possibilitam reconhecer a presença de estereótipos, opiniões, crenças, valores e normas que podem servir para orientar as atitudes tanto positivas quando negativas. Possuem um sistema de códigos, valores, lógicas classificatórias, princípios interpretativos e orientadores das práticas que definem a “consciência coletiva”, na qual se rege com força normativa e institui os limites e as possibilidades sobre as formas do indivíduo atuar no mundo. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Como a ordem social é resultado da ação humana, para existir é necessário que esse processo seja continuamente alimentado pelos que integram a sociedade pelas suas interações (BERGER; LUCKMANN, 2010).

Na sociedade as representações sociais aparecem como dadas, chegamos e interagimos com um ambiente pronto. Pode se considerar a chegada em uma profissão, quando chegamos e não mudamos a realidade, mas sim, nos adaptamos a ela. Franco (2004) entende que as representações sociais visam

[...] conhecer as condições de contexto em que os indivíduos estão inseridos mediante a realização de uma cuidadosa “análise conceitual”. Isso porque entendemos que as representações sociais são historicamente construídas e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens que se refletem nos diferentes atos e nas diversificadas práticas sociais (FRANCO, 2004, p. 170).

O conceito desenvolvido por Franco (2004) pode auxiliar para melhor compreensão:

As representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem (FRANCO, 2004, p. 170).

As pessoas conhecem a realidade mediante explicações que apreendem do processo de comunicação e do pensamento social. As representações sociais sintetizam essas explicações e fazem referência ao senso comum, um conhecimento socialmente elaborado com conteúdos cognitivos, afetivos e simbólicos que orientam a conduta das pessoas na vida cotidiana. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Elias (1993, p. 37) afirma que não é possível procurar explicações dos fatos da vida cotidiana nas “ideias dos indivíduos expostas em livros [...]”. Para ele, as explicações devem ser buscadas nos fenômenos sociais, estudando e ouvindo os próprios indivíduos implicados num fato ou tema sustentados por eles na sociedade. E isso gera mudanças nas próprias pessoas durante o processo civilizador (ELIAS, 1993).

As teorias apresentadas tratam da construção social da realidade, do processo civilizador, da relação do indivíduo com a sociedade e das representações sociais criadas por essas interações. Essas teorias se complementam e ajudarão, posteriormente, na confecção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e na análise do mesmo.

O ponto de convergência entre essas três abordagens fenomenológicas está entre indivíduo e sua relação com a sociedade, a construção social da realidade e por consequência dos indivíduos. Dessa forma, a teoria das representações sociais serve de apoio metodológico para a pesquisa.

Por meio das representações expressas nos discursos dos(as) bibliotecários(as) escolares da Rede Municipal de Florianópolis, pretendem-se compreender sua percepção em relação à inserção da temática gênero e sexualidade com vistas em suas práticas no cotidiano da biblioteca, a fim de conhecer se as mesmas são inseridas no cotidiano da biblioteca e de que forma os(as) bibliotecários(as) encaram essas questões.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Toda pesquisa deve basear-se em métodos e técnicas para o desenvolvimento de suas etapas. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 139), a pesquisa “[...] é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” sobre fenômenos ou fatos.

A seguir serão descritos os procedimentos metodológicos adotados para responder à pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos propostos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia adotada para alcançar o objetivo da pesquisa foi a pesquisa descritiva e exploratória. A pesquisa descritiva é aquela em que o pesquisador observa, registra, analisa e relaciona fatos ou fenômenos. Para Richardson e Peres (1999), os estudos de natureza descritiva propõem investigar o “que é”, ou seja, descobrir as características de um fenômeno como tal, sendo assim são considerados como objeto de estudo uma situação, um grupo ou um indivíduo.

Gil (1999) entende que a pesquisa exploratória visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulam a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.

Do ponto de vista da abordagem do problema a presente pesquisa é qualitativa. Para verificar a contribuição do(as) bibliotecário(as) escolar na abordagem da temática gênero e sexualidade, escolheu-se uma abordagem qualitativa, que de acordo com Godoy (1995, p. 58) envolve

[...] a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

A pesquisa qualitativa é baseada na “[...] presença ou ausência de alguma qualidade ou característica, e também na classificação de tipos diferentes de dados

propriedades” (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 23). A análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não têm por finalidade contar opiniões ou pessoas (GOMES, 2008).

Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar. Esse estudo do material não precisa abranger a totalidade das falas e expressões dos interlocutores porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo, que tem as mesmas características, costuma ter muitos pontos em comum, ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias (GOMES, 2008, p. 79).

As pesquisas qualitativas são essenciais para a abordagem do problema de pesquisa, pois podem ser “entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos às relações e as estruturas sociais” (MINAYO, 2008, p. 10).

Tendo em vista a característica de se trabalhar com representações sociais e coleta de discursos dos(as) bibliotecários(as) escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a análise desses discursos individuais e a transformação dos mesmos em um discurso coletivo, facilita a compreensão do que os bibliotecários manifestam a respeito da temática gênero e sexualidade, com vistas à execução de suas práticas no cotidiano da biblioteca.

4.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Quando desejamos estudar uma determinada amostra, devemos conhecer o universo em que esses indivíduos estão inseridos, perceber a instituição a que estão vinculados, suas características, atribuições, particularidades. Essa caracterização facilita a interpretação e a análise dos futuros resultados da pesquisa.

4.2.1 Instituição pesquisada

Para analisar o papel dos(as) bibliotecários(as) nesse processo, é preciso entender o universo deles nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, além de conhecer um pouco do histórico dessa rede municipal e do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC) ao qual eles estão vinculados.

Em 02 de março de 1984, o então Secretário Municipal da Educação, Saúde e Desenvolvimento Social e Chefe de Gabinete Onofre Santo Agostini, encaminhou um ofício à Secretaria do Ensino de 1º e 2º grau do MEC, para a implantação das Bibliotecas da Rede Municipal de Ensino (RME) de Florianópolis. Nesse mesmo ano, instituiu-se o Sistema de Bibliotecas Públicas e Escolares de Florianópolis (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2018).

Em janeiro de 1988, foi criada a Divisão de Bibliotecas Escolares e Comunitárias, que passou a denominar-se Coordenadoria de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (CBEC), em 04 de julho de 2002. A CBEC tem como função, planejar, organizar e assessorar ações relativas à Rede de Bibliotecas, dar formação continuada aos profissionais bibliotecários e auxiliares de biblioteca, através de cursos, palestras, oficinas e eventos, assim como, adquirir acervo, mobiliário e equipamentos para as bibliotecas (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2018). Atualmente a CBEC é denominada Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias (DEBEC).

Fazem parte do DEBEC 37 bibliotecas, sendo uma Central (localizada no Centro de Educação Continuada da Secretaria de Educação) e 36 bibliotecas escolares e comunitárias (localizadas nas escolas de ensino fundamental),

[...] que atendem ao coletivo escolar (alunos, professores, equipe pedagógica, diretores e demais funcionários), como também a comunidade onde estão inseridas nos diversos bairros do município (SILVA; ALVES; VIAPIANA, 2008, p. 212).

Silva, Alves e Viapiana (2008) destacam algumas das atividades realizadas pelos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Florianópolis:

- difundir a importância da leitura e os seus benefícios;
- orientar o usuário para a leitura e pesquisa;
- preservar e disseminar a informação;
- planejar ações para os serviços da Biblioteca;
- realizar o empréstimo e reserva do acervo;
- processar o acervo através de técnicas biblioteconômicas;
- executar os serviços de seleção e aquisição, bem como, permuta e descarte do acervo;

- restaurar o acervo e zelar por sua conservação;
- orientar o usuário sobre o funcionamento e uso adequado do acervo;
- organizar eventos juntamente com os demais profissionais; e
- realizar a informatização das Bibliotecas.

O sistema para a informatização utilizado pelas bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis é o Pergamum, adquirido em 2005. As bibliotecas ainda estão em processo de informatização e não possuem todo o acervo documental registrado em sua base de dados.

4.2.2 População e amostra

Assim como o professor é o personagem central na sala de aula, o bibliotecário também é na biblioteca escolar e ambos podem contribuir para alcançar um avanço educacional (COPOLLA JUNIOR; CASTRO FILHO, 2012). O trabalho na biblioteca escolar, de auxílio no processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento de atividades sociais e culturais, só é possível se existe um profissional para coordenar tais atividades. Esse profissional deve ser o(a) bibliotecário(a) escolar, em virtude de sua formação e preparação para trabalhar como mediador entre a informação e os usuários.

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os profissionais bibliotecários desenvolvem atividades em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e no setor privado, com ênfase nas áreas de educação e pesquisa. Compete aos profissionais as seguintes atividades: disponibilizar informação em qualquer suporte; gerenciar unidades, redes e sistemas de informação; tratar tecnicamente recursos informacionais; desenvolver recursos informacionais; disseminar informação; desenvolver estudos e pesquisas; prestar assessoria e consultoria; realizar difusão cultural; desenvolver ações educativas; demonstrar competências pessoais (BERAQUET; CIOL, 2010).

A população estudada é composta por bibliotecários(as) atuantes na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Por utilizar o DSC que é uma técnica de análise que visa a descobrir o que esse coletivo pensa em relação à temática gênero e sexualidade, foram selecionados 10 bibliotecários(as) como amostra para a pesquisa. Lefrève e Lefrève (2005, p. 16) lembram que um pequeno grupo não é

uma coletividade, mas um “sujeito de um pensar coletivo, porque não pode ser considerado um representante empírico, estatístico, de uma coletividade”. A fim de ouvir os(as) bibliotecários(as) e representar todas as regiões da ilha (norte, sul, leste e centro) de Santa Catarina, foram selecionados:

- 3 bibliotecários(as) da região norte;
- 3 bibliotecários(as) da região sul;
- 2 bibliotecários(as) da região leste;
- 2 bibliotecários(as) da região central;

Os 10 bibliotecários(as) foram selecionados segundo os seguintes critérios:

- Atuar em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis;
- Atuar em escolas com alunos de 1º a 9º ano (Ensino Fundamental I e II);
- Atuar em escolas com o maior número de alunos da região;
- Bibliotecários(as) que atuem há mais de três anos (ter cumprido o estágio probatório) na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Florianópolis possui 5 regiões, porém participaram bibliotecários(as) de 4, pois o(a) bibliotecário(a) da região Continental, que possui uma única escola vinculada à rede municipal de Florianópolis, encontrava-se em licença médica.

Todos os(as) 10 bibliotecários(as) atuantes em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis selecionados, foram convidados a participar da presente pesquisa, em que o aceite foi expresso por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo encontra-se no Apêndice C, conforme determina a Resolução nº 466, de 12 de dezembro do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

Foram realizadas 11 entrevistas com os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, sendo uma delas o pré-teste. Buscou-se identificar os pontos fortes e fracos do roteiro de entrevista e possíveis alterações necessárias, com o intuito de retirar ao máximo as representações sociais dos discursos do coletivo. Não houve alterações e nem ajustes do roteiro de perguntas levados à teste.

4.2.3 Caracterização dos bibliotecários

Para atender à coleta das entrevistas, foi aplicado um questionário de caracterização com a finalidade de obter informações para traçar o perfil dos(as) bibliotecários(as). O questionário foi estruturado nos itens: dados pessoais, formação e projetos. As respostas dos(as) bibliotecários(as) serão apresentados a seguir:

- **Dados pessoais:** A maioria é do gênero feminino, apenas um bibliotecário é homem. Os(as) entrevistados(as) possuem idade entre 30 e 50 anos. Os(as) bibliotecários(as) atuam na rede de 4 a 24 anos, o que compreende o período de 1998 à 2014. A carga horária semanal da maioria é de 40 horas. Apenas um(a) bibliotecário(a) trabalha 30 horas semanais.
- **Formação:** Todos(as) possuem formação em Biblioteconomia em Universidades de Santa Catarina (UFSC e UDESC). Um(a) dos(as) entrevistados(as) possui também graduação em Pedagogia. Um(a) bibliotecário(a) possui mestrado em Ciência da Informação e oito bibliotecários(as) possuem especialização. As especializações são nas áreas de: Gestão de bibliotecas escolares; Gestão da informação; Anos iniciais; Arquivos; Gestão escolar; Metodologia de ensino; Marketing em biblioteca.
- **Projetos:** As equipes das bibliotecas são formadas por professores(as) readaptados(as) como auxiliares de bibliotecas e alguns estagiários. Uma escola possui dois(duas) bibliotecários(as), devido ao número maior de alunos (mais de 1.000).

Quanto às atividades desenvolvidas pelas bibliotecas, foram citadas: Incentivo à leitura; Pesquisa; Empréstimo; Processamento técnico; Lista para compras; Contação de história; Levantamento bibliográfico.

Alguns projetos das bibliotecas são: Livro em filme; Ler e criar; Clube da leitura; Café com poesia; Fome de leitura; Clube do gibi; Semana Franklin Cascaes; É tempo de pão por Deus; Momento musical; Datas comemorativas; Vídeos Educativos; Clássicos e cordel; Médicos da biblioteca; Marcador de livros. Um(a) dos(as) bibliotecários(as) disse que o foco, no momento, é a informatização do acervo e outro não desenvolveu projetos no último ano,

devido a uma reforma na escola, e à biblioteca dividir espaço com a quadra de esportes da escola.

As bibliotecas participam de alguns projetos das escolas, conforme destacado por alguns bibliotecários(as): Planejamento com os professores; Atividades integradas (gincana, festa junina, mostra de trabalhos); Pesquisa; Projetos de incentivo à leitura; Semana da consciência negra; Autores.

Os dados coletados têm fins apenas para a caracterização dos sujeitos da pesquisa, com a intenção de conhecer o coletivo estudado e enriquecer a experiência proporcionada pela leitura da pesquisa, sem ser utilizados na análise do DSC.

4.3 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A entrevista foi a técnica utilizada para a coleta de dados. Segundo Marconi e Lakatos (2010), a entrevista pode ser entendida como um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social.

A entrevista tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem para o entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo (MINAYO, 2008).

Para coleta de dados desta pesquisa foi realizada uma entrevista com roteiro semiestruturado, o que permite uma maior interação entre entrevistado e entrevistador. Com isso, segundo Minayo (2008, p. 65), pode-se explorar com maior amplitude algumas questões, pois “uma entrevista como forma privilegiada de interação social está sujeita a mesma dinâmica das relações existentes na própria sociedade”. Lefèvre e Lefèvre (2005) complementam que perguntas abertas permitem que os indivíduos representativos da coletividade pesquisada, se expressem com mais liberdade, de modo a produzirem discursos.

Com o objetivo de facilitar a análise e a transcrição das entrevistas um questionário de caracterização foi elaborado para levantar os sujeitos da pesquisa. Esse questionário teve fins de caracterização dos sujeitos, sem ser utilizado na análise dos discursos, conforme exposto na seção anterior.

Um diário de campo foi escrito a fim de enriquecer a experiência descritiva das entrevistas e como as mesmas ocorrerão. As entrevistas foram gravadas em aparelho celular e depois transcritas na dissertação para a elaboração e análise do DSC.

Como modelo do Questionário de Caracterização e perguntas do Roteiro de Entrevista aplicado com os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, buscou-se responder à pergunta de pesquisa e aos objetivos propostos, que encontram-se respectivamente nos Apêndices A e B.

A coleta dos discursos foi realizada no período de novembro e dezembro de 2017, no local de trabalho de cada bibliotecário(a), no dia e horário de preferência de cada um. Todas as entrevistas foram realizadas nas bibliotecas de cada escola. Primeiramente, houve o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), e do questionário de caracterização dos bibliotecários(as) participantes da pesquisa (APÊNDICE A).

Tal instrumento, conforme exposto no item 4.2.3, revelou dados pessoais, formação e atuação dos(as) bibliotecários(as), e ajudou a entender o contexto em que vivem esses(as) bibliotecário(as), quais suas demandas, projetos, enfim, um direcionamento das suas atividades no cotidiano da biblioteca escolar.

Todos(as) os(as) onze entrevistados(as) responderam prontamente ao pedido de realização da pesquisa. Um(a) dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis não aceitou participar da pesquisa e não expôs os motivos, apenas respondeu negativamente à solicitação de pesquisa enviada por e-mail.

No geral as entrevistas duraram de 10 a 20 minutos, dependendo muito da demanda pela biblioteca. Em algumas bibliotecas, por ser fim do ano percebia-se um fluxo menor de circulação de pessoas ou solicitação de materiais. Em outras, os(as) bibliotecários(as) fecharam a porta para poder responder às perguntas sem interrupções e para os pensamentos fluírem. Mas em um dos casos o(a) bibliotecário(a) pediu para parar a entrevista para poder atender alguns alunos que entraram na biblioteca.

Percebeu-se, inicialmente, que os(as) bibliotecários(as) ficavam nervosos e ansiosos com a temática, o que fez com que o pesquisador conversasse antes sobre o tema, os objetivos, a metodologia. Buscou-se deixar os(as) entrevistados(as) à vontade para falar o que viesse na cabeça sobre a temática. Por ser um tema muitas

vezes tratado com tabu dentro das escolas, percebeu-se um desconforto por parte dos(as) entrevistados(as).

Lembrou-se que a identidade dos(as) entrevistados(as) seria preservada, conforme expresso no TCLE, e que os mesmos poderiam desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, caso desejassem.

Os(as) entrevistados(as) demonstraram muitas dúvidas em relação à temática, levaram um tempo para responder as perguntas, e, por vezes, alegaram não pensar muito sobre o tema, ou ser pegos de surpresa com assuntos como esse sendo pesquisados na área de Biblioteconomia.

Após as entrevistas, por conhecerem o pesquisador, os(as) entrevistados(as) ficaram mais desinibidos(as) e conversaram sobre a pesquisa, sobre a Prefeitura Municipal de Florianópolis, os desafios políticos e educacionais atuais, citando retrocessos como a escola sem partido, e o veto das questões de gênero na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em quatro escolas os(as) diretores(as), também fizeram questão de falar com o pesquisador, ressaltaram a importância da pesquisa e pediram para que os resultados fossem socializados com os(as) profissionais(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Fica o registro de como o processo de entrevistas, observação e transcrição das mesmas são enriquecidos com o entendimento da fundamentação teórico-metodológica. Espontaneidade e improviso marcaram as entrevistas, pois os(as) bibliotecários(as) conheciam apenas o tema de pesquisa, seus conhecimentos foram transmitidos através da fala, e enriquecidos por meio das suas percepções subjetivas e objetivas captadas nas entrevistas.

Criou-se, no momento da entrevista uma relação de cumplicidade entre pesquisado e pesquisador no qual as perguntas foram sendo feitas, e o pesquisado pôde falar abertamente sobre suas percepções, conceitos e dificuldades em relação a temática, sem medos e restrições.

A transcrição das entrevistas realizadas com os(as) bibliotecários(as) em novembro e dezembro de 2017, estão presentes no Apêndice D. Por meio do roteiro de entrevista e das respostas dos(as) bibliotecários(as), foi possível aplicar a técnica do DSC para transformar discursos individuais no discurso do coletivo dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Florianópolis, acerca da temática

sexualidade e orientação sexual, com vistas à execução de suas práticas no cotidiano da biblioteca.

4.4 TÉCNICA PARA ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DISCURSIVOS

A técnica metodológica usada para extrair as representações sociais desse coletivo é o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), “uma técnica que busca resolver os impasses que o pesquisador encontra quando deseja processar depoimentos em pesquisas qualitativas que usam questionários com questões abertas” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 1), ou na transcrição de entrevistas.

A técnica do DSC teve início na década de 90, com os professores Fernando Lefèvre, e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, a partir dos estudos sobre a teoria e história da análise do discurso e tem sua base teórica na teoria da representação social.

Para Lefèvre e Lefèvre (2006) o DSC pode ser definido como

[...] um procedimento metodológico de natureza quali-quantitativa que busca superar os impasses das pesquisas tradicionais de representação social, recuperando, na escala coletiva, usando para isso procedimentos amostrais e de controle de variáveis que conferem representatividade aos achados, a natureza discursiva e argumentativa do pensamento (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006, p. 1).

O diferencial do procedimento do DSC é que cada categoria discursiva está associada ao conteúdo das opiniões de sentido semelhante presentes em diferentes depoimentos, de modo a formar com tais conteúdos um depoimento síntese, redigido na primeira pessoa do singular, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

O DSC, conforme concebido por seus autores, consiste em uma modalidade de análise de discursos obtidos em depoimentos verbais ou em qualquer manifestação discursiva que se possa encontrar em textos e documentos escritos. Um dos objetivos da técnica a partir dos procedimentos que adota é reduzir a variabilidade naturalmente presente nos discursos, a fim de validar o conhecimento que o autor do discurso representa em sua fala. É em face disso, que na obtenção de qualquer discurso, mas, sobretudo do discurso verbal, a liberdade de falar, pensar livre e argumentar dos depoentes deve ser valorizada (SALES; SOUZA; JOHN, 2007).

Para construir o DSC, os criadores dessa técnica Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 17) apontam a existência de quatro figuras metodológicas:

- expressões-chave (ECH): são pedaços ou trechos literais do discurso que revelam a essência do depoimento, podendo ser destacados nos próprios discursos;
- ideias centrais (IC): compreendem uma descrição sintética de um depoimento que, quando resgatados de forma direta, revelam o que foi dito ou, de forma indireta, revelam o tema do qual o sujeito está falando;
- ancoragem (AC): é uma manifestação linguística explícita de certa teoria, ideologia ou crença, permitindo análise mais fina do discurso;
- Discurso do Sujeito Coletivo (DSC): é a principal entre as figuras metodológicas.

Na presente pesquisa foram utilizadas as figuras metodológicas⁷: Expressões Chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e DSCs para a confecção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) no tratamento dos dados discursivos coletados com as entrevistas realizadas com os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Os quadros com os Instrumentos de Análise de Discursos (IAD) 1 e 2 que contêm as expressões-chave e ideias centrais encontram-se no apêndice E e F. Eles foram organizados de forma a destacar as expressões-chave e ideias centrais que ajudaram na confecção do DSC dos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

O DSC como um método que resgata certa representação social é caracterizado pelo fato de buscar reconstituir tais representações preservando a sua dimensão individual articulada com a sua dimensão coletiva (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Na técnica do DSC o pesquisador tem a função maior de ser um “parteiro”, um fazer aparecer das representações sociais ou suas manifestações sob a forma de depoimentos coletivos (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 504).

O DSC busca representar o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-

⁷ Para fins desta pesquisa não foi utilizado a figura metodológica ancoragem (AC) tendo em vista que não foram observadas ancoragens nos discursos dos entrevistados.

síntese que reúne repostas e diferentes indivíduos, com conteúdo discursivo de sentido semelhante (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Para Lefèvre e Lefèvre (2014), uma representação social na qualidade de um conhecimento do senso comum, está sempre presente numa opinião, posicionamento, manifestação ou postura de um indivíduo em sua vida cotidiana. Essas manifestações são consequências dos modos socialmente compartilhados de conhecer, representar ou interagir no mundo social. As representações podem ser entendidas como sínteses próximas da empiria de conhecimentos familiares compartilhados por um grupo na comunidade.

No entendimento de Lefèvre e Lefèvre (2003; 2005), a compreensão da teoria das representações sociais subsidia o resgate da expressão humana contida nas falas, pensamentos e ideias de determinado coletivo sobre tal tema.

Enfatiza-se também, que para o desenvolvimento do processo de análise das representações e discursos dos participantes, é fundamental o aporte teórico da sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann (2010) e do configuracionismo sócio-histórico de Elias (1993; 1994).

Sendo assim, o DSC contribuiu como técnica para a análise dos discursos dos profissionais participantes desta pesquisa e para a construção do coletivo discursivo de um sujeito, ou seja, de uma categoria profissional, que atua em mesmo ambiente profissional numa mesma Rede de biblioteca, acerca da temática gênero e sexualidade relacionadas às suas práticas profissionais.

4.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Em todas as pesquisas com seres humanos devem ser observados os aspectos éticos que os envolvem. Segundo Aranalde (2005, p. 353) “uma postura ética se faz necessária quando interagimos com outros seres humanos na complexa teia de relações sociais na qual estamos inseridos”. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEPESH/UDESC.

Os princípios éticos da pesquisa estão em conformidade com a Resolução nº 466, de 12 dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), que visa a assegurar os direitos e deveres dos envolvidos com a pesquisa, com o

pesquisador, participantes da pesquisa, com a comunidade científica e com o Estado.

O aceite ou concordância dos(as) bibliotecários(as) participarem da pesquisa foi oficializado com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) . Ressalta-se a importância de levar em consideração os aspectos éticos deste trabalho, tendo em vista que “a biblioteconomia é, em sua essência, uma atividade ética, incorporando alto valor agregado ao trabalho profissional com informações” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2012, p. 1).

Ortega e Gasset (2006, p. 16) afirmam que,

[...] para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gestos, curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretenda definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve nossa profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente, variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica.

A prática bibliotecária e as bibliotecas escolares requerem ética, tendo em vista seu papel de disseminadores da informação, devem trabalhar todas as questões e temáticas que circundam o ambiente escolar na busca da eliminação de possíveis preconceitos e sofrimentos gerados pela falta de informação.

5 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Mediante os procedimentos metodológicos destacados no capítulo anterior, chegou-se ao DSC geral, que representa a soma dos discursos dos(as) 10 bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis a respeito da temática gênero e sexualidade. Trata-se do texto abaixo:

Eu entendo que gênero é o masculino e feminino. É uma forma de definir, como a pessoa se identifica e envolve pessoas que estão buscando seu espaço na sociedade. Este processo envolve questões políticas, éticas e sociais. Com menos frequência, penso que gênero refere-se à um tipo de relação de um casal (heterossexual ou homossexual) e que pode-se mudar isso no decorrer da vida.

Identidade de gênero é mais difícil definir, eu costumo ler e ouvir muito sobre isso. Posso dizer que identidade de gênero define o gênero que uma pessoa se reconhece, independente dela ter nascido com determinado sexo. Identidade de gênero não tem a ver com sexualidade e envolve discutir questões sociais. Porém, ela é vista com muito preconceito e discriminação.

Por sexualidade, eu entendo que é como eu me relaciono com as pessoas e qual é a minha opção sexual (heterossexual, homossexual ou bissexual). Entendo que sexualidade é mais fácil de definir e é o convívio com o corpo e o casal (homem/mulher, mulher/mulher, homem//homem). Por vezes, entendo que sexualidade, refere-se à ser homem e à ser mulher e também, à opção de ser masculino ou feminino. Ademais, penso que sexualidade, trata-se mais do lado afetivo e da intimidade. Entretanto, eu tenho muitas dúvidas e tenho dificuldades em explicar esta temática.

O que eu entendo por orientação sexual é o que recebemos na escola, na família e quando nascemos. Entendo também, que é por quem a pessoa se sente atraída, ou talvez, como a pessoa se vê e se identifica. Mas eu acho confuso não entendo muito. Acho que orientação sexual é pré-estabelecida. A pessoa não escolhe, acredito que ela já nasce heterossexual, homossexual ou bissexual. Além disso, penso que a orientação sexual depende da identidade de gênero.

Na maioria das vezes, a escola não trabalha a temática e a mesma não é contemplada na realização das atividades. Eu tento em minha prática profissional contemplar em certas atividades, a temática gênero e sexualidade. Porém, faço isso

de forma superficial, quando há necessidade, já que os alunos me procuram para conversar. Raramente, eu penso na forma como disponho o acervo para que as questões de gênero sejam abordadas. Eu até questiono algumas práticas da nossa área e percebo que na CDD e na CDU, estas questões não são consideradas.

A biblioteca nunca realizou projetos sobre a temática e ela nunca recebe solicitação de consultas, por parte dos professores, sobre o tema e/ou para levantamentos bibliográficos. Quando algo é requerido, a pesquisa volta-se para obras sobre prevenção de DSTs e gravidez na adolescência. Por outro lado, os alunos têm interesse em livros sobre sexualidade.

Eu acho muito relevante a inserção da temática gênero e sexualidade em minhas práticas. Também, acho necessário que a escola se posicione. Temos que saber trabalhar e conhecer a temática. A biblioteca tem que participar, pois a temática está inserida no dia-a-dia e está em todo lugar: na casa, na família, na rua e na TV. E nesse sentido, procuro orientar de forma pedagógica, me vejo como bibliotecário social.

Raramente, não considero relevante a inserção da temática porque os alunos são muito infantis. Talvez os professores em sala de aula sintam a necessidade, porém, eu acredito não ser necessário, pois não estamos preparados e talvez a gente não tenha a resposta correta.

São muitos os desafios políticos, sociais, culturais em relação a temática, confesso que às vezes acho bem confuso e difícil. Atualmente, acredito que os desafios para a biblioteca e o bibliotecário são: a existência de formação relacionada à temática (com pessoas especializadas); a falta de informação e leitura; mais obras literárias e de formação sobre a temática na biblioteca escolar. E ainda, é preciso trabalhar junto com a escola e conscientizar as famílias, pois são muitos casos de preconceito e violência atualmente.

Quanto ao bibliotecário, fica o desafio de falar naturalmente sobre a temática e conversar com o grupo bibliotecários a respeito dela. Alguns bibliotecários têm dificuldade em trabalhar a temática, pois além das questões profissionais, existem outras de cunho pessoal. O bibliotecário precisa entender mais sobre o assunto e ter mais recursos físicos e humanos.

A temática precisa estar inserida no Projeto Político Pedagógico da escola, para podermos informar com tranquilidade, clareza, sem vergonha. Ressalto que tenho preocupação com a linguagem, pois a temática não me deixa à vontade. Mas

eu tenho que começar a trabalhá-la para poder mudar a postura do aluno e ensinar os direitos de alunos que sofrem preconceitos. Percebo que na escola parece que ninguém sabe orientar o aluno.

Eu gostaria de falar que precisamos de informação, para nos ajudar a combater o preconceito e violência, temos que ter mais leitura e experiência profissional sobre a temática. O bibliotecário poderia estar contribuindo bem mais com a temática, mas por vezes ele é esquecido pela comunidade escolar. O bibliotecário é uma ferramenta fundamental dentro da escola.

Ademais, a discussão da temática é recente. As questões de gênero envolvem estudo, pois, são temas que nos constituem como ser humano. Infelizmente, gênero e sexualidade entraram em um processo de retrocesso e por isso, acho muito importante esta pesquisa para aprendermos a respeitar as diferenças.

O presente DSC permite a maior compreensão do que o coletivo de 10 bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, manifesta a respeito da temática gênero e sexualidade e sua relação com a biblioteca e o bibliotecário escolar. Essa compreensão permite atender ao “objetivo A” da pesquisa: levantar os discursos de bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis a respeito da inserção da temática nas escolas.

As seguintes seções irão explorar os pontos relevantes do DSC, analisar e discutir trechos das entrevistas para verificar o entendimento dos(as) bibliotecários(as) acerca da temática, confrontar com a literatura abordadas na fundamentação conceitual e utilizar como aporte teórico às teorias apresentadas na fundamentação teórico-metodológica da presente pesquisa.

5.1 PERCEPÇÕES DOS(AS) BIBLIOTECÁRIOS(AS) EM RELAÇÃO À TEMÁTICA GÊNERO E SEXUALIDADE

A seguir, será tratado o que o coletivo de bibliotecários(as) manifesta em relação aos conceitos de gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual, com a pretensão de atender ao exposto no “objetivo B”, exposto na introdução desta dissertação: verificar a percepção que os(as) bibliotecários(as) de

Rede Municipal de Ensino de Florianópolis atribuem aos conceitos de gênero e sexualidade.

5.1.1 Gênero e identidade de gênero

Como já abordado na fundamentação conceitual, gênero pode ser entendido como uma construção social e cultural, como ser homem e mulher nas diferentes sociedades e culturas. Os estudos das relações de gênero surgem na década de 70 e logo se opõem ao conceito de papéis sociais, os quais são naturalizados pela biologia. A palavra gênero, introduz uma nova categoria de análise aos fenômenos da vida social e histórica, ao mesmo tempo em que torna cada vez mais evidente o enfoque político (FURLANI, 2008).

Gênero como categoria de análise decorrente das ciências sociais é o conjunto de atitudes, valores, ideias, representações, normas, prescrições, atribuições e símbolos construídos social e culturalmente com base nas diferenças sexuais, colocando-se como um “dever ser” para mulheres e homens. Impõe-se cada sexo por meio do processo de socialização e configuram sua identidade em masculino e feminino (SAFFIOTI, 1987).

Sendo assim, ao analisar o DSC, percebeu-se que o coletivo, possui um entendimento, apesar de não ser aprofundado, sobre o conceito de gênero. Constata-se esse fato no trecho abaixo:

Eu entendo que gênero é o masculino e feminino. É uma forma de definir, como a pessoa se identifica e envolve pessoas que estão buscando seu espaço na sociedade. Este processo envolve questões políticas, éticas e sociais. (trecho do DSC)

Portando, evidencia-se o entendimento de que esse coletivo tem a respeito de gênero está ligado à questão do masculino e feminino, envolvendo nesse processo questões políticas, éticas e sociais, e porque não, culturais. Apesar de indicarem as questões políticas, éticas e sociais, os(as) entrevistados(as), não especificam e nem exemplificam quais seriam essas questões. Partindo desse princípio questiona-se: Será que o coletivo possui realmente esse entendimento? Supõe-se que não há plena consciência já que se verificaram, inicialmente, confusões conceituais e falta de entendimento sobre o que é gênero e o que é sexualidade.

Ressalta-se que gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídos a partir da diferença biológica dos sexos (BRASIL, 2001), indo além do que é ser masculino e ser feminino na sociedade. O conceito busca problematizar as relações de poder e evidenciar as diferenças percebidas entre homens e mulheres.

Para dar continuidade a esse pensamento, pontua-se aqui, a dificuldade por parte dos(as) entrevistados(as) em conceituar gênero, como pode ser observado nos trechos retirados das entrevistas:

[...] gênero, seria o masculino e feminino? Menino e menina? Ou posso mudar depois, sou menina e posso virar menino? ... gênero que eu entendo é isso, eu nasci mulher, mas eu posso mudar no decorrer da minha vida e posso querer ser masculina. (APÊNDICE D, questão 1, E1)

[...] eu acredito, que a questão de gênero, ela separa um pouco, né? Quem é assim, como é que funciona pessoa, como é que ela deve ser, como ela deve se comportar e tal, é uma forma de... definir né, eu penso assim, que gênero é uma forma de definir. (APÊNDICE D, questão 1, E3)

[...] o gênero é uma coisa uma pouco mais complexa... eu acho que vai tratar realmente do que a pessoa é, de como a pessoa se identifica. (APÊNDICE D, questão 1, E6)

[...] gênero seria mais, é... tipo casal, é... os vários tipos de conceitos que existe... de homossexual, de casal hetero, de homossexuais, de homem com homem, mulher com mulher... ou o casal que é entendido como comum pela sociedade. (APÊNDICE D, questão 1, E7)

[...] gênero vai ser sempre o que tu é fisicamente. (APÊNDICE D, questão 1, E9)

[...] gênero é o que eu quero assumir para mim... se eu sou bi, hetero, homo... é o meu gênero que eu tenho a seguir. (APÊNDICE D, questão 1, E10)

Foram utilizados termos para conceituar gênero como: “*posso querer ser masculina*”, “*como funciona a pessoa*”, “*como a pessoa se identifica*”, “*gênero seria... tipo casal*”, “*gênero é o que eu quero assumir pra mim*”. O segundo trecho do DSC destaca a falta de entendimento de alguns entrevistados(as) em relação ao conceito de gênero:

Com menos frequência, penso que gênero refere-se à um tipo de relação de um casal (heterossexual ou homossexual) e que pode-se mudar isso no decorrer da vida. (trecho do DSC)

Portanto, fica evidente ao se interpretar o DSC, a confusão conceitual, que ainda falta entendimento para as pessoas no geral do que é gênero. Percebe-se uma confusão em relação aos termos gênero e sexualidade. Por vezes, esses termos são relacionados, porém, como abordado na fundamentação conceitual, são conceitos diferentes, pois o sexo é biológico e o gênero é social. Falaremos sobre sexualidade um pouco mais a frente.

Gênero não levanta nenhuma questão sexual específica, mas sim as diferenças percebidas entre os sexos. Os padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos transmitidas pela educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero (SARTORI; BRITTO, 2004).

Quando o coletivo aponta gênero por “*como a pessoa se identifica*” e “*envolve pessoas que estão buscando seu espaço na sociedade*”, na verdade elas estão falando da identidade de gênero.

Identidade de gênero é o gênero com que a pessoa se identifica. Há quem se perceba como homem, como mulher, como ambos ou mesmo como nenhum dos dois gêneros: os chamados não binários (JESUS, 2012; BRASIL, 2009).

Assim sendo, vamos verificar o que o coletivo manifesta em relação ao conceito de identidade de gênero:

Posso dizer que identidade de gênero define o gênero que uma pessoa se reconhece, independente dela ter nascido com determinado sexo. Identidade de gênero não tem a ver com sexualidade e envolve discutir questões sociais. (trecho do DSC)

Mais uma vez, o coletivo é assertivo ao conceituar um termo. A identidade vem da noção de pertencimento, ou seja, o gênero ao qual as pessoas pertencem e se reconhecem. Essa constatação é reforçada em alguns trechos das entrevistas coletadas:

A identidade de gênero na minha opinião é como o ser humano ele se constitui como pessoa. (APÊNDICE D, questão 2, E4)

Identidade de gênero, eu acho que é como a pessoa se vê, como a pessoa se identifica. (APÊNDICE D, questão 2, E6)

Identidade de gênero, seria o que eu te falei... seria o gênero que eu enquanto pessoa me reconheço. (APÊNDICE D, questão 2, E6)

Apesar de estarem em um caminho correto em relação ao conceito, a identidade de gênero foi o termo que os(as) bibliotecários(as) mais tiveram dificuldades em conceituar.

Os(as) entrevistados(as) fizeram associação com o processo de mudança de sexo, como se as pessoas pudessem trocar e disso se trata a identidade de gênero. Porém, a identidade de gênero não envolve apenas o físico, ela está relacionada a como a pessoa se identifica.

Seguem trechos das entrevistas em que se evidencia essa confusão:

A identidade de gênero, a minha identidade é feminina, mas posso trocar, se eu quiser virar masculina, posso virar masculina. (APÊNDICE D, questão 2, E1)

[...] a identidade de gênero... eu acho que ela é mais... nessa questão dos trans... a pessoa que nasce de um sexo... e sente tendo do outro... por exemplo eu nasci feminino, eu me vejo como feminino, tem gente que se vê como masculino... e ao contrário também. (APÊNDICE D, questão 2, E9)

Grossi (20--) destaca que devemos distinguir identidade de gênero de práticas afetivo-sexuais, sexualidade é apenas uma das variáveis que configura a identidade de gênero em concomitância com outras coisas, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução.

Furlani (2008), Figueirò (2013) e Jesus (2012) entendem que em relação à identidade de gênero as pessoas podem ser: cisgênero (que se identifica com o gênero que lhe foi dado ao nascer) ou transgênero (que se identifica com um gênero diferente do que lhe foi dado no nascimento, como por exemplo as travestis e transexuais). Segue um quadro⁸ que separa as identidades:

Quadro 1 - Identidade de gênero

CISGÊNERO	TRANSGÊNERO	NÃO BINÁRIO
Que se identifica com o gênero que lhe foi dado ao nascer.	Que se identifica com um gênero diferente do que lhe foi dado no nascimento. Exemplo: Travestis e Transexuais.	Que não se identifica com nenhum dos dois gêneros.

Fonte: Adaptado de Furlani (2008), Figueirò (2013) e Jesus (2012).

⁸ Os quadros que compõem esta seção foram elaborados ou adaptados por mim e ajudarão a compor futuramente o material utilizado para confecção do produto desta dissertação.

Os(as) entrevistados revelam em sua fala o desconhecimento acerca da temática, refletindo sobre o preconceito e a violência que pessoas transgêneros muitas vezes sofrem. O trecho do DSC revela essa afirmação:

Identidade de gênero é mais difícil definir, eu costumo ler e ouvir muito sobre isso. Porém, ela é vista com muito preconceito e discriminação. (trecho do DSC)

Por isso, é tão importante os estudos das relações de gênero a fim de se quebrar esses paradigmas, a fim de aspirar uma sociedade que respeite as diferenças, as identidades de gênero e a diversidade humana.

Na biblioteca escolar faz-se necessária esta reflexão para desconstruir os papéis sociais estabelecidos pelas diferenças de sexo. É preciso evitar, por exemplo: separar as coleções “para meninos” e “para meninas”; associar as cores azul para meninos e rosa para meninas; dar maior atenção no processamento técnico do material, evitando termos que possam ser preconceituosos ou que promovam a exclusão; e dar atenção aos sujeitos da diversidade sexual, presentes na comunidade escolar, quanto às suas necessidades informacionais.

5.1.2 Sexualidade e orientação sexual

Após analisarmos o que o coletivo entende por gênero e identidade de gênero, faz-se necessário também, conhecer o conceito que o mesmo atribui à temática sexualidade e orientação sexual.

Por sexualidade, eu entendo que é como eu me relaciono com as pessoas e qual é a minha opção sexual (heterossexual, homossexual ou bissexual). Entendo que sexualidade é mais fácil de definir e é o convívio com o corpo e o casal (homem/mulher, mulher/mulher, homem//homem). (trecho do DSC)

A primeira sentença do DSC apresenta problemas ao mostrar o termo “opção sexual”, já que se sabe que não existe opção, e sim orientação sexual. Orientação sexual é a maneira como o interesse sexual e afetivo se manifesta em homens e mulheres. Essa atração pode ser pelo mesmo sexo, pelo sexo oposto ou por ambos (FURLANI, 2008).

Deve-se lembrar que não existe uma opção, ou interferência do meio, as pessoas constroem sua orientação sexual ao longo da sua vivência. O que existe é uma interferência na aceitação, a pessoa pode escolher viver sua orientação sexual, ou esconder e/ou ignorar devido às questões sociais, culturais, políticas.

A segunda sentença se aproxima mais do conceito de sexualidade. O conceito é abrangente e inclui práticas ligadas ao sexo, ao corpo. A sexualidade é da ordem de cada indivíduo, ela diz respeito aos prazeres e às fantasias ocultas, aos excessos e perigos para o corpo e passou a ser considerada como a essência do ser humano individual e núcleo da identidade pessoal. Porém, sexualidade não é apenas sensação física. Ela é o conjunto de significados atribuídos pelo indivíduo às experiências corporais prazerosas, refere-se aos sentimentos, desejos, relacionamentos entre pessoas (ANDRADE, 2004; SARTORI; BRITTO, 2004; TONELI, 2012).

Mais uma vez, os conceitos de gênero e sexualidade se confundem no discurso do coletivo, como exposto no trecho a seguir:

Por vezes, entendo que sexualidade refere-se à ser homem e à ser mulher e também, à opção de ser masculino ou feminino. (trecho do DSC).

A sexualidade é frequentemente associada ao conceito de gênero, o que dificulta muitas vezes a análise e diferenciação dos termos. O conceito de gênero “está colado, no Ocidente, ao de sexualidade, o que promove uma imensa dificuldade no senso comum” (GROSSI, 20--, p. 4).

Os trechos a seguir mostram essa dificuldade em diferenciar e separar os conceitos de gênero e sexualidade:

[...] sexualidade, vai para parte do que a gente convive no diário, sou homem, sou mulher... isso? e gênero, seria o masculino e feminino? Menino e menina? [...]. (APÊNDICE D, questão 1, E1)

[...] sexualidade é o que eu... o que minha opção, se eu quero ser masculino feminino. (APÊNDICE D, questão 1, E2)

[...] sexualidade, é como eu me identifico como homem/mulher, né, é como eu me relaciono como pessoa [...]. (APÊNDICE D, questão 1, E4)

[...] gênero e sexualidade, o masculino, feminino, o trans, é... eu acho que entra nessa questão de escolha sexual, bissexual, homossexual [...]. (APÊNDICE D, questão 1, E5)

O coletivo estudado não tem clareza dos conceitos que envolvem a temática deste estudo. Portanto, o que há é uma confusão conceitual. Essa noção é preocupante, pois podem ser gerados preconceitos ou até mesmo falha na disseminação de informações referentes à temática. Mais uma vez, o coletivo expressa a sua dificuldade em explicar a temática: *Entretanto, eu tenho muitas dúvidas e tenho dificuldades em explicar esta temática.* (trecho do DSC).

O DSC do coletivo revela que a sexualidade está associada com as relações, orientações e o convívio com o lado sexual. Figueiró (2013) afirma que a sexualidade inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque, a intimidade. Inclui, principalmente, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.

Ao analisar o DSC percebeu-se uma falta de entendimento em relação ao conceito de orientação sexual. Constata-se este fato no trecho abaixo:

O que eu entendo por orientação sexual é o que recebemos na escola, na família e quando nascemos. (trecho do DSC)

A visão dos(as) entrevistados(as) é que orientação sexual diz respeito ao trabalho de ensino acerca das questões relacionadas à sexualidade desde a infância, porém chamamos esse trabalho de educação sexual.

Nesse sentido, junta-se a dificuldade em conceituar e a falta de consenso entre os entrevistados sobre a orientação sexual. Alguns discursos pontuam essa dificuldade:

[...] é o que nós recebemos na escola, da família... a nossa orientação quando a gente nasce...que nasce mulher ou nasce homem, e o que nos é orientado, eu sou mulher, a minha orientação como mulher, tu é homem tu recebeu uma orientação pra ser homem. (APÊNDICE D, questão 2, E1)

[...] acho que ela super importante ela tem que acontecer tanto âmbito familiar, ou sociedade ou de escola, pra poder é... ter um entendimento. (APÊNDICE D, questão 2, E3)

[...] todos os conceitos que tu tem a respeito de sexo, de que seria aquilo assim... que a gente vai aprender em casa né... com os pais com a família e também na escola, aquela parte que a gente aprende sobre os órgãos, aquela parte ali de ciências mesmo, acho que seria ali, a orientação sexual. (APÊNDICE D, questão 2, E7)

[...] orientação sexual me remete aquele bem antigo... das pessoas falavam bem a questão da sexualidade, questão da gravidez na adolescência. (APÊNDICE D, questão 2, E8)

[...] orientação sexual é durante a vida inteira... é aquele padrão que apresentam... que eu não quero seguir, ou aquelas orientações que me passam sobre sexualidade. (APÊNDICE D, questão 2, E8)

A expressão educação sexual é mais adequada do que orientação sexual, como utilizada nos PCNs, pois possibilita conceber o educando como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não como mero receptor passivo de conhecimentos, informações e/ou orientações (FIGUEIRÒ, 2013).

Pode-se dizer que é preocupante a noção que os(as) bibliotecários(as) têm do conceito de orientação sexual, principalmente porque eles estão inseridos em um contexto escolar, ambiente de aprendizado e socialização de saberes.

A orientação sexual é o direcionamento da atração erótica do sentimento afetivo e da prática sexual. Ela pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual e depende do gênero pelo qual a pessoa desenvolve atração sexual e laços românticos. (FURLANI, 2008). Existe, atualmente, a categoria assexual que seriam pessoas que não sentem atração sexual e afetiva por nenhum dos dois sexos, porém não existe consenso entre os especialistas em relação a esse termo. Como expressado no trecho a seguir: *entendo também, que é por quem a pessoa se sente atraída* (trecho do DSC).

O quadro a seguir, foi elaborado para facilitar o entendimento em relação aos diferentes tipos de orientação sexual:

Quadro 2 - Orientação sexual

HETERROSEXUAL	HOMOSSEXUAL	BISSEXUAL	ASSEXUAL
Pessoa que se sente atraída sexual e afetivamente por alguém do sexo oposto ao seu.	Pessoa que se sente atraída sexual e afetivamente por alguém do seu próprio sexo.	Pessoa que se sente atraída sexual e afetivamente por pessoas de ambos os sexos.	Pessoa que não se sente atraída sexual e afetivamente por nenhum dos sexos.

Fonte: Adaptado de Furlani (2008) e Jesus (2012).

Como expressei anteriormente, a orientação sexual das pessoas não está relacionada à educação ou à influência de terceiros. Evidencia-se o trecho do DSC no qual o coletivo expressa essa afirmação de forma correta:

Acho que orientação sexual é pré-estabelecida. A pessoa não escolhe, acredito que ela já nasce heterossexual, homossexual ou bissexual. (trecho do DSC)

Portanto, faz-se necessário o entendimento conceitual para que se possa trabalhar a temática. Cabe aos(as) bibliotecários(as) atualizarem-se nas questões relacionadas à orientação sexual e à educação sexual. A partir do momento que essas categorias forem diferenciadas e esclarecidas, eles(as) poderão sentir-se mais preparados para o trabalho de educação sexual.

5.1.3 **Sexo, gênero e sexualidade**

Ainda hoje, há uma certa dificuldade em diferenciar categorias como sexo, gênero, sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero. Há uma associação muito grande entre a anatomia (que é biologicamente dada) e os papéis sociais de homens e mulheres (que são socialmente construídos).

Logo ao nascer, as pessoas são rotuladas conforme os atributos de gênero: aos meninos os atributos de força, de atividade, de controle de sentimentos, a cor azul; às meninas os atributos de delicadeza, passividade, a expressão das emoções, afetividade e a cor rosa. (SARTORI; BRITTO, 2004).

Um quadro foi elaborado com a intenção de separar as categorias sexo, gênero e sexualidade, para facilitar o entendimento quanto a essas dimensões. É preciso deixar claro que todas as pessoas, incluindo as crianças e os adolescentes, têm:

Quadro 3 - Sexo, gênero e sexualidade

SEXO	GÊNERO	SEXUALIDADE
Biologia	Identidade de gênero	Orientação Sexual
Homem/Menino; Mulher/Menina;	Sociedade e cultura: Masculino e Feminino; Homem e/ou Mulher; Mulher e/ou Homem;	Heterossexualidade; Homossexualidade; Bissexualidade; Assexualidade.

Fonte: Adaptado de Furlani (2008) e Jesus (2012).

As perguntas durante a entrevista em relação à gênero e sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero, foram realizadas propositalmente juntas para identificar se os(as) bibliotecários(as) conseguiam distinguir os conceitos.

A dificuldade, muitas vezes, de conceituar e/ou diferenciar essas categorias, pode ser associada ao processo civilizador (ELIAS, 1993). Somos uma construção histórica de costumes que são transmitidos pelos indivíduos de geração em geração. Logo, nossa confusão conceitual está associada a como construímos os conceitos de gênero e sexualidade nas diferentes sociedades e culturas.

Portanto, foi possível responder ao segundo objetivo específico desta pesquisa, uma vez que se analisou o entendimento que o coletivo pesquisado faz dos conceitos de gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual.

O coletivo manifestou dúvidas quanto a conceituar os termos. Por vezes, os(as) mesmos(as) sentiam dificuldades em diferenciar categorias como gênero e identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual. Essa dificuldade pode gerar preconceitos e até mesmo um receio em trabalhar a temática por não se ter um entendimento em relação a ela.

O(a) bibliotecário(a) dentro da escola deve procurar os professores, investigar os conteúdos trabalhados em sala de aula e assim trabalhar em conjunto, não apenas disponibilizando o ambiente e o material para pesquisa, mas participando efetivamente do processo de ensino-aprendizagem. O(a) bibliotecário(a) escolar não pode se eximir de responsabilidade dentro da escola frente a nenhuma temática, tendo em vista seu papel como agente socializador destacado na presente pesquisa.

Trataremos, a seguir, da relevância da inserção da temática nas práticas profissionais dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e a importância que o coletivo atribui ao assunto.

5.2 PRÁTICAS PROFISSIONAIS E A INSERÇÃO DA TEMÁTICA GÊNERO E SEXUALIDADE NO COTIDIANO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Com a finalidade de atender ao “objetivo C”, de se verificar como a inserção da temática gênero e sexualidade está contemplada dentro das práticas dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, por meio da representação social desse coletivo, algumas considerações serão feitas nesta seção.

5.2.1 Relevância da inserção da temática gênero e sexualidade nas práticas profissionais

Gênero e sexualidade são temas que estão presentes em todos os momentos e lugares, logo, na escola não seria diferente, já que é o local no qual se produzem, reproduzem-se e cristalizam-se as distinções. A diversidade presente nos ambientes educacionais dificilmente é percebida como positiva, na sua dimensão de riqueza (SARTORI; BRITTO, 2004).

A biblioteca tem, na sociedade atual, uma importante missão a cumprir no que se refere ao desenvolvimento e à formação dos cidadãos. Ela é potencialmente um dos espaços que mais pode contribuir para o despertar da criatividade e do espírito crítico no aluno, tendo em vista os diversos tipos de materiais que constituem o seu acervo e os variados serviços e atividades que podem ser desenvolvidos (CASTRO FILHO, 2008).

Para averiguar a relevância da temática e os desafios para a biblioteca e para o(a) bibliotecário(a) escolar em relação à temática gênero e sexualidade, precisa-se, antes verificar se são realizadas atividades a respeito das mesmas.

Nesse sentido, o seguinte trecho do DSC, reflete o que o coletivo de bibliotecários(as), manifesta sobre as atividades realizadas na biblioteca e a temática gênero e sexualidade.

Na maioria das vezes, a escola não trabalha a temática e a mesma não é contemplada na realização das atividades. Eu tento em minha prática profissional contemplar em certas atividades, a temática gênero e sexualidade. Porém, faço isso de forma superficial, quando há necessidade, já que os alunos me procuram para conversar. (trecho do DSC)

A partir do discurso, primeiro devemos notar que nenhum dos(as) bibliotecários(as) responderam à pergunta, que era “na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) é(são) contempladas a(s) temática(s) gênero e sexualidade?”.

O pesquisador esclareceu durante as entrevistas que as atividades poderiam ser voltadas a práticas do cotidiano e não necessariamente, projetos relacionados à temática.

Nesse sentido, observam-se trechos das entrevistas nos quais podemos perceber uma certa relutância dos bibliotecários em assumir uma postura em que as temáticas são contempladas, justificando que a escola não trabalha esses temas:

[...] a gente não tem o foco para isso. A gente não trabalha isso... a escola não trabalha, e nem a biblioteca. (APÊNDICE D, questão 3, E1)

[...] aqui na nossa escola em nenhum momento a gente está contemplando esta temática. (APÊNDICE D, questão 3, E6)

[...] aqui na escola, isso não é uma prática comum sabe... lá na escola ninguém, eu não vi ninguém, falando sobre [...]. (APÊNDICE D, questão 3, E7)

[...] eu não vejo isso na escola. (APÊNDICE D, questão 3, E8)

Aqui na escola... eu não vi assim nenhum trabalho muito focado nisso. (APÊNDICE D, questão 3, E8)

O bibliotecário dentro da escola tem de exercer seu papel de educador, ele pode assumir a importante função de mediar a informação e atuar no processo de ensino-aprendizagem como um orientador, um avaliador e um motivador. As ações desenvolvidas pelo bibliotecário escolar, visam à educação em um sentido amplo, incluindo aí, a formação de hábitos e atitudes dos alunos (CALDIN, 2005; MILANESI, 2002; SILVA; LIMA, 2013).

Um(a) dos(as) entrevistadas(os) apontou a necessidade de se trabalhar em conjunto com os professores:

[...] eu posso realizar em parceria com outros profissionais da escola... Mas sozinha eu não tenho segurança de fazer. (APÊNDICE D, questão 3, E2)

O(A) bibliotecário(a) demonstra sua vontade em trabalhar a temática. Porém, sente-se inseguro e busca em sua fala, evidenciar a parceria que deve acontecer

entre professores e bibliotecários nas escolas. No seio de ambas profissões deve-se criar unidade que possa promover experiências e facilitar novos tipos de configurações disciplinares, inserindo a biblioteca no contexto educacional, como espaço de ensino-aprendizagem. Professor e bibliotecário, trabalhando juntos devem buscar mais informações e objetivos, porém, cada um terá responsabilidades e atividades específicas, empenhando-se no que sua formação e experiência o permitem fazer melhor (RUSSO; SOUZA, 2013; BORBA, 2011; BICHERI; ALMEIDA JUNIOR, 2013).

Apesar de não apontar nenhuma prática específica, os(as) bibliotecários(as) mencionaram que os alunos procuram muito a biblioteca, para conversar e para ler sobre a temática.

Eu me vejo assim muito na literatura, eles perguntam muito, eles perguntam e você precisa... ter alguma noção e orientando, e as vezes... você orienta aqui, ai percebe já que não é isso que ele quer, que é outra coisa, na literatura é muito importante. Aqui no dia a dia, na prática, eles procuram muito, enquanto sujeito eles procuram muito, muito, muito. (APÊNDICE D, questão 3, E2)

[...] ele acontece individualmente, como escape, aquele aluninho que vem conversar com a gente, porque ele encontra talvez segurança, encontra privacidade, pra conversar sobre o assunto, aquela aluna que vem falar, "ah eu vi a fulana estava tão linda", porque se sente à vontade para conversar comigo, um assunto que talvez não conversa-se em sala com o grande grupo. (APÊNDICE D, questão 3, E5)

[...] o que eu vejo são os alunos que tem interesse em vir na biblioteca procurar livros que falem sobre sexualidade, assim é engraçado porque eu organizei as estantes, eu fiz a mudança de layout, e a parte ali de educação sexual estava bem aqui na ponta então... assim meu deus, eles ficavam o tempo todo querendo mexer, ai quando eu mudei, essa parte ficou lá num canto, ai agora está mais sossegado, que ai sumiu aos olhos deles, mas era uma coisa que era extremamente visível... assim gritante até... sabe o quanto eles queriam estar indo ali, pegar aqueles livros, e é uma coisa bem assim velada, porque eles vão ali... e eles ficam e olham assim pra mim tipo... eles mesmo se condenam... ai alguns pegavam e sentavam, ai eu vi que ficava uma mesa cheia assim... e todo mundo ali olhando aquele livro, rindo, fazendo piadinha... ou alguns realmente lendo para ter conhecimento. APÊNDICE D, questão 3, E7)

Ao analisar esses discursos e as ideias centrais que foram revertidas no DSC, observa-se algumas particularidades em relação às práticas dos(as) bibliotecários(as).

Apesar de apontar para um serviço de referência e da biblioteca, sendo utilizada como local no qual os alunos vão em busca de informações sobre a temática, podemos perceber muitas vezes, o receio em se falar no assunto. Até

mesmo no que se refere à questões éticas como a censura de material, como no caso do(a) bibliotecário(a), que ao mudar o layout da biblioteca deixou os livros fora da visão dos alunos.

Conforme já exposto nos capítulos anteriores, pode-se supor que exista uma resistência em se tratar dessa temática, por ser um tema em que ainda não existe um consenso quanto a sua consolidação na educação.

Os termos identidade de gênero e orientação sexual, foram totalmente retirados do texto final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a temática não está contemplada na Proposta Curricular Nacional e na Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Cabe mencionar também, a cartilha que seria enviada às escolas, sendo parte do programa “Brasil sem homofobia”, com o objetivo de combater a violência e preconceito contra a população LGBT. A cartilha seria um guia para os educadores. Considerada como um marco histórico na luta da comunidade LGBT, ela foi vetada em 2011, cedendo à pressão de setores conservadores da sociedade e do Congresso Nacional (VIANNA, 2015).

Os fatores acima mencionados, e ainda o conservadorismo de algumas famílias, podem ser determinantes para a invisibilidade dessa temática nas escolas da Rede Municipal de Ensino Florianópolis. Salienta-se que são apenas suposições e a pesquisa não tinha a intenção de investigar os motivos de o tema não ser contemplado nas escolas.

O bibliotecário não deve se eximir de trabalhar nenhuma temática que circunde o ambiente escolar. O trecho a seguir do DSC aponta neste sentido:

Raramente, eu penso na forma como disponho o acervo para que as questões de gênero sejam abordadas. Eu até questiono algumas práticas da nossa área e percebo que na CDD e na CDU, estas questões não são consideradas. (trecho do DSC)

Complementando a visão apresentada, seguem trechos de duas entrevistas nas quais os(as) bibliotecários(as) apresentam possibilidades e exemplos de como se trabalhar a temática:

*Quando o aluno entra na biblioteca, estou trabalhando **gênero**... quando eu disponho o acervo, eu já estou trabalhando, então sempre quando o aluno chega aqui e já é uma prática, quando ele tá com 12 anos, [...] eu li um livro assim, vai lá pega... é quando eu desmistifico essa... hipocrisia da*

sociedade, eu estou trabalhando, quando vem um aluno. Esses tempo, eu até questioneei,... eu disse até a CDD e a CDU não trabalharam gênero, porque eu peguei os livros de carrinho, eu separei tudo, dinossauros, jamais pensei que isso... se a gente não perceber, a gente não está trabalhando gênero ali, a gente está dizendo que só... a gente está direcionando, se tu ver está lá no código né. Dai eu pensei... eu fiz, né e até hoje eu estou me questionando... eu quero refletir, como é que eu vou mudar isso. Nós bibliotecários, dai eu peguei, o código, e eu me questioneei... (APÊNDICE D, questão 3, E4, grifo nosso)

Olha a escola que eu trabalho hoje... o tema gerador é respeito a diversidade né... então assim, todas as atividades que a gente realiza... a gente procura... é assim... suavemente, de uma maneira bem leve... respeitar as diferenças enquanto a... gênero, sexualidade... às vezes uma criança apresenta um trabalho, com uma visão... a outra com outra... a gente tenta quebrar esse tipo de preconceito, a aceitação do colega... que é muito adolescente, muita criança... já apresenta a sua definição de gênero... e já está desenvolvendo aquela sexualidade, está se descobrindo... então todo o projeto que a gente pratica, a questão do respeito é trabalhada junto... independente de qualquer fator, o colega é igual... a aceitação é igual... Não existe o preconceito... bateu na porta o preconceito volta. (APÊNDICE D, questão 3, E10)

O(A) bibliotecário(a) deve criar um ambiente de entretenimento e aprendizagem que seja atrativo, acolhedor e acessível para todos, livres de qualquer medo ou preconceito (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015).

Nos discursos, dois bibliotecários(as) afirmam que suas escolas já discutiram a temática e outro(a) bibliotecário(a), que a escola iria discutir a temática, sinalizando uma possível mudança na realidade das escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, em relação ao trabalho relacionado ao tema.

Eu tive uma formação com uma professora da UDESC, ano retrasado, foi a escola que solicitou, a escola pode solicitar e ela vem, foi muito bom... eu fiz a formação com a professor da UDESC dois anos atrás... já sinto que preciso de novo, assim pra ontem. (APÊNDICE D, questão 3 e 5, E2)

[...] aqui na nossa escola em nenhum momento a gente está contemplando esta temática... assim, inclusive eu já tive épocas de se trabalhar bastante esse assunto... hoje ninguém está trabalhando especificamente. (APÊNDICE D, questão 3, E6)

Aqui na escola... eu não sei se isso é... eu acredito que alguns professores trabalhem isso assim... mas... até amanhã a gente vai ter um seminário de discussões de gênero... mas eu acredito que como a gente vai ter esse seminário amanhã... acredito que a partir do ano que vem isso vai ser mais discutido na escola. (APÊNDICE D, questão 3 e 4, E10)

Ainda em relação à inserção da temática gênero e sexualidade na prática profissional dos(as) bibliotecários(as), segue o segundo trecho do DSC:

A biblioteca nunca realizou projetos sobre a temática e ela nunca recebe solicitação de consultas, por parte dos professores, sobre o tema e/ou para levantamentos bibliográficos. Quando algo é requerido, a pesquisa volta-se para obras sobre prevenção de DSTs e gravidez na adolescência. Por outro lado, os alunos têm interesse em livros sobre sexualidade. (trecho do DSC)

O trecho, mais uma vez, destaca um interesse dos alunos pela temática, e a escassez na procura de informações por parte de professores e bibliotecários. Como já discutido anteriormente, em algumas instituições escolares ainda existem pudores em se falar de sexualidade e a realização de trabalhos voltados à educação sexual.

Salienta-se que é necessário abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, e medidas preventivas, mas também os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade que deve ser trabalhada por todos os(as) educadores(as) (GUIMARÃES, 2002; BRASIL, 2001; BRASIL, 2009).

No intuito de compreender na totalidade as representações dos conceitos de gênero e sexualidade, nas práticas dos(as) bibliotecários(as) aprendidas no DSC, faz-se necessário também levantar se o coletivo acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas.

Eu acho muito relevante a inserção da temática gênero e sexualidade em minhas práticas. Também, acho necessário que a escola se posicione. Temos que saber trabalhar e conhecer a temática. A biblioteca tem que participar, pois a temática está inserida no dia-a-dia e está em todo lugar: na casa, na família, na rua e na TV. E nesse sentido, procuro orientar de forma pedagógica, me vejo como bibliotecário social. (trecho do DSC)

Diferente do exposto anteriormente, ao ser questionado sobre a relevância da temática, o coletivo entende a importância da mesma, sinalizando sua relevância e a necessidade de conhecer acerca do assunto. Ele entende que o mesmo está presente em todos os lugares e refletem sobre o posicionamento da escola.

Alguns trechos das entrevistas podem ajudar a entender melhor o manifestado pelo coletivo em seu DSC:

Muito importante, porque ela está inserida nas nossas práticas do dia a dia. No contato com o nosso, usuário diariamente, tanto formal ou informal [...]. (APÊNDICE D, questão 4, E2)

Eu acho relevante, porque não está só aqui, está em todo lugar, está na televisão, está em casa, na família, na rua, é... no trabalho também, então é relevante, só que ainda é meio tabu [...]. (APÊNDICE D, questão 4, E5)

Eu acho que sim, porque hoje a gente está com isso na atualidade, e a gente não pode fechar os olhos... tem que aprender e saber mais... tem que estar disponível, a escola tem que estar mais aberta a isso... e nós também em quanto profissionais, temos que estar mais envolvidos [...]. (APÊNDICE D, questão 4, E8)

Eu acho que sim, porque hoje a gente está com isso na atualidade, e a gente não pode fechar os olhos... tem que aprender e saber mais... tem que estar disponível, a escola tem que estar mais aberta a isso... e nós também enquanto profissionais, temos que estar mais envolvidos, não pode ser uma coisa só da biblioteca... eu acho que tem que ser uma postura da escola... eu vejo a escola preocupada com isso, mas ainda não tem diretamente um trabalho... relevante, digamos assim [...]. (APÊNDICE D, questão 4, E9)

Nesse sentido, é desejável que os profissionais da educação tenham acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema (BRASIL, 2001). O educador deve estar preparado para atender a esta demanda, e não apenas, como destacado por alguns entrevistados(as), reagir à temática ou mesmo tratá-la de forma superficial, quando à necessidade.

Como destacado na fundamentação conceitual, a construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente, através de inúmeras aprendizagens e práticas, por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. A sexualidade é algo inerente à vida e à saúde que se expressa nas pessoas desde criança, e suas manifestações afloram em todas as faixas etárias (LOURO, 2008; BRASIL, 2001).

Apenas um(a) dos(as) entrevistados(as), não percebe a importância da inserção do tema nas práticas do dia a dia, conforme exposto no trecho da entrevista:

Eu acho que não, pelo que eu percebo aqui, não seria tão importante, porque eles são muito infantis... então é um caso que se destaca na escola toda, um, dois casos, de crianças que já tem essa sexualidade aflorada, mas a maioria não, eu acredito não ser necessário, pelo que eu vejo, nas minhas práticas não. Talvez os professores em sala de aula, convivendo diariamente, tenham essa percepção, mas eu não tenho. (APÊNDICE D, questão 4, E1)

Podemos intuir que, ao mesmo tempo que o(a) bibliotecário(a) não percebe relevante a temática em suas práticas, ele(a) aponta a necessidade de os professores trabalharem esse assunto em sala de aula.

O(A) bibliotecário(a), além das funções administrativas e técnicas, precisa também, participar ativamente de todos os acontecimentos que circundam o ambiente escolar. A biblioteca passou a acolher além do ser humano, o ser social (CORRÊA et al., 2002; BEHR; MORO; ESTABEL, 2008).

A sexualidade humana é socialmente construída por sua institucionalização no curso da história humana (BERGER; LUCKMAN, 2010). Pode-se tomar o estudo de Berger e Luckmann para explicar melhor o processo de socialização e como o mesmo ocorre na sociedade.

Os(As) bibliotecários(as), por vezes, podem não trabalhar a temática, devido a sua socialização na infância. Pode-se dizer que a maioria das pessoas não possuiu uma educação em que as questões de gênero e sexualidade eram conversadas abertamente. Nossa sociedade tem a tendência de não falar sobre sexualidade humana (FURLANI, 2008; JESUS, 2012; FIGUERÒ, 2013).

Conclui-se, portanto, que esse processo é uma construção social. Somos socializados de modo a invisibilizar essas temáticas, e dependendo do quão forte é essa socialização, temos dificuldade de nos desvencilhar dela. Mesmo na escola e na vida adulta, percebemos pudores e até mesmo preconceito a fatos e acontecimentos ligados à sexualidade.

A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 38).

É preciso abrir os espaços da escola para se discutir uma série de temáticas e questões relacionadas aos grupos sociais, que por muito tempo ficaram às sombras da educação. Podemos citar: as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, à diversidade sexual, ao estudo das relações étnico raciais, à educação inclusiva, aos indígenas e aos quilombolas.

Cabe à biblioteca participar ativamente dessa construção dentro da escola, tendo em vista seu papel de auxílio no processo de ensino-aprendizagem, conforme

já abordado na fundamentação conceitual. O(A) bibliotecário(a) precisa estar atento(a) a todas essas demandas e, em conjunto com toda a comunidade escolar, propor e discutir de que forma essas questões serão inseridas no cotidiano da escola.

5.2.2 Desafios para a biblioteca e para o(a) bibliotecário(a) escolar

Para melhor contextualizar as representações sociais contidas nos discursos dos bibliotecários, é essencial analisar quais os desafios para a biblioteca e para os(as) bibliotecários(as) escolares atenderem à demanda relacionada à temática gênero e sexualidade. Afinal,

São muitos os desafios políticos, sociais, culturais em relação a temática, confesso que às vezes acho bem confuso e difícil. Atualmente, acredito que os desafios para a biblioteca e o bibliotecário são: a existência de formação relacionada à temática (com pessoas especializadas); a falta de informação e leitura; mais obras literárias e de formação sobre a temática na biblioteca escolar. E ainda, é preciso trabalhar junto com a escola e conscientizar as famílias, pois são muitos casos de preconceito e violência atualmente. (trecho do DSC)

Mais uma vez, o coletivo fala de desafios políticos, sociais e culturais em relação ao tema, sem especificar ou exemplificar quais são. No que tange a essa pergunta, sobre os desafios para biblioteca e o(a) bibliotecário(a), foi a resposta, na qual se teve maior consenso entre os entrevistados(as).

Podemos entender que, por falarem de suas realidades nas bibliotecas escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, as respostas foram parecidas, pois as realidades e necessidades, por vezes, são as mesmas.

No trecho do DSC mencionado acima, pode-se pontuar alguns dos maiores desafios destacados pelos(as) bibliotecários(as), sendo eles: a necessidade de formação para trabalhar a temática, mais informação e leitura sobre a temática e acervo para as bibliotecas escolares.

Em relação à necessidade de formação, os(as) entrevistados(as) falaram sobre a falta de capacitação profissional e falta de entendimento, muitos sugeriram formação para os bibliotecários em função desse desafio que é trabalhar com a temática.

Os(as) bibliotecário(as) devem estar em constante atualização. Existe uma série de temas que demandam estudo e leitura para o conhecimento e aperfeiçoamento profissional.

Além de sua formação acadêmica, que tem forte influência tecnicista, a formação bibliotecária deveria, em seus currículos, contemplar questões que discutam e reflitam nossa sociedade. Será que apenas a técnica, os códigos e a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) são suficientes para preparar o bibliotecário para atuar em unidades de informação?

Deve-se voltar os olhos para as pessoas as quais os serviços serão prestados, assim como suas necessidades e particularidades enquanto indivíduos. Faz-se necessário trazer para os currículos dos cursos de graduação em biblioteconomia, disciplinas que abordem o lado social, ético, crítico e reflexivo dessa profissão.

O(A) bibliotecário(a) escolar deve ter como preocupação, realimentar seus conhecimentos e habilidades com uma educação continuada, ou seja, procurar manter-se informado e atualizado por meio de leituras, palestras, reuniões e cursos, entre outros (BICHERI; ALMEIDA JUNIOR, 2013).

Uma forma de se poder discutir questões relacionadas à temática gênero e sexualidade é por meio do movimento associativo, como no caso de Santa Catarina a Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), por meio do Grupo de Bibliotecários da área escolar de Santa Catarina (GBAESC). Pode-se propor a inclusão dessas temáticas em eventos como “Painel de Biblioteconomia” e a criação de grupos de trabalho.

Essas iniciativas representam uma oportunidade de conhecimento e aperfeiçoamento em relação à temática. O(A) bibliotecário(a) pode se tornar um ponto de referência na escola, sobre questões relacionadas ao gênero, à sexualidade e à diversidade, eliminando assim o receio de se trabalhar as temáticas por falta de conhecimento das mesmas.

É imprescindível que, independente do ambiente e de influências educacionais, políticas, sociais, e culturais, o bibliotecário seja antes de tudo, um leitor incondicional e permanente dos assuntos ligados à sua área profissional, de atuação específica e também, de modo geral, a temas referente às questões sociais, políticas e econômicas. E, assim, atuar de forma relevante e competente em seu meio, procurando sempre redimensionar suas atividades de acordo com a realidade,

mudanças e necessidades de sua comunidade (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 44).

Esta pesquisa busca também dialogar com esses(as) bibliotecários(as), sendo futuramente uma possível fonte de leitura e informação para eles(as) nas escolas do Brasil, no sentido de refletir e problematizar acerca das dinâmicas vivenciadas em nossas bibliotecas escolares.

Quanto ao acervo das bibliotecas escolares devem ser diversificados e multiculturais, a biblioteca é muitas vezes o primeiro contato da criança com o livro e a leitura.

Faz-se necessário que as bibliotecas escolares tenham uma Política de Desenvolvimento de Coleções, com o intuito de contemplar em seu acervo, obras que versem sobre gênero e sexualidade. Essas obras devem ser tanto de literatura para os alunos, quanto para pesquisa e aperfeiçoamento profissional para educadores(as).

Quando citamos educadores(as), estamos falando de todos os profissionais que trabalham direta ou indiretamente com a educação nas escolas; professores(as), bibliotecários(as), diretores(as), orientadores(as), supervisores(as), administradores(as), auxiliares, cozinheiros(as), faxineiros(as), vigia, entre outros.

As obras de literatura devem apresentar uma diversidade maior, tanto em seus títulos, quanto nas histórias apresentadas. São comuns, hoje em dia, histórias infantis e juvenis que apresentam as temáticas ligadas à diversidade sexual de forma leve e lúdica, respeitando os tempos e momentos de cada criança e adolescente.

O(A) bibliotecário(a) deve ser um agente educador com relação à construção da cidadania, uma vez que a informação é considerada um bem simbólico e o seu acesso torna-se essencial para a efetivação de uma consciência cidadã (PIRES; RIBEIRO; KLEBERSSON, 2013). Ao(À) bibliotecário(a) cabe o papel de socializar com toda a comunidade escolar seu acervo e serviços. É preciso uma postura crítica e reflexiva sobre suas práticas.

Já as obras de pesquisa e as voltadas à formação de educadores(as), devem ser atualizadas e divulgadas, na busca de conhecimento por parte dos(as) profissionais, acerca da temática. Assim, como os(as) bibliotecários(as) afirmam que não trabalham a temática por falta de leitura e informação, supõe-se que, os

professores também podem não trabalhar a temática, devido a uma suposta falta de informação e leitura.

Cabe ao(à) bibliotecário(a) o papel de pesquisa, seleção e aquisição dessas obras para transformar a biblioteca da escola em um centro de informação ativo, livre de qualquer preconceito. Ele(a) pode estimular o uso da biblioteca pelos professores, participar das reuniões pedagógicas e de planejamento; elaborar atividades que estimulem a crítica a partir, por exemplo, da leitura, e, sobretudo, a consciência de que sua atuação tem importante participação no processo de despertar do senso crítico dos alunos (SALES, 2004).

Aproveitando que estamos discorrendo sobre o papel do(a) bibliotecário(a) em relação à temática gênero e sexualidade, destaca-se o trecho do DSC apreendido, em que são elencados os desafios para o(a) bibliotecário(a) atender a esta demanda:

Quanto ao bibliotecário, fica o desafio de falar naturalmente sobre a temática e conversar com o grupo bibliotecários a respeito dela. Alguns bibliotecários têm dificuldade em trabalhar a temática, pois além das questões profissionais, existem outras de cunho pessoal. O bibliotecário precisa entender mais sobre o assunto e ter mais recursos físicos e humanos. (trecho do DSC)

Primeiro devemos notar como o discurso do coletivo foi mudando conforme o DSC foi sendo construído. Passamos de uma confusão conceitual e a opinião de que escola é quem deveria trabalhar, para uma visão em que o(a) bibliotecário(a) é evidenciado(a). Foram ressaltadas as necessidades de formação, acervo e informação.

Outra questão que convida à reflexão a partir dessas constatações, é a de que, como os(as) bibliotecários(as) por vezes não trabalham a temática, por receio ou até mesmo pela necessidade de um preparo, para encarar perguntas relacionadas ao gênero e à sexualidade. Nesse sentido rememoramos, ainda, a socialização primária, abordada por Berger e Luckmann (2010), na qual alguns valores, modos de agir e pensar estão associados a como fomos socializados enquanto criança em relação às questões de gênero e sexualidade.

Em artigo publicado em 2016 Martins, Menezes e Trevisol Neto que também estudaram os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, apresentaram a visão do bibliotecário como um socializador:

[...] bibliotecário escolar é socializador, pois suas atividades voltam-se para as necessidades informacionais da comunidade escolar, que têm por característica envolver pessoas de diferentes contextos sociais e culturais. O bibliotecário socializador que propomos diz respeito ao compartilhamento de conhecimentos e experiências que ultrapassam questões de juízos de valor e buscam a integração entre bibliotecário, aluno e professor (MARTINS, MENEZES, TREVISOL NETO, 2016).

Na mesma publicação foi proposto aos bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a criação de um grupo de estudo relacionado à temática gênero e sexualidade, com a intenção de discutir temas e ações a serem desenvolvidos, o que facilita o intercâmbio de experiências e informações (MARTINS; MENEZES; TREVISOL NETO, 2016).

É preciso a discussão e reflexão sobre a temática, buscar entender de que formas a biblioteca e o(a) bibliotecário(a) escolar, podem contribuir para os avanços educacionais e da Biblioteconomia. Seja na seleção e aquisição de materiais para a biblioteca, na reflexão sobre a prática e até mesmo grupos de estudo que visem a formação global dos(as) bibliotecários(as).

Blattmann e Cipriano (2005) e Sales (2004) ressaltam que o(a) bibliotecário(a) ativo(a) na escola é aquele(a) que participa da elaboração do currículo e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Esse profissional torna a sua biblioteca um diferencial notado e, conseqüentemente, faz a diferença.

Como abordado na fundamentação conceitual, as diretrizes da IFLA (2015) destacam que as bibliotecas escolares têm de lutar para serem relevantes para as necessidades de aprendizagem de toda a comunidade escolar, para responderem ponderadamente às mudanças no ambiente de informação.

O objetivo da biblioteca escolar é desenvolver alunos letrados em informação que participem responsável e eticamente da sociedade (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015). Nesse sentido, e pensando na temática gênero e sexualidade, podemos citar dois objetivos da biblioteca escolar. Esses objetivos podem auxiliar o(a) bibliotecário(a) a pensar ações que evoluam esse assunto:

- f) Organizar atividades que favoreçam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade;

h) Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS, 2015).

Alguns bibliotecários afirmam não ter formação para tratar a temática, por isso a relutância em elaborar atividades dentro da biblioteca escolar, por medo de não transmitir ou mediar corretamente as informações.

Para o trabalho de educação sexual deve-se considerar a faixa etária com a qual se está trabalhando, pois, em geral as questões da sexualidade são muito diversas a cada etapa do desenvolvimento (BRASIL, 2001, p. 153). Por isso o(a) bibliotecário(a) atento(a) a essa questão, pode desenvolver atividades com os alunos de 6 a 15 anos, e escolher a forma adequada com que trabalhará o gênero e sexualidade com cada ciclo:

[...] em seus diversos ambientes, momentos e situações e que de diversas maneiras a escola interfere na construção da sexualidade das/os adolescentes, seja pelo simples fato de promover o contato e a interação entre as/os estudantes, seja incluindo conteúdos e desenvolvendo estratégias de ensino que visem problematizar posturas, crenças, mitos e tabus relativos à sexualidade ou, ainda, permitindo que as/os educandas/os se expressem sobre o tema manifestando suas inquietações. (RABELLO, 2012 p. 65).

Dentro dessa proposta o(a) bibliotecário(a) pode: fazer a hora do conto com títulos que abordem a temática; auxiliar na pesquisa relacionada à temática para a elaboração de trabalhos; exposição de livros sobre esse assunto para a comunidade escolar; organizar uma semana voltada ao tema, que envolva toda a escola (exposição de livros, palestras, exibições de filmes); organizar um clube de leitura e contemplar alguns títulos que abordem a temática do gênero e sexualidade de forma ficcional (MARTINS; MENEZES; TREVISOL NETO, 2016).

O exposto acima, busca dialogar com os trechos do DSC a seguir:

A temática precisa estar inserida no Projeto Político Pedagógico da escola, para podermos informar com tranquilidade, clareza, sem vergonha. Ressalto que tenho preocupação com a linguagem, pois a temática não me deixa à vontade. Mas eu tenho que começar a trabalhá-la para poder mudar a postura do aluno e ensinar os direitos de alunos que sofrem preconceitos. Percebo que na escola parece que ninguém sabe orientar o aluno. (trecho do DSC)

Eu gostaria de falar que precisamos de informação, para nos ajudar a combater o preconceito e violência, temos que ter mais leitura e experiência profissional sobre a temática. O bibliotecário poderia estar contribuindo bem mais com a temática, mas por vezes ele é esquecido pela comunidade escolar. O bibliotecário é uma ferramenta fundamental dentro da escola. (trecho do DSC)

Os(as) bibliotecários(as) têm consciência de sua relevância dentro da escola. Cabe a eles terem um discurso mais político e ético em relação as suas práticas. Por fim questiona-se: o que os(as) bibliotecários(as) estão fazendo com relação as suas ações, no que diz respeito a temática gênero e sexualidade?.

Ao apontarem que a temática deve estar inserida no PPP da escola, o(a) bibliotecário(a) precisa ter consciência que ele(a) também participa do processo de elaboração do documento. O PPP é um reflexo da escola, um espelho de suas intenções, nele estão contidos os rumos da escola.

O trecho final do DSC, aponta a preocupação por parte do coletivo com os retrocessos em relação à temática e evidenciam a necessidade de estudos que visem o respeito às diferenças:

Ademais, a discussão da temática é recente. As questões de gênero envolvem estudo, pois são temas que nos constituem como ser humano. Infelizmente, gênero e sexualidade entraram em um processo de retrocesso e por isso, acho muito importante esta pesquisa para aprendermos a respeitar as diferenças. (trecho do DSC)

O bibliotecário pode e deve posicionar-se dentro da escola a favor da temática do gênero e sexualidade, pois ainda no século XXI observa-se o aumento da violência contra as minorias sexuais, assim como, desigualdades do gênero. A socialização da informação deve combater a desinformação e qualquer forma de opressão e preconceitos (MARTINS; MENEZES; TREVISOL NETO, 2016).

Por meio das representações sociais do coletivo de bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, verificou-se que a temática gênero e sexualidade está contemplada de forma superficial, apenas quanto à necessidade nas práticas dos bibliotecários.

Percebeu-se um receio por parte do coletivo em se trabalhar o assunto. A Falta de informação e leitura, assim como a capacitação profissional foram destacados como fatores que dificultavam a inserção da temática. A escola também foi mencionada, pois o coletivo não percebia essas questões sendo tratadas no cotidiano escolar.

Ressalta-se que é um desafio para a biblioteca e os(as) bibliotecários(as) escolares, inserirem a temática gênero e sexualidade em suas práticas, e mais ainda, no interior da escola. Deve-se quebrar as barreiras invisíveis que impedem a socialização dessas temáticas.

O(A) bibliotecário(a) pode ser a Luz em meio à escuridão da falta de informação, do preconceito e da invisibilidade das questões relacionadas ao gênero, à sexualidade, à identidade de gênero, orientação sexual e diversidade sexual.

5.3 PRODUTO – FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO PARA OS(AS) BIBLIOTECÁRIOS(AS) DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE FLORIANÓPOLIS

Como parte do processo do mestrado profissional é necessária a elaboração de um produto para conciliar teoria e prática empregados nas dissertações.

O objetivo geral proposto foi: conhecer a percepção que os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis têm acerca da importância da inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas profissionais.

Como o “objetivo D” foi “propor oficina sobre gênero e sexualidade na biblioteca escolar, com base nas necessidades levantadas nos discursos do coletivo”, buscou-se contribuir nesse sentido.

Os resultados da pesquisa explícitos na sessão anterior, apontam a escassez, exposta pelos(as) próprios(as) bibliotecários(as), de mais formação e informação a respeito da temática. A confusão conceitual e a falta de entendimento sobre a temática, geram uma demanda por formação profissional em relação a esse tema.

Trechos do DSC da questão 5: quais os maiores desafios hoje para a biblioteca e o bibliotecário atenderem a esta demanda? Podem nos ajudar a compreender essa afirmação:

Atualmente, acredito que os desafios para a biblioteca e o bibliotecário são: a existência de formação relacionada à temática (com pessoas especializadas); a falta de informação e leitura [...]. (trecho do DSC)

Quanto ao bibliotecário, fica o desafio de falar naturalmente sobre a temática e conversar com o grupo bibliotecários a respeito dela. Alguns bibliotecários têm dificuldade em trabalhar a temática, pois além das questões profissionais, existem outras de cunho pessoal. (trecho do DSC)

O bibliotecário precisa entender mais sobre o assunto [...]. (trecho do DSC)

Temos que saber trabalhar e conhecer a temática. A biblioteca tem que participar, pois a temática está inserida no dia-a-dia e está em todo lugar: na casa, na família, na rua e na TV. (trecho do DSC)

O bibliotecário poderia estar contribuindo bem mais com a temática... O bibliotecário é uma ferramenta fundamental dentro da escola. (trecho do DSC)

A partir do revelado, é possível constatar a consciência que os(as) bibliotecários(as) têm a respeito da inevitabilidade de mais formação em relação à temática, com pessoas especializadas na área. Eles entendem que essa deve ser uma proposta para todo o grupo, mostrando uma preocupação de todos falarem da mesma forma, de terem o mesmo entendimento, de forma clara, sem confusões quanto aos conceitos e à eliminação de possíveis preconceitos dentro do próprio grupo.

Conforme o exposto, propõe-se como produto (objetivo D) da dissertação, uma oficina sobre gênero e sexualidade na biblioteca escolar, com base nas necessidades levantadas nos discursos dos(as) bibliotecários(as). A seguir, será apresentada a proposta da referida oficina:

5.3.1 OFICINA: Gênero e Sexualidade na Biblioteca Escolar

MINISTRANTE: Guilherme Martins

PUBLICO-ALVO: Bibliotecários(as) escolares da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

LOCAL: CEC - Centro de Educação Continuada. Rua Ferreira Lima, nº 82, Centro, Florianópolis.

DATA: 26 de outubro de 2018.

CARGA-HORÁRIA: 8 horas (conforme a necessidade do grupo, novos encontros podem ser realizados).

5.3.1.1 Objetivo Geral

Contemplar a importância da temática gênero e sexualidade na biblioteca escolar e nas práticas dos bibliotecários.

5.3.1.2 Objetivos Específicos

- Socialização dos resultados da presente pesquisa;
- Apresentar aos(às) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis os conceitos de gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual;
- Relacionar as temáticas com a atuação dos(as) bibliotecários(as);
- Aplicar dinâmicas que visam desmistificar as polêmicas e medos envolvendo a temática;
- Construir coletivamente possíveis ações que podem ser realizadas no âmbito da biblioteca escolar em relação a temática;
- Propor a criação de um grupo de discussão relacionada à temática;
- Fazer uma agenda de ciclos de debates sobre a temática.

5.3.1.3 Conteúdo Programático

- Biblioteca e Bibliotecário escolar;
- Gênero e identidade de gênero;
- Sexualidade e orientação sexual;
- Sexo, gênero e sexualidade;
- Desafios para biblioteca e para o(a) bibliotecário(a) escolar;
- A inserção da temática gênero e sexualidade na biblioteca escolar.

5.3.1.4 Metodologia

- Rodas de Conversa;
- Discussão;
- Dinâmicas;
- Apresentações;
- Utilização de material informativo (folders elaborados a partir do referencial teórico e conceitual da dissertação).

5.3.1.5 Referências

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca escolar em revista**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/257/pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BOUER, Jairo. **Quero entender tudo sobre sexualidade**. São Paulo: Melhoramentos, 2006. 48 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária Especial de Política para Mulheres. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 62 p.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. et al. Bibliotecário escolar: um educador?. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. **Diretrizes IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

FIGUEIRÔ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013. 218 p.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças**. Florianópolis: UDESC, 2008. 197 p.

_____. **Educação sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana:** subsídios ao trabalho em educação sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 196 p.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade.** [20-?]. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_gen_e_sexualidade.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola:** mito e realidade. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. 128 p.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 28 mar. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação docente**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 62-70. 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/9/30/1>> Acesso em: 28 mar. 2018.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em: 28 mar. 2017.

_____. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gêneros nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. **A escola cidadã contexto da educação globalizada.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.

MARTINS, Guilherme; MENEZES, Estera Muszkat; TREVISOL NETO, Orestes. Bibliotecário escolar: socializando a temática do gênero e sexualidade. **Revista ACB:** biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 21, p. 944-959, 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1223>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretária de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina:** formação integral na educação básica. 2014.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Razões em favor da educação em sexualidade. In: **Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade:** uma abordagem baseada em

evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Tradução de Rita Brossard. Brasília: UNESCO, 2010. 56 p.

A presente oficina acontecerá no período destinado à capacitação profissional dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Essas capacitações ocorrem mensalmente e visam a formação continuada desse coletivo profissional.

A autorização para a realização da oficina aconteceu mediante contato com a chefia do DEBEC. A oficina acontecerá no segundo semestre de 2018, na data disponibilizada pelo DEBEC, com o intuito de socializar os resultados da presente pesquisa e atender à demanda dos(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, por mais formação e informação a respeito da temática gênero e sexualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um universo de possibilidades proporcionado pelas discussões de gênero e sexualidade atualmente, é primordial dialogar em e com todas as áreas, a respeito da inserção dessa temática nas práticas e cotidiano de todas as pessoas.

A Biblioteconomia requer constante reflexão de nossas práticas, a que são requeridos profissionais cada vez mais comprometidos com os avanços no que se refere ao acesso à informação, para o exercício do direito de educar, livre de preconceitos de gênero, identidade de gênero e orientação sexual.

Gênero e sexualidade passam atualmente por um processo de ressignificação, ao mesmo tempo em que avanços são percebidos em políticas públicas, saúde, assistência social e educação. Por outro lado, retrocessos são evidenciados. Setores conservadores de nossa sociedade, buscam de toda maneira invisibilizar os sujeitos da diversidade sexual.

Cabe citar os casos de violência e preconceito sofridos por pessoas LGBT em nossa sociedade. Essa opressão, além de ser caracterizada por pessoas preconceituosas, por vezes também é reflexo de uma falta de informação das pessoas, que não entendem e nem aceitam o diferente.

Conforme apresentamos na fundamentação conceitual, muito se avançou no que concerne ao ensino de gênero e sexualidade na escola. Antes considerada um tabu, agora já é possível identificar trabalhos relacionados à temática, com o objetivo de informar e eliminar possíveis preconceitos oriundos da falta de informação. Foi justamente nesta perspectiva que argumentamos sobre a relevância de os(as) bibliotecários(as) tomarem consciência da temática, com vistas à execução de suas atividades no cotidiano da biblioteca.

Ao verificar a percepção que os(as) bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis atribuem aos conceitos de gênero e sexualidade “objetivo B”, ficou evidente a confusão do coletivo para conceituar gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual.

O coletivo conseguiu estabelecer ligações entre os conceitos de gênero, sexualidade e identidade de gênero, porém, sem aprofundar-se e com muitas dúvidas quanto à construção desses conceitos por meio da fala.

No que concerne ao conceito de orientação sexual, constatou-se uma grande dificuldade quanto ao seu significado. O coletivo acredita que o conceito diz respeito

apenas à educação que recebemos da família, da escola. Pode-se afirmar que o coletivo entende por orientação sexual, na verdade é o trabalho de educação sexual. Esse ponto é preocupante, por entender que se faz necessário, a princípio, conhecer um termo, para poder trabalhar com ele.

A educação sexual trata-se da educação que recebemos da escola, família, pode também ter interferência da mídia, religião, internet, quanto a valores, princípios e normas referentes à sexualidade. A orientação sexual pode ser entendida como por quem as pessoas se sentem atraídas afetivo-sexualmente, seja heterossexual, homossexual ou bissexual. Não existe interferência e nem desvio de comportamento, pois todas as formas de orientação sexual são válidas, podem ser vividas e devem ser respeitadas.

Quanto ao exposto no “objetivo C”, que consistia em verificar como a temática gênero e sexualidade estava contemplada dentro das práticas dos(as) bibliotecários(as), seguem algumas considerações.

Embora sinalizem que são muito procurados pelos alunos, o coletivo aponta que a temática deve ser uma proposta da escola toda e não acredita em uma atitude isolada da biblioteca. O trabalho de inserção da temática acontece de forma superficial e apenas quando é necessário, segundo os mesmos.

Quando requeridas, as atividades são voltadas ao viés da prevenção de DST e gravidez na adolescência. Mas deve-se destacar que o trabalho de educação sexual na escola precisa extrapolar o campo da prevenção. A educação sexual pode trazer um ponto de referência nas discussões relacionadas à sexualidade humana, com a inclusão, nesse contexto, das discussões de gênero e sexualidade.

Apesar de expressar a relevância da temática, o coletivo não percebe muitas vezes que os(as) bibliotecários(as) podem ser uma referência dentro da escola quanto à temática. Quando citam que a escola tem que se posicionar, na verdade a crítica é feita a todos os profissionais que ali atuam. A escola é uma construção coletiva, então pode partir do(a) bibliotecário(a), a proposta de refletir sobre a temática nas práticas educacionais vigentes na escola.

Foram detectados alguns desafios para a biblioteca e para o(a) bibliotecário(a) atenderem a essa demanda. Os(as) bibliotecário(as) sinalizam a necessidade de se falar naturalmente sobre o assunto e ainda refletem sobre a importância do grupo de bibliotecários conversarem sobre a temática. O coletivo

acredita ser fundamental a formação sobre a temática, pois possuem pouca informação e não fazem muitas leituras sobre a gênero e sexualidade.

Por isso a necessidade de um profissional dentro das escolas que trabalhe como uma ponte entre professores, alunos, comunidade escolar e a informação, transmitindo conhecimentos de forma confiável e, se preciso, confidencial, que preencha as lacunas muitas vezes deixadas pela família dos alunos quanto a essas questões relacionadas à sexualidade humana.

A biblioteca e o(a) bibliotecário(a) escolar podem contribuir no sentido de trazer Luz à temática dentro da escola. Ao problematizar e discutir é que se terá uma educação no sentido amplo, na qual as diferenças individuais são respeitadas e visibilizadas.

Como produto da dissertação sugeriu-se uma oficina para os(as) bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, na busca de apresentar os conceitos relacionados ao gênero e à sexualidade, assim como propostas de como se trabalhar a temática dentro da escola. A sugestão teve por finalidade atender o exposto no último “objetivo D”, e pode ser ampliada conforme a demanda do grupo de bibliotecários(as).

Como resultado do DSC, detectou-se que a pesquisa gerou reflexão nos(as) bibliotecários(as) sobre a inserção e relevância desse tema nas práticas do dia a dia da biblioteca. Ficou evidente é necessária a formação aos(às) bibliotecários(as) para o maior entendimento da temática. Só podemos trabalhar e entender o que conhecemos. Se não existe conhecimento e reflexão acerca da temática, a mesma não é contemplada em nossas práticas.

A fim de responder à pergunta de pesquisa, pode-se afirmar que os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis percebem a importância da temática gênero e sexualidade na escola e em suas práticas, porém realizam o trabalho de forma superficial, apenas quando há carência. O coletivo manifesta em sua fala, a necessidade de formação sobre a temática, pois o mesmo confunde conceitos e tem dificuldades em expressar seu conhecimento relacionado a esse assunto.

O coletivo percebe a importância da inserção da temática em suas práticas, porém no cotidiano da biblioteca não trabalha a mesma por uma falta de informação, leitura e formação sobre a temática.

Enquanto limitação para realização desta pesquisa encontra-se pouca literatura presente na área de Biblioteconomia. Cabe citar nas considerações finais da pesquisa alguns indícios de que a questão de gênero e sexualidade começa a aparecer no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Um dos primeiros estudos foi realizado por Pinho (2010) sobre as linguagens de indexação brasileira para os termos relativos à homossexualidade masculina. O artigo já citado anteriormente, de autoria de Martins, Menezes e Trevisol Neto (2016), também buscou conhecer o papel do bibliotecário escolar como um agente socializador da temática gênero e sexualidade.

Em 2017 Santos, Targino e Freire, investigaram acerca da temática diversidade sexual na Ciência da Informação e constataram ser quase inexistente a presença de trabalhos na área. Não foram identificadas pesquisas na Ciência da Informação voltados para estudos de usuários LGBT.

Ainda em 2017, nos Anais do XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) foram encontrados dois trabalhos que abordavam a produção científica da temática LGBT (VIANA; OLIVEIRA, 2017), e a mediação da informação no espaço LGBT (CORTES et al., 2017).

Naquele mesmo ano, teve início no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD), um movimento para a criação de um grupo de trabalho temático acerca das questões de gênero e diversidade sexual.

Portanto, é fundamental que o currículo dos cursos de Biblioteconomia incluam a temática gênero e sexualidade na formação bibliotecária, no que diz respeito às práticas, técnicas e serviços, visando à formação voltada para o olhar social do(a) bibliotecário(a).

Compreendemos, com os resultados desta pesquisa, que há uma demanda visível sobre formação e informação referente à temática gênero e sexualidade para os(as) bibliotecários(as). Como discutimos anteriormente, para que haja discussão e reflexão é fundamental a abordagem desse tema.

Bibliotecários(as) devem refletir sobre as possibilidades dentro da escola de se exercer um trabalho voltado ao respeito à diversidade. Não cabe apenas o trabalho dito técnico, mas extrapolar a barreira invisível, e refletir acerca das nossas práticas. Falta engajamento ético e político em nossas falas e atitudes.

Sugere-se aos bibliotecários(as) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, a formação de grupos de estudo, para discutir temas e ações a serem

desenvolvidos. Essas ações facilitam o intercâmbio e a troca de experiências entre os(as) bibliotecários(as) em questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, e demais temáticas propostas em sala de aula, que tenham uma discussão de cunho social envolvida, para garantir a formação social do aluno.

Pontuamos que os objetivos geral e específicos foram alcançados, assim como a pergunta de pesquisa expressa na introdução. Os discursos analisados dão indícios de que, no entanto, devido à complexidade envolvida nessa questão, apenas pode-se mapear os caminhos.

Ressalta-se uma preocupação cada vez maior com o “ser social” bibliotecário destacando as múltiplas oportunidades do mesmo dentro das bibliotecas, em especial a biblioteca escolar, espaço de ampliação dos conhecimentos e preparação das crianças para se tornarem cidadãos. A biblioteca escolar precisa ser inclusiva, livre de preconceitos quanto ao gênero, à sexualidade, identidade de gênero e à orientação sexual.

Esperamos que esse tenha sido apenas o ponto de partida para que as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade estejam presentes nas pesquisas, práticas e cotidiano da biblioteca e bibliotecários(as) escolares.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Interpretations of the library bill of rights**. 2007. Disponível em: <<http://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill/interpretations>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ALMEIDA, Waldinéia Ribeiro; COSTA, Wilse Arena da; PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Bibliotecários mirins e a mediação da leitura na biblioteca escolar. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 17, n. 2, p. 472-490, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/812/pdf_1>. Acesso em: 28 mar. 2017.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Bibliotecário escolar: seu perfil, seu fazer. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

AMARO, Wagner. Biblioteca escolar: modos de usar. In.: Prado, Jorge do. **Ideias emergentes em Biblioteconomia**. São Paulo: FEBAB, 2016. Disponível em: <<https://ideiasemergentes.files.wordpress.com/2016/03/ideiasemergentesembiblioteconomia2.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2018.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosangela de Fatima Rodrigues (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ANTUNES, Walda de Andrade. Fórum de debates sobre a biblioteca escolar brasileira, com base no Manifesto da UNESCO/IFLA. In: MACEDO, Neusa Dias de. (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: Senac: CRB-8, 2005.

ARANALDE, Michel Maia. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em questão: revista da faculdade de biblioteconomia e comunicação da UFRGS, Porto Alegre**, v. 11, n. 2, p. 337 - 368, jul./dez. 2005.

ARAUJO, Paula Carina; SALES, Fernanda de. O bibliotecário e a formação de leitores. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 16, n. 2, p. 562-578, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/viewFile/780/pdf_66>. Acesso em: 28 mar. 2017.

ARAYA UMAÑA, Sandra. **Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión**. Cuadernos de Ciencias Sociales, San José, n. 127, out., 2002.

BERAQUET, Vera Silva Marão; CIOL, Renata. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. *Pesq. Bras. Ci. Inf.*; Brasília, v. 3, n. 1, p. 127-137, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/9334>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do conhecimento. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 248 p.

BERH, Ariel; MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Gestão da biblioteca escolar: metodologias, enfoques e aplicação de ferramentas de gestão e serviços de biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 2, p. 32-42, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1043>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

BICHERI, Ana Lúcia Antunes de Oliveira; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca escolar em revista**. Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/viewFile/257/pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BLATTMANN, Ursula; CIPRIANO, Aline de Souza. Os diferentes públicos e espaços da biblioteca escolar: da pré-escola a universidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21. **Anais...**, 2005, Curitiba, 2005. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.reocities.com/ublattmann/papers/p12.html>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

BORBA, Maria do Socorro Azevedo. Bibliotecário educador: reflexão-ação-reflexão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011, Maceió. **Anais...** Maceio, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/58>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

BOUER, Jairo. **Quero entender tudo sobre sexualidade**. São Paulo: Melhoramentos, 2006. 48 p.

BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. Resolução n.º 42 de 11 de janeiro de 2002. **Código de ética profissional do bibliotecário**. 2002. Disponível em: <<http://www.crb14.org.br/UserFiles/File/C%C3%B3digo%20de%20%C3%89tica%20Bibliotec%C3%A1rio.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica**. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562 p.

_____. _____. Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas em instituições de ensino do País**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em 15 abr. 2018.

_____. _____. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 15 abr. 2018.

_____. _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 3 ed. Brasília, 2001.

_____. _____. Secretária Especial de Política para Mulheres. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

_____. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)**. Brasília, DF: SEDH/PR, 2010.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 28 abr. 2017.

_____. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)**. Brasília, DF: SEDH/PR, 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/431>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **A Biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 62 p.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes. Os caminhos da biblioteca escolar. In: ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos: Compacta, 2008. p. 73-91.

COPPOLA JUNIOR, Claudinei; CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes. Bibliotecas escolares no ensino fundamental: caminhos para a implantação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 3-15, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/12284/8633>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. et al. Bibliotecário escolar: um educador?. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

CORTES, Gisele Rocha. et al. Violência contra travestis e transexuais: a mediação da informação no espaço LGBT. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais...** Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/616>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. Liderar, ensinar e apoiar: o papel e a expertise do bibliotecário escolar da Flórida para uma reflexão no contexto brasileiro. **Biblioteca escolar em revista**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/123160>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 201 p. v. 1.

_____. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 277 p. v. 1.

FARIAS, Christianne Martins; CUNHA, Miriam Vieira. O Bibliotecário escolar e suas competências. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 19, n. 1, p. 29-35, 2009. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1787/2685>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E BIBLIOTECAS. **Código de ética da IFLA para bibliotecários e outros profissionais da informação**. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/assets/faife/codesofethics/portugueseofethicsfull.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

_____. **Diretrizes IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

FELIPE, Jane. Educação para a Sexualidade: uma proposta de formação docente. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Educação para a igualdade de gênero. **Salto para o futuro**, Brasília, ano XVII, boletim 26, nov. 2008. p. 31-38.

FIGUEIRÒ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013. 218 p.

FONSECA, Juliana Soares da; SOUSA, Hellys Patrícia Moraes de; SANTANA, Vanessa Alves. A responsabilidade social do profissional da informação diante de suas habilidades informacionais In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, Paraíba. **Anais...** Paraíba: UFPB, 2010. p. 1-11. Disponível em: <<https://petbciufscar.files.wordpress.com/2014/03/artigo.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

FRAGOSO, Graça. Biblioteca na escola. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.7, n.1, p.124-131, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido versus pedagogia dos conteúdos. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias críticas do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis: UDESC, 2008. 197 p.

_____. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 196 p.

GARCEZ, Eliane Fioravante; CARPES, Gyance. Gestão da informação na biblioteca escolar. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.11, n.1, p.53-73, 2006. Disponível em:<<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/466/587>>. Acesso: 28 fev. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e sexualidade**. [20-?]. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002. 128 p.

GUIMARÃES, Letícia de Castro. **Relações de gênero e sexualidade: estudo sobre as relações de gênero e as contribuições da prática docente para a desmistificação de diferenças e preconceitos em relação ao sexo (sexismo) em sala de aula**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2010.

GURGEL, Thais. O despertar da sexualidade. **Revista nova escola**. ano 25, n. 229, 2010. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/despertar-sexualidade-infancia-freud-528841.shtml>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.8/9, p.35-45, 2003/2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/404/508>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 28 mar. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnica de pesquisa**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2006. 289 p.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **A proposta do DSC**. São Paulo: IDPDSC, 2006. 4p. Disponível em: <http://www.idpdsc.com.br/>. Acesso em: 28 jan. 2017.

_____. **Discurso do sujeito coletivo**, 2003. Disponível em: <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/Discurso_sujeito_coletivo.htm>. Acesso em: 28 abr. 2017.

_____. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 23, n.2, p. 502-507, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n2/pt_0104-0707-tce-23-02-00502.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2017.

_____. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LIMA, Rita de Lourdes de. Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões. **Em pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 165-182, 2011. Disponível em: <<http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2940/2104>. Acesso em: 28 mar. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, p. 62-70. 2011. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/9/30/1>> Acesso em: 28 mar. 2018.

_____. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em: 28 mar. 2017.

_____. Segredos e mentiras do currículo: sexualidade e gêneros nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. **A escola cidadã contexto da educação globalizada**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-47.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. 2007. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297 p.

MARTINS, Guilherme; MENEZES, Estera Muszkat; TREVISOL NETO, Orestes. Bibliotecário escolar: socializando a temática do gênero e sexualidade. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, p. 944-959, 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1223>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO; Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MILANESI, Luiz. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008..

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNHOZ, Deise Parulaet al. O bibliotecário enquanto agente cultural: promovendo a leitura por meio de ações recreativas. **Biblios**: revistado Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 35-50. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009188&dd1=24fc3>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

MYERS, David G. **Psicologia social**. 10. ed. Porto Alegre: Atmed, 2014. 597 p.

NASCIMENTO, Denise M. Campo de conhecimento, vida cotidiana e a informação. *Informação e Informação*, Londrina, v. 10, n. 1/2, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1733>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Missão do bibliotecário**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 117 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.

PINHEIRO, Mariza Inês da Silva. Classificação em cores: uma metodologia inovadora na organização das bibliotecas escolares do município de Rondonópolis-MT. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 163-179, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/449/307>. Acesso em: 28 mar. 2017.

PINHO, Fabio. Assis. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina**: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PIRES, Erik André de Nazaré; RIBEIRO, Célia Pereira; KLEBERSSON, Mayco. *Biblioteconomia clínica: espaço de atuação emergente para o bibliotecário no Século XXI*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., Florianópolis, SC, 2013. **Anais...** Florianópolis, jul. 2013. Disponível em: Acesso em: 18 mar. 2018.

PITZ, Juliana; SOUZA, Vanessa Aline Schweitzer; BOSO, Augiza Karla. O papel do bibliotecário escolar na formação do leitor. **Revista ACB**: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 405-418, 2011. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/736>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias. **Histórico de implantação do Departamento de Bibliotecas Escolares e Comunitárias**. 2018. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/educa/index.php?cms=debec>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

RABELLO, Sylvia Helena dos Santos. **Sexualidade, gênero e pedagogias culturais: representações e problematizações em contexto escolar**. 2012. 270 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2012.

RIBEIRO, Gabriela Chicuta. **Corpo, gênero e sexualidade na educação física: uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná**. 2012. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Curitiba, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry. PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999. 334 p.

RUBI, Milena Polsinelli; EUCLIDES, Maria Luzinete; SANTOS, Juliana Cardoso dos. Profissionais da informação: aspectos de formação, atuação profissional e marketing para o mercado de trabalho. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.16, n.1, p.104-118, jan/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/443/1495>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

RUSSO, Mariza; SOUZA, Danyara de Jesus de. Biblioteca escolar brasileira na sociedade da informação uma parceria proativa entre bibliotecário e pedagogo em prol da aprendizagem, da competência em informação e da quebra de paradigmas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-16. Disponível em: <<http://portal.febab.org.br/anais/article/view/1241>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALES, Fernanda de. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da Educação e o olhar da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 18, n. 9, p.40-57, 2º sem. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p40/5472>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

SALES, Fernanda de; SOUZA, Francisco das Chagas de; JOHN, Valquíria Michela. O emprego da abordagem DSC (discurso do sujeito coletivo) na pesquisa em educação. **LINHAS**, Florianópolis v. 8, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1361/1167>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretária de Estado da Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica**. 2014.

SANTOS, Lília Virgínia Martins. Programa de bibliotecas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 1-9. Disponível em: <http://cdij.pgr.mpf.gov.br/noticias/palestra_cbbd/P2_A2.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SARTORI, Ari José; BRITTO, Néli Suzana. **Gênero na educação: espaço para diversidade**. Florianópolis: Genus, 2004. 120 p.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SAYÃO, Yara; BOCK, Silvio Duarte. **Relações de gênero**. Equipe Educa Rede, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.educared.org/educa>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

SERAFINI, Loiva Teresinha; ZANOTTO, Sônia Regina. Sistema estadual de Educação: bibliotecas presentes e ausentes nas escolas do Rio Grande do Sul. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva et al. **Biblioteca escolar: presente!** Porto Alegre: Evanagraf, 2011. cap. 2. p.71-85. Disponível em <<http://www.bibliotecaescolarpresente.org.br/biblioteca.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SILVA, Fernanda Cláudia Luckmann da; ALVES, Gisele; VIAPIANA, Noeli. Informatização da rede de bibliotecas da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 212-222, 2008. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/549/674>>. Acesso em: 28 de mar. 2017.

SILVA, Patricia Edione. **Relações de gênero e sexualidade na escola: uma investigação na prática docente**. 2010. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. Reflexões sobre a leitura e a biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli (Org.). **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 11-20.

SILVA, Simone Alves da; LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. Ação discursiva do bibliotecário escolar. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 134-157, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/17206>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

STOLLER, Robert. **Recherches sur l'Identité Sexuelle**. Paris: Gallimard, 1978 (tradução de "Sex and Gender", cuja primeira edição é de 1968).

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. [Brasília]: ABDF, 1984.

TONELLI, Maria Juracy Filgueiras. Sexualidade, gênero e gerações continuando o debate. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (Org.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-12.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). Razões em favor da educação em sexualidade. In: **Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade**: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. Tradução de Rita Brossard. Brasília: UNESCO, 2010. 56 p.

VIANA, Azilton Ferreira; OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na Universidade Federal de Minas Gerais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais...** Marília: ANCIB, 2017. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/view/182>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

VIANNA, Cláudia Pereira. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educação e Pesquisa [online]**, São Paulo, v. 41, n. 3, p.791-806, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022015000300791&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso: 25 mar. 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO

1) Gênero:

[] Masculino

[] Feminino

[] Outro _____

Idade: _____

2) Formação:

Graduação: _____

Especialização: _____

Mestrado: _____

Doutorado: _____

Outros cursos de capacitação _____

Há quanto tempo você exerce a função de bibliotecário na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis?

3) Projetos

Carga horária: _____

Equipe da biblioteca: _____

Atividades realizadas na biblioteca: _____

Projetos da escola que a biblioteca escolar participa: _____

Projetos realizados pela biblioteca escolar: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) O que você entende por gênero e sexualidade?
- 2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?
- 3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?
- 4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?
- 5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?
- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada Representações sociais de bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca da temática sexualidade e orientação sexual, que fará entrevista, tendo como objetivo geral “conhecer a percepção que os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis tem acerca da importância da inserção da temática “sexualidade e orientação sexual” nas suas práticas profissionais e como objetivos específicos: Levantar os discursos de bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis a respeito da inserção da temática nas escolas; Verificar a percepção que tem os bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis acerca da inserção da temática nas suas práticas profissionais, através da representação social deste coletivo; Identificar como a inserção da temática “sexualidade e orientação sexual” está contemplada dentro das práticas dos bibliotecários da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis; Propor diretrizes para a capacitação profissional por meio da organização de evento específico sobre a temática. Serão previamente marcados a data e horário para perguntas, utilizando entrevista. Estas medidas serão realizadas nas bibliotecas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

O(a) Senhor(a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos destes procedimentos serão mínimos por envolver perguntas que podem causar pequeno constrangimento devido à temática estar relacionada à sexualidade e orientação sexual estando participante livre para aceitar ou parar quando quiser. Para diminuir esses riscos a coleta de dados acontecerá na biblioteca do participante explicando com clareza o objetivo da pesquisa e apresentando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ressalta-se ainda que em qualquer momento, quando solicitado, o participante poderá parar a entrevista ou, até mesmo, desistir de participar da pesquisa por livre e espontânea vontade.

A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão indiretos e contribuirão para a área da biblioteconomia no que se referem o desenvolvimento científico, assim como, também, na contribuição de reflexão sobre as práticas profissionais dos bibliotecários nas bibliotecas escolares o que reflete diretamente no convívio social dos indivíduos. Essa pesquisa seria uma forma de dar visibilidade a uma temática pouco pesquisada na biblioteconomia e ciência da informação e que tem uma grande relevância social.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores o estudante de mestrado Guilherme Martins, a professora responsável Daniella Camara Pizarro.

O(a) senhor(a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Comitê de Ética em Pesquisa
Envolvendo Seres Humanos

GABINETE DO REITOR

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO: Guilherme Martins
NÚMERO DO TELEFONE: (48) 999255498
ENDEREÇO: Servidão Osvaldo Manoel Gonçalves, nº 42, Rio Tavares, Florianópolis, SC.
ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UDESC
Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901
Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com
CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
SEPN 510, Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521
Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____ Local: _____ Data: ____/____/____.

APENDICE D – ENTREVISTAS TRANSCRITAS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A PRÉ-TESTE – 24/10/2017

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Gênero são as diferenças... e sexualidade... tem diferença será? Tem né... gênero são as diferenças que existem né... agora sexualidade... é que você sente... não sei... provavelmente não sei... acho que é isso. É o que você transmite, é o que você passa, é o que você é... Acho que é isso... nunca parei para pensar (risos). Sabe eu evito muito trabalhar... eu tenho muita insegurança... medo de não ter conhecimento suficiente, medo do que vem dos pais, minha preocupação maior é essa.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Então... identidade de gênero é quando você consegue mostrar para os seus alunos as diferenças que tem hoje em dia né? Todos os gêneros que se apresentam. E a sexualidade eu já tenho complexo de como eu vou orientar esses alunos... aula de ciências eu acho perfeito, orienta ali, agora outra... dentro da história também né? Porque já vem desde a antiguidade assim... mas eu como bibliotecária... eu não consigo trabalhar... não consigo fazer essa orientação. Se alguém vier pesquisar eu vou procurar ajuda com outro profissional da escola... não vou eu me meter a entregar esse material... não me sinto confiante. Não sei se nós bibliotecários teríamos que ter alguma coisa, específica em relação a isso, mas teria que ser relacionado a religião também... eu não sei até que ponto a gente como bibliotecário... pode orientar... eu não sei se é nossa papel. Eu posso apresentar o material que eu tenho... se alguém vier atrás desse material... agora eu orientar... acho que não.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Nas minhas não são... no meu trabalho na catalogação, isso é o óbvio... a gente vai organizar o acervo... mais não passa disso. Aprofundar eu não faço... e nunca faço sozinha também... por exemplo a professora vem e diz para mim... vamos fazer... aí sim, selecionei os livros, separei... mas eu não tomei a palavra, a frente pra explicar.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Na minha prática de organizar, de ter o acervo, de estar pronto e disponibilizar acho que sim... se vier alguém procurar eu sei onde está... eu tenho que mostrar entendeu... tenho que apresentar... de ter o material sim, né. Porque está aí né... as pessoas têm curiosidade, podem querer pesquisar e eu tenho que ter.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Pra atender eu acho que não tem desafio... Se vem alguém procurar alguma coisa está ali... agora eu expor alguma coisa ter que fazer um trabalho especial... a vou fazer trabalho pra... Tu sabes assim... na verdade... a minha visão... foi o que eu comentei em um curso... eu não percebo, não consigo ver isso com tanta diferença, eu não consigo assim... ter essa coisa tão separada pra mim... então pra mim... o meu medo é o que os outros vão pensar de... e não eu trabalhar com... ou fazer para... entendeu? É o que o externo vai vir e cobrar e me dizer. Mas assim de trabalhar aqui dentro... eu não vejo, nem aqui dentro nem fora... nosso trabalho assim... é o que uma família de evangélico vai falar... porque são em pequenas coisas assim... uma vez fiz uma contação de histórias que falou... e a aluna falou "isso é coisa do diabo". Então assim são pequenas coisinhas que para a família é forte. Mas de atender o público assim eu não vejo problema nisso. E eu não sei assim como são nas outras escolas... mas eu não vejo assim outras escolas trabalhando firme essas temáticas né... eu não vejo... aqui eu ouço alguma coisa... a vocês vão fazer, acham bonitinho... mas pra mim essa história não é... Professor de história contextualiza alguma coisa... mas não é forte... trabalhar isso. Porque a gente como bibliotecário o que a gente faz... a gente geralmente nunca trabalha sozinho, então a gente trabalha em parceria a gente vai fazer um trabalho voltado pra esses temas... Caso a gente tenha algum professor que vai trabalhar, mas enquanto isso se não for, a gente vai atender pra uma pesquisa, oferecer o material que tem... tipo assim até divulgar... divulga os contos africanos, a gente divulga mais até... porque a gente conta né independente da consciência negra do dia 20 de novembro, eu me identifico, eu gosto dos contos africanos... durante o ano tu acaba contando assim, mas tem outros temas, né... outras abordagens, né.

- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional.

É assim... agora conversando contigo... como é ruim ter esse medo... como é ruim a gente não se fortalecer para trabalhar esses temas, né... e achar que às vezes não falar fica mais fácil, né... é mais cômodo, né. Mas também assim ó... mas até que ponto, né... quando eu dei aula na escola particular, eu trabalhava a "Menina bonita do laço de fita"... e eu fui proibida de trabalhar, pra não ter problemas na época... eu não me esqueço. Então é forte isso, por mais que a gente ache que não tenha nada... a gente acaba vendo porque os outros vão... Mas eu não vejo isso tão forte na escola... dentro da escola alunos e professores... eu não vejo... os meninos que são afeminados eu vejo tudo tão normal. Mas tu não acha que está melhor? Hoje em dia tu vai em qualquer lugar... por exemplo tu vai shopping... eu vejo negro, eu vejo gays, eu vejo lésbicas, eu vejo crentes... na praça de alimentação... tu consegue ver tudo, e antigamente tu não conseguia ver. Eu acho que o preconceito existe de várias maneiras, mas eu acho que está mais tranquilo... e vai ter esse grupo machista, racista... vai ter sempre gente como sempre houve também... Só que eu acho que o mundo pra esse lado... está um pouco melhor assim... porque as pessoas estão aceitando mais as diferenças assim... Eu penso que sim, posso estar certa em relação a algumas coisas... porque eu sei que acontecem ruins para esses grupos, mas eu acho que a gente consegue ver eles mais felizes por aí. Aí eu não sei eu acho complicado tudo isso. São temas que eu não domino... tenho medo de iniciar alguma coisa... eu acho difícil pra gente... falta de formação mesmo, né... pra gente... de saber muito o geral só.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 1 – 14/11/2017

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Eu vou te ser sincera que eu tenho muitas dúvidas, e se tu me pedir para explicar, eu não sei se eu consigo. Pior que eu não sei te explicar... Eu sei pra mim, mas não sei explicar... Sexualidade, vai para parte do que a gente convive no diário, sou homem, sou mulher... isso? E gênero, seria o masculino e feminino? Menino e menina? Ou posso mudar depois, sou menina e posso virar menino? É isso? Isso é o que estou falando, eu tenho, eu sei pra mim, mas explicar... gênero que eu entendo é isso, eu nasci mulher, mas eu posso mudar no decorrer da minha vida e posso querer ser masculina. E sexualidade seria o que o nosso... o convívio com o corpo, o convívio casal, homem mulher, mulher com mulher, homem com homem... É isso que eu entendo. Questão de gênero que eu entendo é essa, e a sexualidade também.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Orientação sexual é o que nós recebemos na escola, da família, a nossa orientação quando a gente nasce, que nasce mulher ou nasce homem, e o que nos é orientado, eu sou mulher, a minha orientação como mulher, tu é homem, tu recebeu uma orientação pra ser homem, isso é o que eu entendo de orientação sexual. E qual é a outra? A identidade de gênero, a minha identidade é feminina, mas posso trocar, se eu quiser virar masculina, posso virar masculina, isso? É o jeito que eu me identifico. Posso pesquisar na internet?

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Ai eu não sei se identifico assim, que a gente tenta tratar tudo com naturalidade, isso eu tento... que a gente vê várias... vários comportamentos né, de meninos que já têm um comportamento diferente... que têm uma orientação feminina, mas tem uma característica masculina, se comportam de uma maneira, mais voltada pro masculino... também, mas a gente também, eu pelo menos, tento tratar isso como natural, normal, a gente não tem o foco para isso. A gente não trabalha isso... a escola não trabalha, e nem a biblioteca. Orientação sexual só quando às vezes eles perguntam alguma coisa, quando fazem uma brincadeira que é... mais agressiva, ou quando pegam algum livro que já levam para a erotização, que a gente tem um aluno no segundo ano que ele é bem... bem erotizado, que ele vê algumas coisas em casa, a gente chamou o pai conversou... ele fica vendo filme pornô com o irmão, então ele tem uma sexualidade bem aflorada, mas a gente tenta tratar com naturalidade... até a professora trouxe ele para conversar comigo que ele pegou um livro bem simplesinho, aquele do da higiene “não sei porque me lavar” e tinha um menininho tomando banho e ele começou a fazer um “escarcel” mostrar pra todo mundo, que o menino estava pelado, que o menino isso, que o menino aquilo... aí a professora trouxe ele para conversar comigo. Daí eu conversei, perguntei se ele não tomava banho, se ele tomava banho de roupa, tentei levar para uma coisa bem natural, né. Que é, né? Só que como ele já tem esse comportamento a gente já

tenta cortar né... pra não deixar ele tão... Respondi? Que às vezes a gente começa falar e...

- 4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho que não, pelo que eu percebo aqui, não seria tão importante, porque eles são muito infantis... então, é um caso que se destaca na escola toda, um dois casos, de crianças que já têm essa sexualidade aflorada, mas a maioria não... Eu acredito não ser necessário, pelo que eu vejo, nas minhas práticas não. Talvez os professores em sala de aula, convivendo diariamente, tenham essa percepção, mas eu não tenho.

- 5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Pra mim como profissional o grande desafio é entender mais do assunto, procurar mais sobre isso, ler mais, e a biblioteca, eu acho que tem que... ambos têm que se reformular, tanto a biblioteca, quanto eu e a escola também... acho que todos, a sociedade tem que se reestruturar, pra poder... levar isso adiante se não nós não vamos conseguir... de jeito nenhum, que a gente é totalmente despreparado e desinformado, eu me sinto assim, eu sei o que é cada coisa, mas eu não consigo explicar isso. Falta de leitura, falta de informação, a gente analisa, observa... e tu tira a tua opinião, mas só que se for pra tu dizer é dessa forma, e é dessa forma, eu não sei.

- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Sobre o tema acho que a gente tem que prestar mais atenção, se preparar e se informar mais sobre essa questão, que eu sou bem, vamos dizer “tapada”, não busco me atualizar. É assim tá ali... e a partir do momento que acontece alguma coisa, daí tu desperta e diz “não agora eu tenho que correr atrás disso”, daí a gente vai, se não, não.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 2 – 21/11/2017

- 1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Gênero e sexualidade vamos lá. Na escola? Gênero, eu posso ter a minha sexualidade, tipo sou menina, né, e eu tenho a minha sexualidade tipo é... como que eu vou te falar pra ti... eu sou menina e eu namoro uma menina, a minha sexualidade eu namoro uma menina, mas eu gosto de me vestir como menino, eu entendo assim. Questão de gênero, tanto que no gênero feminino e masculino, já não se fala, né? Eu tive uma formação com uma professora da UDESC, ano retrasado, foi a escola que solicitou, a escola pode solicitar e ela vem, foi muito bom. Tanto que foi ela quem abordou que não se trata mais tipo..., não se faz mais a pergunta gênero, masculino e feminino, não se pergunta. Sexualidade... sim, por que

a sexualidade é o que eu... o que minha opção, se eu quero ser masculino feminino. Como é uma conversa formal talvez venha nas próximas perguntas.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Tipo minha identidade de gênero eu.. é o que eu, é... minha orientação sexual, depende de que lado você queira ver. A minha orientação sexual, depende muito da minha identidade de gênero... bom a minha identidade de gênero bom se eu... se eu sou a Maria e eu quero ser considerada como João, eu sou meu gênero... eu sou Maria, mas meu gênero, quero ser considerada como João, meu gênero masculino. Eu sou Maria e a minha identidade de gênero é João. E a minha orientação sexual eu mesmo sendo Maria, minha identidade de gênero é João, e minha orientação sexual é Maria..., é feminina, é Maria. Tipo, eu sou um transgênero, tipo eu sou Maria, minha identidade de gênero é o João, mas a minha orientação sexual é Maria. Tu não pode concordar, né? Posso estar totalmente errada. Que eu acho... um , eu sou a Maria, eu tenho a minha carteirinha do meu clube como João, minha identidade de gênero é o João, mas minha orientação sexual continua sendo da Maria, feminina. Posso estar totalmente errada. Mas é o que eu acho.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Nossas práticas na escola? Eu posso realizar, eu vejo assim. Porque eu não tenho... eu não me acho, apta a fazer, realizar uma prática nesse... tema sozinha. Tanto que nós precisamos ter formação e acho que sempre, porque os tempos mudam né, muita coisa muda, eu posso realizar em parceria com outros profissionais da escola, isso eu vejo, homossexualidade, eu já realizei com a professora de ciências faz um tempo, eu vejo bastante importante trabalhar isso na educação infantil, então até os 5,6 anos, vejo aqui que eles têm muita necessidade. Mas eu vejo realizar em parceria com as profissionais da escola ou educação infantil, é... história também, é muito importante trabalhar a identidade, gênero. Mas sozinha eu não tenho segurança de fazer. Eu me vejo assim muito na literatura, eles perguntam muito, eles perguntam, e você precisa... ter alguma noção e orientando, e às vezes... você orienta aqui, aí percebe já que não é isso que ele quer, que é outra coisa na literatura é muito importante. Aqui no dia a dia, na prática, eles procuram muito, enquanto sujeito eles procuram muito, muito, muito... e os pequeninhos procuram também... eles ainda estão assim... se descobrindo, os pequenos, mais que os adolescentes. Eles precisam muito, de muita orientação, vejo porque, daqui a pouco vem uma turma de pequeno aqui, e as professoras se sentem bem perdidas para trabalhar a sexualidade, identidade de gênero com eles. E elas usam mais a literatura com eles, elas usam mais que os anos finais, do ensino fundamental, né, inicial e final, bem mais. Elas trabalham com projetos e sempre o começo é a literatura, e aí o bibliotecário entra para orientar. Acho que era isso... literatura... é que tem tanta coisa, e depois eu vou lembrar de não ter falado. Porque têm muita coisa, até na própria conversa do dia a dia, porque eles te procuram pra conversar, pra pedir orientação, eles querem perguntar eles têm dúvida, e eles precisam falar com alguém, eles tem muita dúvida, e eles vem te procurar, não sei lá na tua escola, mas eles vem aqui, e fica com a dúvida, e agora será que eu respondo, não respondo... eu falo, e aí às vezes se eu falo um pouco, aí pega informação sobre o aluno na orientação e depois eu volto a conversar com ele, mas aqui é bom porque

o bibliotecário participa dos colegiados de classe, aí no colegiado de classe, é que acontece, fala individual de cada aluno, aí você já sabe da história. Aqui já é padrão, quando eu tinha auxiliar nós duas íamos, porque foi colocado assim faz rodízio, vai você e ela fica atendendo, e eu disse... não, nós duas temos contato com aluno, vou eu que sou a bibliotecária e vai ela que é a auxiliar... então foi muito importante. Eu cuidei do parque ontem aconteceu um fato de um menino que foi... que já foi abusado, então aconteceu um fato na hora do recreio, se eu não soubesse o que já tinha acontecido com ele, eu então já tive uma conversa de orientação sexual com ele, na hora do recreio, então é importante. Esse menino também tem identificação com o gênero feminino só que ele não aceita que ele é criança, ele não entende, ele se comporta como menina, e até conversar com ele ontem de tudo que aconteceu, é no dia a dia, não posso fingir que não está acontecendo, fico na biblioteca ali entre as quatro paredes e não participa da vida da escola.

- 4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Muito importante, porque ela está inserida nas nossas práticas do dia a dia. No contato com o nosso, usuário diariamente, tanto formal ou informal, e pra ontem, porque nós somos bibliotecários, eu me vejo como um bibliotecário social, eu acho que as nossas bibliotecas escolares, nós atuamos com cunho social, muito, por isso que é importante, é relevante demais.

- 5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Desafios... Vamos começar desafio... eu vou falar de mim então, é... pessoal um desafio pessoal... tu tens que ter, tipo mais bibliotecários, porque eu vejo uma diferença entre bibliotecário e auxiliar de biblioteca... porque se o auxiliar de biblioteca estiver contigo ele tem que é... ter a mesma formação, se não, não vai ter ajudar, tem que ter o mesmo entendimento, tem que trabalhar com o pedagógico, com o PPP da escola, em parceria com o bibliotecário. O bibliotecário precisa... o que mais... ter mais formação e contínua... eu fiz a formação com a professora da UDESC dois anos atrás, dois, três anos... já sinto que preciso de novo, assim pra ontem. Recursos, é... material que fale sobre isso, DVDs, livros. O bibliotecário precisa estar inserido no planejamento do currículo da escola, pra trabalhar junto, com a escola, não ser uma parte, não ser simplesmente um anexo da escola... físicos, humano, nossa capacitação, tudo... porque um completa o outro... pra você poder falar com os alunos orienta-los, é preciso formação, é preciso ajudar com a literatura... isso vai poder ajudar de tirar uma dúvida, de dar mais conhecimento sobre aquilo que ele procura, pra ele mesmo começar a se entender, questão de gênero, sexualidade, ele começar a se entender e se aceitar, por isso que eu vejo muito bibliotecário social nas nossas bibliotecas, enfim, nós precisamos de tudo, de tudo, de tudo. Isso nós precisamos, não de formação só da escola, formação do nosso departamento, por que o ensino, o fundamental, eles discutiram a matriz curricular e tem um capítulo, acho que é a matriz curricular, tem um capítulo que fala sobre literatura, e eu fiquei meu deus, isso não está sendo discutido com os bibliotecários, conosco. Literatura em todas as áreas, eu li... gente isso aqui está acontecendo, é inserir a literatura como suporte de conhecimento em todas as

áreas, aí cita geografia, história, matemática... e nós não estamos debatendo isso... bem triste. Nas nossas formações eu não tenho mais falado, eu tenho ficado quieta, porque ultimamente...

- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional.

Eu vejo o bibliotecário, como uma ferramenta fundamental na escola, é uma ferramenta que está esquecida. Eu vejo assim muito esquecida e... eu me vejo, acho que todos, que poderiam estar contribuindo bem mais nesse tema, nesse gênero, nesse tema que você está pesquisando [...] e... você é procurado pelos alunos, eu vejo a necessidade de eu ler, de me informar, e os alunos te procuram e na escola, quem tem mais afinidade tu trabalha esse tema, e tem uma aceitação enorme dos alunos... e já quem você não tem a oportunidade de ter uma convivência maior, o bibliotecário fica esquecido, não sei como fazer com que nós também podemos estar... contribuimos pra esse tema, e indiretamente muito, e diretamente também, mas indiretamente acho que todo, todo mundo, todos os bibliotecários estão contribuindo, e se passando como um profissional inexistente nessa área, mas contribuindo, aqui eles procuram muito a biblioteca, pra conversa informal, e por conta da literatura... eles procuram, eu oriento, eles leem, aí eles querem mais títulos nesse assunto e a gente não tem. Acho que era isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 3 – 01/12/2017

- 1) O que você entende por gênero e sexualidade?

É... eu acredito, que a questão de gênero, ela separa um pouco, né? Quem é assim, como é que funciona pessoa, como é que ela deve ser, como ela deve se comportar e tal, é uma forma de... definir, né, eu penso assim, que gênero é uma forma de definir. E a questão da sexualidade, eu acho que a sexualidade ela tá em cada ser, independente do gênero, a sexualidade independe do gênero, e assim o que eu penso... do meu trabalho, que eu acho que está dentro do trabalho... biblioteca, a entrevista... ela está relacionada, que assim ó, a sexualidade ela tem etapas, desde o bebê a nono ano, que a gente trabalha aqui... que eu trabalho né, de 1º a 9º ano, então, isso é essa sexualidade, ela vem se desenvolvendo. Então o que eu entendo como pessoa, é isso... gênero define tal, e a sexualidade cada um tem a sua dentro do seu ser, do que ele acredita, do que a pessoa acredita que acha que é, né, dentro do seus valores princípios, suas ideias, dentro do contexto que vive, é isso que eu penso... que é uma coisa natural, né, não é muito forçado, não tem muito influência de terceiros, eu acho que é mais natural mesmo... mas não sei.

- 2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Então assim, questão assim, orientação sexual, acho ela super importante, ela tem que acontecer tanto âmbito familiar, ou sociedade, ou de escola, pra poder é... ter um entendimento, porque assim ó, quando a gente cresce a gente entende as coisas de uma forma... quando a gente é criança, pré-adolescente, entende de outra forma, então vão surgindo questionamentos, né... então precisa de uma orientação pra que a gente possa entender, né... que é a questão do mediador, não precisa ser

só o professor tal... o bibliotecário, pode ser também a família, ou até um amigo, tal... só que a questão do amigo, da conversa da rede social a gente tem que ver a referência, né... da onde que está vindo a orientação... pra entender se ela é pejorativa ou se ela vai contribuir positivamente... então é isso que eu penso, né, da orientação sexual, então ela é importante em todos os âmbitos assim social, educacional, escolar ou familiar. E agora a outra era... identidade de gênero, aí é aquela coisa de definir, às vezes eu vejo a identidade de gênero assim o “há o gênero” como uma coisa até meio preconceituosa... que é um pré-conceito, um conceito antecipado ou as vezes quando alguém já tem um conceito é discriminatória, né... ela discrimina... a fulano é assim, que tem que ser assim, a mulher tem que ser assim porque é mulher, o homem tem que ser assim porque é homem... então eu acho que às vezes ela é preconceituosa e às vezes ela é discriminadora. Tem gente que acha que preconceito e discriminação é a mesma coisa, mas é bem diferente, porque o preconceito é um conceito antecipado e a discriminação é quando tu já sabe o que é aquela ou algo ou a pessoa, e discrimina, então eu acho que a identidade é uma coisa assim muito é... como é que eu posso dizer, não sei se taxar... taxa fulano tem que ser assim, beltrano tem que ser assim, se não for está errado... eu acho errado, enfim é o que penso né, eu não estudei sobre o assunto pra poder falar. Por isso tu não mandou o questionário antes, se não eu ia ler e como um bom bibliotecário pesquisar.

- 3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Bom, eu acho que se for contemplada é superficialmente, é momento, quando há a necessidade, mas não é pensado... eu acho essa tua pesquisa muito bacana porque é uma coisa que faz a gente refletir, que às vezes alguém tem que pensar no tema, no assunto. Porque a gente trata o assunto, mas sutilmente no momento que ele aparece para a gente, no caso eu [...] tenho uma postura reativa, não é pre-ativa, eu não tenho nenhum planejamento pra que essa coisa aconteça ou desenvolvo alguma coisa, eu não tenho nada pronto eu vou reagir conforme ela me aparece.

- 4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho importante pelo que eu já falei, porque teria que alguém falar sobre o assunto... por exemplo, planejou biblioteca um tópico lá do plano, um plano de ação tem que estar dentro, a.. porque é uma coisa que desperta muito, a nossa realidade aqui é uma, nossa realidade é da totalidade, mas o aluno, ele traz uma coisa particular dele, né, a gente sempre trabalha com a totalidade, mas ele traz uma coisa particular... e a gente não está preparado, talvez a gente não tenha resposta correta para estar informando o aluno sobre essa questão, sobre esse tema.

- 5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Então, o desafio é que assim... eu não estudei esse tema, então eu já me vi em momentos em que eu tive que... porque às vezes eles falam em sexualidade, mas pra constranger, as meninas, os meninos, pra falar alguma besteira pra ver o que tu

vai dizer, o que que eu faço, eu saio que meio que pela tangente, o que que eu faço, eu encaminho para a professora de ciências, que ela trabalha essa questão de corpo humano ou para orientadora que tem todo um preparo um estudo, ela estudou, né, pra poder estar trabalhando esse assunto, então o que poderia era a gente ter alguma orientação, mesmo de um profissional que trate bem o assunto pra nos passar... que a gente quando chega no momento saber... falar do assunto, né, naturalmente... sem gaguejar, sem ficar buscando o que que é melhor pra falar, porque o que falar... para uma criança, um aluno de 6,7 anos é uma forma de falar, pra falar com outro, é outra forma, posso dar um exemplo que aconteceu aqui, umas alunas chegaram reclamando, era do segundo ano 7 anos né... chegaram reclamando que o aluninho menino está falando que a gente faz sexo, ai eu disse pra elas... ele nem sabe o que é isso... a gente sabe sim porque eu vi o namorado da minha mãe com ela... entendeu? Eu abri a porta e eles estavam fazendo sexo... então e ai o que que eu falo, dai eu disse... é realmente não sabe, eu não sabia o que falar, viu um exemplo, eu gosto de falar de exemplo, que eu posso citar fulano, ciclano... mas eu acho que a gente, eu gosto de trazer a prática, e a prática que é isso ai, fizeram uma pergunta vieram reclamar pra mim de uma coisa e eu não sabia o que dizer, e assim como eu vou dizer didaticamente... ou eu não consegui trazer um autor que eu li sobre o assunto ou um vídeo que eu vi sobre o assunto, o especialista falar pra eu discorrer o assunto naturalmente, pra eu falar... eu fiquei perdido.

- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

É eu acho que essa questão, eu já ouvi besteiras assim meio que até um pouco até de assédio vou te falar, uma besteira te colocar em um constrangimento, eu achava que esse assunto é bem importante eu já pensei nesse assunto como é que eu vou fazer pra falar e a linguagem como é que eu falo com uma criança de 6 anos, como é que eu vou falar para um aluno ou aluna de 15/14 anos... entendimento é diferente, a fala é diferente, a linguagem é diferente... então é um tema bastante bacana que depois deveria ser trabalho assim como uma espécie de formação para o bibliotecário é o que eu penso... porque talvez algumas disciplinas trabalham com os conteúdos, a gente não trabalha com conteúdo direto, mas eles tem, eles trabalham essas área né, esse tema né, e a gente não tem. Que ai cai aquela história das diferenças né, então é isso que a gente tem que... porque na verdade é atual e a gente não tinha isso ai a 10 anos era diferente, e ai as vezes parece que a gente é preconceituoso... mas a mulher ela age diferente do homem querendo ou não ela age, a sociedade cobra os padrões os modelos, se sair do modelo não presta é errado, e não tem nada haver, que a gente é um ser natural a gente nasce e vai se construindo, então não tem nada que ser um modelo, que tem um padrãozinho pra gente viver em sociedade, mas modelo assim estanque, engessado só aquilo é o certo, eu acho isso extremamente errado.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 4 - 05/12/2017

- 1) O que você entende por gênero e sexualidade?

O... gênero, ó.. sexualidade, é como eu me identifico como homem/mulher, né, é como eu me relaciono como pessoa, é os meus pares, né... A sexualidade já é mais, algo social, mais afetivo, né. Porque daí ele se relaciona, como a forma, como eu vejo o outro, e ali como eu vejo o outro, daí já entra questões políticas, éticas, sociais... A sexualidade é só mais o lado afetivo, não entra o social, político... Agora o gênero também é o afetivo, mas é mais amplo.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

A identidade de gênero na minha opinião é como o ser humano ele se constitui como pessoa, como ele... as opções sociais e sexuais que ele... tem na sociedade. A orientação já é... são aquelas coisas pré-estabelecidas e geralmente ela tem um... paradigma, ela está mais relacionada a parte teórica né, aquela coisa propriamente dita... o gênero ali já está mais politizada, ela está mais... como é que se diz, elaborada, pessoa tem mais condições é... teóricos, agora orientação é aquilo propriamente dito, quando tu... a questão o gênero que dá a possibilidade de tu pensar, raciocinar.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Olha eu acho que em todas, porque tu é um ser... né, o ser ele é... constituído de todas as partes, então assim, quando isso... vai trabalhar o gênero, sempre. Quando o aluno entra na biblioteca, estou trabalhando... quando eu disponho o acervo, eu já estou trabalhando, então sempre quando o aluno chega aqui e já é uma prática, quando ele tá com 12 anos, [...] eu li um livro assim, vai lá pega... é quando eu desmistifico essa... hipocrisia da sociedade, eu estou trabalhando, quando vem um aluno. Esses tempo, eu até questioneei, não sei se eu posso falar aqui... eu disse até a CDD e a CDU não trabalharam gênero, porque eu peguei os livros de carrinho, eu separei tudo, dinossauros, jamais pensei que isso... se a gente não perceber, a gente não está trabalhando gênero ali, a gente está dizendo que só... a gente está direcionando, se tu ver está lá no código, né. Daí eu separei, daí veio uma criança do 1º ano, o pai dele já estudou aqui a gente já sabe né, o “[...] eu queria livro de macho...”, mas eu não tenho esse título, nem esse assunto, eu tenho livros assim a... de animais... né. “Não [...] assim, macho...” aqui eu não tenho... dai ele o “[...] assim de menino, carrinho, dinossauro”. Dai eu pensei... eu fiz, né, e até hoje eu estou me questionando, eu quero refletir, como é que eu vou mudar isso. Nós bibliotecários, daí eu peguei, o código, e eu me questioneei, e agora eu sou contra porque essa criança percebeu, ela externou, se não eu nunca tinha... e daí agora, aqui eu estou naquela, só que a gente está fazendo isso, uma coisa muito errada, só que né, eu me questioneei... toda vez que eu entro aqui, eu penso vou tirar isso, por que eu só separei por assunto. E daí como a nossa sociedade, né, e a gente... o pior de tudo é que está implícito, né... ela não tá colocado, o problema é aquela pseudo construção, né.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Porque nos constitui como ser humano, como é que nós, enquanto profissionais, né... na sociedade essa mudança, que graças a deus aconteceu, mas está por cair, né, a qualquer momento a gente vai ter um retrocesso, né... esse que é o problema, as escolas sem partido vindo aí, para acabar com isso. Pra gente... é muito preocupante, né, vocês já... no teu estudo, porque o gênero é estudo e a escola sem partido, está indo nas “berraidinhas”, que retrocesso, eu até achei um livro do MEC, que eu questionei aquilo... gente isso aí era uma construção da Grécia, tinha que pegar aquele livro e questionar, a Grécia e o mundo de hoje, não tirar, é mais fácil, né, que daí não se trabalha o tema, né... daí tem que tirar? Não, tem que colocar e saber trabalhar, o que que eles fizeram, tiraram, né. Eu pensei, ai ai ai... isso aí podia ser trabalhado, mas é mais fácil tirar... está dando problema vai lá e tira. Eu achei assim, quando eu vi aquilo... é uma literatura da Grécia que deveria, né... da onde que veio a sexualidade, não devia ser retirado.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Olha... a informação, a falta de informação, que a gente tem, porque as nossas universidades na minha época, ela não trabalhava, né... a falta do conhecimento, que eu me questiono, que eu tenho que ler mais, conhecer mais, mas eu acho que o desafio é meu mesmo sabe, porque livros tem. Ter mais reuniões pedagógicas, não pedagógica assim... lá na nossa reuniões de bibliotecários, que é lá que a gente se forma, é lá que deveria ter essas questões, né, a literatura também é importante, mas a gente precisa ter um embasamento teórico do que falta. E como é que tu trabalha? Através do teu conhecimento, porque não vai ter uma fórmula. Aí eu questiono, um projetinho, bonitinho, tu vai lá apresentar, olha... não é... tu muda opinião e o teu conceito... com as atividades em si, acho que falta... é uma opinião minha.

6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Olha não... é difícil, eu penso assim ó... que o bibliotecário está numa época, de muitos desafios... não só tecnológicos... mas políticos, sociais, culturais, em que não basta mais tu conhecer... a catalogação, a classificação, porque tu tem que ser um ser social e político. Político nos teus conceitos né, não é só pra levantar bandeira, mas saber a bandeira que tu levanta, porque o aluno ele... o que falta nos nossos alunos hoje? Pressupostos teóricos... eu gostei do livro, “ah! era legal”, mas quando tu interagir com ele, dá os pressupostos teóricos que tu tem, ele vai começar a mudar, e eu acho que nós temos essa condição. A gente faz tudo isso, eu faço, fazer bonequinhos, dobraduras, eu faço tudo isso, mas a gente tem que dar uma postura, que às vezes... eu gosto muito de ler sobre a 2ª Guerra Mundial, Holocausto, não que eu gosto, é a minha indignação que faz com que eu leia, e eu comecei a trazer meus livros para a biblioteca. Meu deus era só aluno do 9º lendo aqueles livros, porque é assim que é nossa profissão, de mudar a postura do aluno. Porque gostar de ler passa, a gente ensina, mas mudar a gente... para essa geração escolher pessoas melhores.

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Então, o gênero... eu vou falar enquanto escola, ele aparece muito nos temas transversais, muito trabalhando nesse sentido assim, mas não acho que ele é trabalhado especificamente, então, o que eu entendo por gênero, gênero e sexualidade, o masculino, feminino, o trans, é... eu acho que entra nessa questão de escolha sexual, bissexual, homossexual, penso que seja isso.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Tentar falar do que eu já ouvi... orientação sexual é o que a pessoa se vê, não com o corpo que ela tem, mas como ela pensa, o que que ela... a atração física que ela tem, se ela se sente atraída pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo, que o corpo dela é... essa seria a orientação, e a outra pergunta é... identidade de gênero, essa está mais difícil, deixa eu me lembrar... eu costumo, ler, ouvir muito sobre isso, me interessa, mas ao mesmo tempo que o leque vai ampliando, ele vai confundindo também... mas enfim, o que eu sei é até aí mesmo... essa outra aí não sei, no momento o que me ocorreu é isso, deve mesmo ter informações novas, é... por que sempre... é muito questionado se é uma escolha se não é, hoje em dia a gente sabe que não é uma escolha, a pessoa nasce com isso, ela não escolhe vou ser, eu não escolhi ser mulher, eu nasci mulher e pronto, e eu não poderia escolher agora, não quero mais, agora quero ter uma outra orientação sexual, então não é uma escolha, é uma coisa que já nasce com a pessoa até onde eu entendi é isso, e aí esse gosto pode variar tanto para homem quanto para mulher, para os dois, é... não sei como dizer. Eu penso que se resume quase tudo a uma atração física, aquilo que faz com que um seja atraído pelo sexo oposto, alguns são atraídos pelo mesmo sexo, enfim... eu acabo chegando no final de que o que vale mesmo é aquela coisa apaixonar, gostar, por que mesmo eu sendo mulher eu não gosto de todos os homens que estão na minha frente, eu me apaixono por um ou por dois, então eu penso que mulher que gosta de mulher, não se apaixona por todas as mulheres, ela gosta de uma mulher, daí vem essa coisa da identidade. É isso.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Olha, quando esse assunto chega aqui na biblioteca... e até hoje ele nunca veio como tema de pesquisa, então não posso dizer que pesquisa, nem levantamento bibliográfico... ele acontece individualmente, como escape, aquele aluninho que vem conversar com a gente, porque ele encontra talvez segurança, encontra privacidade, pra conversar sobre o assunto, aquela aluna que vem falar, a eu vi a fulana estava tão linda, porque se sente à vontade para conversar comigo, um assunto que talvez não conversasse em sala com o grande grupo... mas como atividade, não sei, não chega a ser uma prestação de serviço, não chega a ser sequer um... direcionamento, é só uma acolhida, eu não sei se isso caberia agora. O que eu posso dizer é que eles encontram acolhida, na pessoa [...] não sei nem se no profissional bibliotecário, fora isso eu não sigo nenhuma orientação, não dou nenhuma orientação, não esclareço, é mais nesse sentido que esse assunto chega aqui.

- 4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho relevante porque não está só aqui, está em todo lugar, está na televisão, está em casa, na família, na rua, é... no trabalho também, então é relevante, só que ainda é meio tabu, é como eu estava falando na questão anterior, eu não consigo ver isso de forma trabalhada, é... direcionada, é meio que um escape, um por acaso, é um... como se ainda precisasse, conquistar esse espaço, abrir esse espaço, conquistar um lugar, não existe ainda um lugar, parece que tem que fugir na biblioteca, parece que tem que falar só com amigo, só com a amiga... a família também ainda não é um lugar... muito acolhedor pra esses alunos. Eu tô pensando agora em alunos tá... não sei se eu estou fugindo da pergunta, a gente já pensa que os profissionais, os colegas, já tem isso como outro patamar, daí quando eu me vejo respondendo essa pergunta... na escola eu só consigo pensar nisso, nos alunos.

- 5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Ai formação... Formação e informação, acervo e principalmente que a gente consiga trabalhar junto com a escola, não só o professor de ciências que tem que trabalhar isso, a escola inteira, como eu te disse... está em todo lugar, e ao mesmo tempo ainda vem com muito tabu, com muito preconceito, é principalmente as questões violentas que acontecem né, é... eu quase comparo, e acho que cabe mesmo, com o machismo na sociedade, como a mulher ainda é oprimida, a mulher ainda é assassinada, a mulher por si só ela é discriminada, não é só o homossexual... é todas essas questões que são oprimidas, discriminadas, e que sofrem principalmente com a violência né, a gente vê tantos casos de homossexuais que são assassinados, agredidos, assim gratuitamente, como mulheres que encontram isso na própria família, no próprio casamento, esse tipo de opressão, por ser mulher. É isso mesmo eu acho que a gente precisa, se informar, ter mais formação sobre esse assunto, ter mais informações, como no final a gente foi direcionando, acaba que questão de gênero não é só homossexual, é também a mulher, é também o que sofre esse tipo de opressão. Então é isso mesmo, é acervo, é informação, é formação, e principalmente é... qual é a palavra... que a gente consiga trabalhar com a escola, com os professores, com a sala de aula, com as temáticas da escola, e não só o bibliotecário sozinho na biblioteca.

- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Pois é, eu acabei falando nas outras questões assim, da experiência profissional é muito pouco, é muito pouca informação, é muito pouco com quem trocar... a maioria das pessoas se fecha nesse assunto, alguns... porque não vem a necessidade de falar, não sei... eu acho que eles preferem tratar com se não existisse, como se não afetasse ninguém, embora a gente veja isso nos colegas de trabalho, a gente vê isso principalmente nos alunos, o universo dos alunos em uma escola, ele é bem maior que o dos profissionais adultos, então claro que aparece muito mais isso... e essa questão aparece pra eles tão precocemente, tão novinhos, e ninguém sabe lidar, ninguém sabe orientar, as famílias também não estão preparadas pra isso... o

que eu gostaria de falar a mais era isso, essa angústia de às vezes só acolher não é o bastante, só tratar como igual, a gente tem que ensinar os direitos que eles têm, ensinar a lidar com esses sentimentos também. É isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 6 – 12/12//2017

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Acho que sexualidade é o que a gente vai tratar na escola, sobre o assunto é... tanto da questão biológica do ser humano, o feminino, masculino, o gênero é uma coisa um pouco mais complexa... eu acho que vai tratar realmente do que a pessoa é, de como a pessoa se identifica. Acho que é isso.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

É... eu tenho escutado várias coisas, né... hoje em dia na mídia está bastante divulgado, então é... identidade de gênero, eu acho que é como a pessoa se vê, como a pessoa se identifica, e orientação sexual seria... eu não sei se hoje em dia é assim, mas seria por quem a pessoa se atrai... se sente atraída, eu acho que essa é a diferença, uma é por quem tu se sente atraído e outra é como tu te identifica pelo mundo, se tu te identifica mais pelo lado feminino, mais pelo lado masculino e a outra é por quem tu tem atração, vamos dizer assim mais ou menos.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Nesse momento aqui na nossa escola em nenhum momento a gente está contemplando esta temática... assim, inclusive eu já tive épocas de se trabalhar bastante esse assunto... hoje ninguém está trabalhando especificamente. Embora a gente encontre hoje casos de crianças que se identificam diferente do seu gênero biológico, hoje a gente tem casos assim na escola, mas não é tratado abertamente isso é mais uma conversa informal com um ou outro que você percebe isso.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho relevante... eu acho que a gente precisa conhecer bem o assunto primeiro, até pra poder compreender melhor o nosso público, quem vai estar a nossa volta... as crianças que a gente vai encontrar, eu acho importante a gente entender bem o assunto que é novo... não que é novo, mas a discussão que tá vindo à tona agora... e que confunde bastante a gente.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Em relação a biblioteca, eu acho que a gente deveria ter um acervo voltado pra isso... talvez entender... esclarecimento sobre o assunto, pra gente tratar isso com naturalidade, com tranquilidade, porque às vezes a gente fica um pouco assustado

com essa temática... ou não sabe como lidar com isso. Enquanto unidade, seria acervo voltado para isso, a gente precisaria de material físico.

- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Então, a gente teve um caso aqui o ano passado... de uma menina do nono ano que ela estudou conosco do 1º ao 4º ano e aí saiu e voltou o ano passado para terminar o nono ano aqui com a gente, e já voltou com uma outra identidade de gênero... e quando ela voltou a gente... que é fulana, será que é ciclano, será que é beltrano... porque não teve um esclarecimento de ninguém, assim aos poucos a gente foi vendo, ela foi perguntando e ela foi se firmando com essa nova identidade... e escolheu um novo nome e os colegas já chamavam ela por esse novo nome... se caiu numa questão assim... tá e na hora de uma prova eu não tenho o nome oficial dela, vou botar o nome que tá na chamada, mas entre parênteses... daí teve uma conversinha, assim, informal e aceitaram que ela colocasse entre parênteses e tal... a nova identidade dela assim, e teve uma aceitação legal pelos colegas, bem tranquilos os colegas, eles se surpreendem, a turma acolhe bem, em relação a isso não teve tanto problema, teve uns conflitos, assim tipo... uma menina está beijando outra menina dentro do banheiro, mas aí era questão mais dos pequenos estarem vendo, estarem levando... ah, ele viu isso, viu aquilo, e mesmo que fosse menino e menina, causa estranhamento com os pequenos entendeu? ... mas aceitação dela de modo geral foi bem legal, e quando ela veio aqui com a gente, também ela queria se chamar João e a gente chamou ela de João... ela se dizia João e a gente chamava ela assim. É o que eu te falei, é um assunto novo eu como assisti alguns programas, li algumas coisas na mídia... eu acho que a gente tem que ter sim material na escola, que aborde esse tema, eu acho que nossos livros de literatura se trouxeram esse tema, a gente tem que ter aqui, tem que deixar eles terem acesso, com tranquilidade, não fazer disso um escândalo, ou pra esse lado ou para aquele... tirar essa coisa... esse tabu religioso que a gente tem, porém eu acho bem difícil, porque a minha escola que já teve uma profissional, uma supervisora que era bem atuante nessa área, que ela tinha uma formação, que ela ia puxando pra esse assunto e a gente sempre tinha alguém fazendo algum trabalho sobre isso... ela foi embora, teve um ano que teve uma tentativa de uma professora de ciências de fazer no contra turno, trabalhar sexualidade com eles, mas aí ela desistiu, ela acabou se desestimulando... e hoje eu não vejo ninguém aqui trabalhando esse tema. Fora do currículo básico aí em algum momento, conversa, e bem a gestação, só a parte biológica mesmo... nada além disso... não vou te dizer que é um assunto que me deixa à vontade, assim... eu também não sei... não saberia trabalhar direito com isso, eu até gostaria, eu acho que eu preciso, assim... trabalhar mais isso dentro, pra gente conseguir quando o aluno chegar aqui e te perguntar alguma coisa, tu conseguir passar alguma coisa com tranquilidade, clareza, sem estar tão envergonhada, sem ficar tão constrangida, sabe conseguir lidar com mais naturalidade eu acho importante isso para a gente.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 7 – 12/12/2017

- 1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Acho que gênero seria mais, é... tipo casal, é... os vários tipos de conceitos que existe... de homossexual, de casal hetero, de homossexuais, de homem com homem, mulher com mulher... ou o casal que é entendido como comum pela sociedade, acho que gênero seria isso... acho que sexualidade é o que cada um tem a respeito da outra pessoa, né, pra mim seria isso.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Eu acho que seria, é... tudo, todos os conceitos que tu tem a respeito de sexo, de que seria aquilo assim... que a gente vai aprender em casa, né... com os pais, com a família e também na escola, aquela parte que a gente aprende sobre os órgãos, aquela parte ali de ciências mesmo, acho que seria ali, a orientação sexual, né... E identidade de gênero, eu acho que é o que cada um se identifica à respeito disso, parte do conceito que tu tens, o que tu vai te identificar, né, e aí vai de cada um identificar com o que entre aspas vai gostar, né, pra mim é isso.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Olha até uma vez que tu tivesse lá... a gente teve uma reunião e tu fizesse uma apresentação, eu fiquei pensando nisso... sabe aqui na escola, isso não é uma prática comum sabe... e eu acho que deveria ser, principalmente nos dias de hoje. Eu fiquei pensando que engraçado porque lá na escola ninguém, eu não vi ninguém, falando sobre... nenhuma reunião pedagógica, ninguém comentando, nenhum professor pedindo nada a respeito... o que eu vejo são os alunos que têm interesse em vir na biblioteca procurar livros que falem sobre sexualidade, assim é engraçado porque eu organizei as estantes, eu fiz a mudança de layout, e a parte ali de educação sexual estava bem aqui na ponta então... assim meu deus, eles ficavam o tempo todo querendo mexer, aí quando eu mudei, essa parte ficou lá num canto, aí agora está mais sossegado, que aí sumiu aos olhos deles, mas era uma coisa que era extremamente visível... assim gritante até... sabe o quanto eles queriam estar indo ali, pegar aqueles livros, e é uma coisa bem assim velada, porque eles vão ali... e eles ficam e olham assim pra mim tipo... eles mesmo se condenam... aí alguns pegavam e sentavam, aí eu vi que ficava uma mesa cheia assim... e todo mundo ali olhando aquele livro, rindo, fazendo piadinha... ou alguns realmente lendo para ter conhecimento... mas, assim, prática mesmo de um professor vir... de estar conduzindo... de estar fazendo projeto... de estar fazendo alguma coisa, nada... aqui na escola, que eu tenha assim presenciado, que eu tenha visto.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho bastante importante, primeiro porque é... pra não se criar ou se formar conceitos antes... errados, né, porque eu acho que é uma coisa assim... muito levada na brincadeira, ou até na vulgaridade, talvez que não é, eu não acho que não seria esse o sentido... deveria de ser levado, né, às vezes em casa não tem ninguém que possa estar orientando... eu vejo que a comunidade escolar aqui da escola, são de famílias muito desestruturadas, assim... de as crianças estarem muito soltas, jogadas, então, acho que falta uma base, essa também seria uma base que

faltaria pra eles... e à ter uma orientação, eu acho que seria bem importante como a escola está atuando nisso... para que eles não achem que é de qualquer jeito, que é uma coisa boba, é até também para estar aprendendo a respeitar, né... as várias formas de orientação que existe, porque sempre que tem alguém que é diferente... e acaba sendo piada, né, servindo de “chacota” pra todo resto... e a gente já vê que isso começa bem cedo, então se tivesse uma orientação... se tivesse um conhecimento a respeito, eu acho que isso não aconteceria.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Eu acho que também seria conhecimento e material... conhecimento da gente também, porque a gente não sabe né... uma coisa que nós também não temos, isso de orientação... né de conhecimento e nem de prática também... então eu acho que deveria de ter também uma orientação, um conceito em conceitos pra gente... e também que a gente possa ter material, para estar também podendo disponibilizar aos alunos... e até os professores também, algo que seja realmente relevante a eles né, que não seja... é que as vezes o que a gente tem... ai vem uma cartilha que né... uma coisinha tão fraquinha, assim... é muito pouco material, a gente tem então... eu acho que seria isso assim... a gente ter esse conceito e também poder ter material de qualidade, pra poder estar oferecendo aos alunos pra eles pesquisarem.

6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Eu acho bem interessante, desde que eu vi a tua apresentação lá né... foi um tema assim que eu não pensaria, e acho muito importante, muito relevante, principalmente nos dias de hoje... a gente vê tanta homofobia né, xenofobia... enfim, toda hora tu vê que alguém foi agredido por ser homossexual, por não ser o que todo mundo... o que a sociedade impõe né... e ai assim, fico pensando assim... meu deus que absurdo né... quem sou eu pra te julgar e quem és tu pra me julgar né... então eu acho assim bastante importante, hoje esse tipo de pesquisa... e acho também que é coisa que tem que estar inserida dentro da escola, assim... porque é a partir daqui que se forma né... e se aqui a gente tem esse conceito, essa educação definida, lá fora não vai acontecer o que a gente tá vendo hoje né... eu acho isso. Tem mais uma coisa... vou acrescentar é... eu não tive uma orientação, assim claro pela educação, né dos pais da família, eu acho que todo mundo deveria ter... acho muito importante... até pra ti não formar, não imaginar coisas né... porque a gente cria pré conceitos né... e muitas vezes tu acaba sofrendo uma coisa que não precisava, se tu tivesse esclarecimento a respeito né... então eu acho bem importante assim... é a gente ter isso, até pra vida da gente mesmo.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 8 – 17/12/2017

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Olha... gênero eu acho que está bem... está questão está bem aflorada né... mas eu acho que gênero vem da questão masculino e feminino, e a sexualidade eu acho

que vai além disso... o gênero abre outras possibilidades né... de pessoas que estão... da nossa nova sociedade, buscando seu espaço dentro da sociedade... e isso não está sendo muito discutido né, por isso que eu tenho essa... hoje me passa isso, não sei se está correto.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Orientação sexual me remete aquele bem antigo... das pessoas falavam bem a questão da sexualidade, questão da gravidez na adolescência... isso que me remete, e hoje discutir gênero, acho que já remete a discutir a sociedade... outras pessoas que estão se descobrindo né... tanto os transgêneros, os homossexuais, os heteros... acho que todo mundo está envolvido nisso.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Olha na verdade assim ó... claro a gente sempre está de acordo com a escola que a gente está trabalho, eu não vejo isso na escola... eu não vejo ainda, eu vejo só orientação sexual... nas aulas de ciências, ou com os professores assim... eles pedem mais material... mas na questão da sexualidade... de cuidados com os órgão sexuais, cuidados com gravidez na adolescência... mas eu não vejo discussão de gênero hoje... nem eu pegando material.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho que sim, porque hoje a gente está com isso na atualidade, e a gente não pode fechar os olhos... tem que aprender e saber mais... tem que estar disponível, a escola tem que estar mais aberta a isso... e nós também enquanto profissionais, temos que estar mais envolvidos, e com materiais para saber... para entender também, porque eu acho também que está faltando isso.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Na verdade o desafio, é isso mesmo... é espaços na escola, porque eu acho que a escola... ela... assim eu vejo mesmo onde eu estou né... eu não vejo discussão, eu vejo as pessoas que abafaram o caso, e também o material... eu acho que a gente tem que ter mais livros, compras, entendimentos, palestras e trazer também... isso é a realidade. Só que nós estamos, sem conversar um com o outro, nós não temos reuniões, não temos alguém falando sobre a temática... formação.

6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Eu vejo que isso está refletindo assim na escola, porque é o que está lançado na mídia... o que as crianças e os adolescentes também... alguns, eles, ficam até envergonhados, né. As pessoas não discutem o que é gênero e sexualidade... elas

ficam... parece que não está sendo discutido... e às vezes tu vê vários alunos que eles querem saber mais sobre isso, e não tem. Eu acho que tem que abrir... até eu também... eu me sinto assim, que eu não tenho muitos argumentos... e nem muito conhecimento... eu tenho conhecimento, assim... de vida, de estar na luta... eu acho que a luta é por todos, porque todos somos iguais, ninguém é diferente de ninguém... e a gente tem que levantar essa bandeira sempre, de que todos somos iguais e qualquer forma de amor vale a pena... e que as pessoas tem que ser felizes do jeito que elas entenderem... só que isso tem que ser mostrado... tem que ser trazido pra mídia, porque daqui a pouco a gente vai ter... até na escola a gente vai ter... colegas trans trabalhando... e a gente nem sabe lidar, né... como um aluno também, né... e a gente não vai saber lidar... eu acho isso hoje uma dificuldade... porque eu vejo assim... bastante gente que trabalha em educação com bastantes preconceitos... eu fiquei pensando o que esse professor vai ensinar para esse aluno... como ele vai passar se ele não entende. Eu vejo assim que é um tema que não tem muito... eu acho assim nós somos iguais né, não tem essa, só que assim ó... as pessoas criaram caixinhas né... um é isso, o outro é aquilo... a tu é hetero, tu é bi, tu é... entendeu... as pessoas tem que ser felizes... e tem que também ter respeito né... só que eu acho que falta muito material, nessa área... eu acho que não tem material quase nenhum... eu fiquei pensando aqui... eu não vi nenhum livro... que levante essa bandeira. Teve uma professora que eu trouxe umas revistas de moda... Claudia, Boa Forma, que tinha mulheres com biquíni e lingerie... e a professora disse que eu estava com revista de mulher pelada... e eu assim... “por favor tu vai na praia de que?”. Eu tinha vários alunos... hoje eles já se aceitaram... mas quando eles são adolescentes assim... eles não aceitam né... e tu vê que eles ficam falando... eu não quero ele porque ele é gay... dai tu diz... tá o que ele tem de diferente... só que aí ao mesmo tempo a criança não entende... ele está começando a pensar o que ele vai ser, ele não tem ainda certo.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 9 – 18/12/2017

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Ai meu deus que difícil... é... pra mim a pouco tempo... na verdade ainda está meio misturado né... uma coisa que é pouco falada, então tu não consegue entender... mas acho que gênero é questão assim... masculino e feminino né, e a sexualidade é a tua opção sexual, não sei acho que é mais ou menos isso... por exemplo, gênero masculino, sexualidade, tu se relaciona com uma pessoa do mesmo sexo, ou não, né. O gênero sempre vai ser o que tu é fisicamente talvez, né eu gênero feminino, mas a minha sexualidade independe disso, eu posso me relacionar com masculino ou feminino ou os dois, acho que é mais ou menos isso, mas eu acho difícil assim, de separar, de definir um conceito, eu acho mais fácil dar o exemplo... eu acho que é mais ou menos nesse sentido, eu acho bem difícil, até por conta... porque agora né, tipo masculino e feminino, o que é masculino e o que é feminino, porque tem os transgênero... isso aí eu acho muito difícil... eu acho que a parte da sexualidade é mais fácil de definir, tipo eu sou homo, eu sou hetero, eu sou bi. O gênero veio faz pouco tempo né, um assunto ainda meio proibido né... não se tem muita abertura pra falar, até mesmo nas escolas né... então é uma coisa ainda muito nova, não deveria mas é.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Em que sentido assim? Ai que difícil. Para isso ai, para eu pensar. Orientação sexual tu diz na questão de quem orienta? O que que é a minha orientação sexual é essa, nesse sentido? Eu acho que a orientação sexual está na parte ali da sexualidade... a minha orientação sexual é hetero, é isso? Eu me relaciono com pessoas do sexo oposto... quem se relaciona com o mesmo sexo é homo, a orientação sexual é homossexual, quem se relaciona com ambos os sexos, orientação é bissexual... acho que é mais ou menos isso... e a identidade de gênero... eu acho que ela é mais... nessa questão dos trans... a pessoa que nasce de um sexo... e sente tendo do outro... por exemplo eu nasci feminino, eu me vejo como feminino, tem gente que se vê como masculino... e ao contrário também, e aí tem as questões das pessoas que, são homem, se sentem homem, mas gostam de se vestir de mulher, isso pra mim é meio confuso... mas eu acho que é mais nesse sentido... de como que tu se sente, se tu é... nasceu num gênero, masculino ou feminino, mas tu sente que tu é de outro... ou tu é daquele... tu te sente naquele... mas tu sente vontade de te vestir de uma outra forma... eu acho que é mais nesse sentido. E não é uma regra, e não tem haver com tua sexualidade eu acho... porque tem homem que se veste de mulher, mas que se relaciona com mulher... eu acho que não tem haver com a sexualidade, tem haver com a parte psicológica assim... de como que a pessoa se sente, como que ela se enxerga... nesse ponto eu acho... mas eu acho muito confuso, acho bem confuso de definir isso assim... confesso que não entendo muito... tenho mais ou menos uma noção, porque me interessa assim... pelo assunto né, mais acho bem complicado.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Aqui na escola eu não sei se isso é... eu acredito que alguns professores trabalhem isso assim... mas... até amanhã a gente vai ter um seminário de discussões de gênero, mas dos 2 anos que eu estou aqui... eu não vi assim nenhum trabalho muito focado nisso... tem alguns assim que tratam, mas eu acho que é mais superficial... assim, a biblioteca nunca realizou nada nesse sentido, até porque eu acho que tem que ser uma coisa de escola né... a escola toda, não só um setor... eu vejo que tem a preocupação de se fazer, mas ainda não... até por conta do próprio currículo da prefeitura assim... que essa discussão está meio... assim, tem gente que concorda, tem gente que não concorda... eu acho que deveria... mas eu não vejo nada muito voltado especificamente para isso... eu vejo alguns profissionais tratando, mas nada muito... é meio restrito ainda.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Eu acho que sim... mas como eu te disse, não pode ser uma coisa só da biblioteca... eu acho que tem que ser uma postura da escola... eu vejo a escola preocupada com isso, mas ainda não tem diretamente um trabalho... relevante, digamos assim... mas eu acredito que como a gente vai ter esse seminário amanhã... acredito que a partir do ano que vem isso vai ser mais discutido na escola. Acho que a biblioteca tem que participar, mas não isolada, tem que ser uma postura da escola né... uma coisa em conjunto, como todas as atividades na verdade né... relacionadas a temas assim,

desse tipo né, coisas mais... é uma coisa mais séria, mais abrangente... tem que envolver toda a escola, todo mundo tem que falar a mesma linguagem... acho que é isso.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Acho que a falta de informação, a falta de falar no assunto... assim eu acho que pra biblioteca trabalhar isso... primeiro a escola tem que estar consciente disso, da importância disso... do que que vai ser falado para essas crianças, porque a gente estão formando pessoas né... então eu acho que tem que ser uma coisa muito bem amarrada assim... muito costurada, até por conta das famílias né, porque tem muito preconceito... e essa falta de informação gera mais preconceito ainda... a sexualidade já é difícil de trabalhar... imagina o gênero né... porque a sexualidade é mais a parte... nem a sexualidade que eu digo, assim orientação sexual... mais a parte sexualidade mesmo, de como que funciona, isso já é difícil, com algumas famílias... tu imagina trazer a questão do gênero, isso aí vai dar assim uma... eu acho que primeiro tem que trabalhar a família, depois vim trazendo aos poucos para os alunos, e aí né... porque é uma questão bem delicada, a própria prefeitura né. Os desafios eu acho que seria na parte de informação, a parte do material, que não vem... então por isso que teria que ser uma coisa que a prefeitura também trouxesse né... porque tem escolas que tu vai conseguir comprar material... tipo aqui se a gente for trabalhar alguma coisa desse tipo, eu tenho certeza que a escola apoiaria... mas em outras escolas eu sei que não... então eu acho que a parte da informação, da falta de material, e da formação também... porque a gente já não tem a parte pedagógica, então como que tu vai falar para uma criança sobre isso... como é que tu vai abordar esse tema... teria que ter uma formação específica nessa área pra gente né... pros professores também... mas também pra gente, se a gente quiser trabalhar com isso... porque eu não tenho noção nenhuma de como que eu explicaria para uma criança o que que é gênero... eu não sei te dizer como que eu apresentaria isso pra ela, já é difícil tu conversar com um adulto, imagina com uma criança né... eu acho que é a maior dificuldade assim... e tem a parte do preconceito, aí depende de cada bibliotecário né? porque tu tem a parte profissional e a parte pessoal... tem as coisas que tu acredita, que tu acha certo e errado né entre aspas... pra mim eu não teria problema nenhum em trabalhar isso, mas eu sei que algumas pessoas teriam... então também tem essa parte.

6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Como eu te disse... eu não tenho nenhuma experiência nessa área... eu acho bem confuso, bem difícil, e a falta de informação né... que gera isso assim. Eu leio às vezes sobre isso, pra tentar entender... mas eu gostaria que tivesse uma pessoa que me explicasse, porque eu acho uma questão bem relevante, mas muito complicada de introduzir assim na escola... talvez por isso tanta resistência né... eu acho uma questão muito difícil... mas é necessário que a gente comece a trabalhar isso, até por conta da mudança da formação de família né, que o conceito de família mudou... então a gente tem que acompanhar isso, tem que tentar explicar como é que as coisas funcionam mais ou menos né. Eu acho que é isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA Nº 10 – 18/12/2017

1) O que você entende por gênero e sexualidade?

Gênero é... digamos assim, gênero é... eu sei explicar mas está me faltando as palavras... Sexualidade é aquilo que te pertence, é a tua intimidade... pra mim passa por aí... a sexualidade é a minha intimidade, é a minha relação sexo... comigo mesma, entendesse? É uma metáfora que significa... o que eu sexualmente assumo pra mim... e o gênero é o que eu quero assumir pra mim... se eu sou bi, hetero, homo... é o meu gênero que eu tenho a seguir... e esse eu não vejo pra mim separado da sexualidade... os dois vem juntos... a minha sexualidade eu assumo, eu desenvolvo, eu pratico... mediante o gênero que eu pertença... pra mim tem que ser eu comigo né... simples assim.

2) Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Tá... identidade de gênero, seria o que eu te falei... seria o gênero que eu enquanto pessoa me reconheço, me enquadro comigo mesma... me reconheço homo, trans, bi, hetero é aquele gênero pra mim. E a minha orientação sexual é durante a vida inteira... é aquele padrão que apresentam... que eu não quero seguir, ou aquelas orientações que me passam sobre sexualidade... às vezes até dentro da sexualidade o próprio gênero né... é uma... são colocações na tua vida, e tu vai... na fase da tua vida, tu vai desenvolvendo tua sexualidade... uma hora tu está assim... tu é adolescente, tu é adulto, cada fase é uma orientação diferente, até tu ter todo aquele universo né... porque tu te inseres ali, perante essas orientações... que essas às vezes a gente nem pode chamar de orientação, porque já estão ultrapassadas para o tempo que a gente vive... ficou lá no século passado.

3) Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Olha a escola que eu trabalho hoje... o tema gerador é respeito a diversidade né.. então assim, todas as atividades que a gente realiza... a gente procura... é assim... suavemente, de uma maneira bem leve... respeitar as diferenças enquanto a... gênero, sexualidade... às vezes uma criança apresenta um trabalho, com uma visão... a outra com outra... a gente tenta quebrar esse tipo de preconceito, a aceitação do colega... que é muito adolescente, muita criança... já apresenta a sua definição de gênero... e já está desenvolvendo aquela sexualidade, está se descobrindo... já é aquele momento de... né... tu perceberes o outro... então todo o projeto que a gente pratica, a questão do respeito é trabalhada junto... independente de qualquer fator, o colega é igual... a aceitação é igual e o trabalho vai ser igual para todo mundo. Não existe o preconceito... bateu na porta o preconceito volta.

4) Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Muito, por que assim ó... a realidade do nosso mundo né... o ser humano ele é composto... eu não digo de partes, são... as partes que a gente fala do corpo, do gênero... são os “ques” especiais que todo mundo tem... ninguém precisa ser diferente... ninguém precisa se apresentar diferente, se é uma coisa que já está assim... bem evidente com os tempos modernos... eu acho ótimo, que está questão tenha surgido... porque é como eu te falei... a pessoa que apresenta, o gênero que é diferente do meu... que eu acho que meus valores são assim... quem aceita acaba também sendo excluído junto... com a pessoa que é olhada de forma diferente, que pra mim não deveria... pra mim o que importa é o caráter e atitude da pessoa sempre... e isso independe do teu gênero, sexualidade, da tua orientação sexual... a gente está na sociedade, para aprender com a convivência... e essa convivência não pode ser diferente... isso humaniza o ambiente, um grupo... a sociedade que precisa se humanizar, né... fico muito triste de saber dos casos de violência... contra trans, bi... contra tudo, né. Hoje em dia o preconceito está tão evidente, que se tu sai na rua com um filho, irmão, uma filha, que já está maior que tu... ali o pessoal já olha diferente... pra piadinhas, inconveniências... as pessoas já estão com receio de entrar em certos ambientes... eu acho isso péssimo... se eu tivesse um filho para orientar... as crianças quando vem aqui a gente procura orientar da forma pedagógica. Eu acho que as pessoas se vem da maneira errada... eu acho triste que as pessoas estejam com esse olhar, tão imaturo e tão cruel... quando a gente tem um mundo de coisas boas para viver... o ser humano é igual... e hoje em dia parece que a gente não está no processo de evolução... parece que estamos no processo do retrocesso... e infelizmente o gênero e a sexualidade entraram nesse processo de retrocesso. E acho cada vez mais importante... qualquer setor... qualquer lugar que eu for trabalhar, esse tema vai junto... até porque a gente desenvolveu aqui na escola... a gente viveu isso... algumas publicações de professores... de redações dos alunos, foram interpretadas de forma errônea... deu polêmica, ofensas... até que as pessoas... reflitam o que fizeram, o que escreveram... e aceitem isso... pra mim isso é uma coisa extremamente natural... bem normal... e aonde eu for esse tema será extremamente respeitado... delicadamente tratado e com muito respeito... é deve ser vivido.

5) Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Bibliotecário aqui como sou eu, não tem problema... a demanda está cada vez mais evidente, mais crescente... então é como eu te falei... cada usuário que chega... é uma criança única... um estudante único, nem podemos mais falar criança, porque hoje os adolescentes, estão mais adultos que a gente... e são tratados de forma natural... às vezes existe a questão... ah, o fulano de tal, o apelido, é o rótulo... na mesma hora a gente já trabalha... para não tornar-se um hábito... aquele estereótipo sabe... porque no ambiente escolar... se a gente logo já contorna... trabalha isso diferente com eles. Bibliotecário é bem tranquilo para mim está tudo 10... essas questões tem que ser ajudadas... incluindo nas nossas formação o assunto... e não só trazer pessoas... assim especializadas... é claro que alguém vai ter que dirigir a fala né... mas assim pegar o grupo e soltar a fala mesmo... porque assim... às vezes tu está do lado da pessoa... mas tu não sabe o quanto que aquela pessoa ainda tem de dificuldade... de tratar... de ver esse assunto. E ser tratado dentro das escolas... que as comunidades... muito tradicionais... às vezes vem evidente, a questão dos valores religiosos na frente... para esconder o preconceito... a gente tem liberdade

de religião, de expressão... igual em todos os segmentos da sociedade... em comunidade é muito difícil tratar isso, porque já vem aqueles grupos formados da infância... aí quando chega o elemento diferente... em um ambiente que não seja a biblioteca escolar... aí fica difícil, tu quebrar esse gelo... aí às vezes fica um grupo pra lá e um grupo pra cá... e não consegue se integrar, porque não conecta os pensamentos ali.

6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional.

Eu como pessoa não entendo a dificuldade que as pessoas têm... de conviver e aceitar o diferente... que está na convivência diária... o padrão na minha condição... não faz com que as pessoas evoluam... ficam só naquilo... tem que abrir os horizontes, tem que ver tudo, como um universo, varias direções... nos somos um grupo heterogêneo... sempre fomos. Aqui na escola sobre o projeto... o meu posicionamento foi embarcar junto... com o projeto sobre o respeito... nos tivemos a morte de uma pessoa na comunidade, que era trans... uma morte muito violenta, a comunidade se manifestou... a escola prestou solidariedade pra família... a escola levantou a bandeira... em respeito a diversidade... como eu te falei está cada vez mais evidente... em todos os grupos... então a gente tem que ter uma forma suave... da comunidade escolar tem o entendimento e a aceitação... para que a convivência diária seja a melhor possível... Esse projeto eu acho que vai persistir por um tempo... porque o assunto não acaba... ele só vai se modificando, trazendo mais temas e argumentos, para a gente tratar... conviver melhor... eu torço para que ele não acabe nunca.

APÊNCIDE E – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO - IAD 1

Questão 1: O que você entende por gênero e sexualidade?

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Eu vou te ser sincera que eu tenho muitas dúvidas, e se tu me pedir para explicar eu não sei se eu consigo. Pior que eu não sei te explicar... Eu sei pra mim, mas não sei explicar... Sexualidade, vai para parte do que a gente convive no diário, sou homem, sou mulher... isso? e gênero, seria o masculino e feminino? Menino e menina? Ou posso mudar depois, sou menina e posso virar menino? É isso? Isso é o que estou falando, eu tenho... eu sei pra mim, mas explicar... gênero que eu entendo é isso, eu nasci mulher, mas eu posso mudar no decorrer da minha vida e posso querer ser masculina. E sexualidade seria o que o nosso... o convívio com o corpo, o convívio casal, homem mulher, mulher com mulher, homem com homem... É isso que eu entendo. Questão de gênero que eu entendo é essa, e a sexualidade também.</i></p>	<p>Eu tenho muitas dúvidas / não consigo explicar.</p> <p>Sexualidade é o convívio com o corpo e o casal (homem/mulher, mulher/mulher, homem/homem) / é ser homem e ser mulher.</p> <p>Gênero é masculino e feminino.</p> <p>Gênero posso mudar no decorrer da vida.</p>
E2	<p><i>Gênero e sexualidade vamos lá. Na escola? Gênero eu posso ter a minha sexualidade, tipo sou menina né, e eu tenho a minha sexualidade tipo é... como que eu vou te falar pra ti... eu sou menina e eu namoro uma menina, a minha sexualidade eu namoro uma menina, mas eu gosto de me vestir como menino, eu entendo assim. Questão de gênero, tanto que no gênero feminino e masculino, já não se fala né? Eu tive uma formação com uma professora da UDESC, ano retrasado, foi a escola que solicitou, a escola pode solicitar e ela vem, foi muito bom. Tanto que foi ela quem abordou que não se trata mais tipo..., não se faz mais a pergunta gênero, masculino e feminino, não se pergunta. Sexualidade... sim, por que a sexualidade é o que eu... o que minha opção, se eu quero ser masculino feminino. Como é uma conversa formal talvez venha nas próximas perguntas.</i></p>	<p>Sexualidade é a minha opção, se eu quero ser masculino ou feminino.</p> <p>Gênero é masculino e feminino.</p>
E3	<p><i>É... eu acredito, que a questão de gênero, ela separa um pouco, né? Quem é assim, como é que funciona pessoa, como é que ela deve ser, como ela deve se comportar e tal, é uma forma de... definir né, eu penso assim, que gênero é uma forma de definir. E a questão da sexualidade, eu acho que a</i></p>	<p>Gênero é uma forma de definir.</p> <p>Sexualidade independe do gênero.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p>sexualidade ela tá em cada ser, independente do gênero, a sexualidade <i>independe do gênero, e assim o que eu penso... do meu trabalho, que eu acho que está dentro do trabalho biblioteca a entrevista... ela está relacionada, que assim ó, a sexualidade ela tem etapas, desde o bebê a nono ano, que a gente trabalha aqui, que eu trabalho né, de 1º a 9º ano, então isso é essa sexualidade, ela vem se desenvolvendo. Então o que eu entendo como pessoa, é isso... gênero define tal... e a sexualidade cada um tem a sua dentro do seu ser, do que ele acredita, do que a pessoa acredita que acha que é né... dentro do seus valores, princípios, suas ideias, dentro do contexto que vive, é isso que eu penso... que é uma coisa natural né, não é muito forçado, não tem muito influência de terceiros, eu acho que é mais natural mesmo... mas não sei.</i></p>	<p>Sexualidade tem etapas / cada um tem a sua dentro do contexto que vive, do que acredita, valores, princípios / é natural, sem influência.</p>
E4	<p><i>O... gênero, ó.. sexualidade, é como eu me identifico como homem/mulher, né, é como eu me relaciono como pessoa, é os meus pares, né... A sexualidade já é mais, algo social, mais afetivo né. Porque daí ele se relaciona, como a forma, como eu vejo o outro, e ali como eu vejo o outro, daí já entra questões políticas, éticas, sociais... A sexualidade é só mais o lado afetivo, não entra o social, político... Agora o gênero também é o afetivo, mas é mais amplo.</i></p>	<p>Sexualidade é como me relaciono com as pessoas.</p> <p>Gênero envolve questões políticas, éticas, sociais.</p> <p>Sexualidade é mais o lado afetivo.</p>
E5	<p><i>Então o gênero... eu vou falar enquanto escola, ele aparece muito nos temas transversais, muito trabalhando nesse sentido assim, mas não acho que ele é trabalhado especificamente, então, o que eu entendo por gênero, gênero e sexualidade, o masculino, feminino, o trans, é... eu acho que entra nessa questão de escolha sexual, bissexual, homossexual, penso que seja isso.</i></p>	<p>Gênero é masculino e feminino.</p> <p>Sexualidade é a tua opção sexual (Hetero, Homo, Bi).</p>
E6	<p><i>Acho que sexualidade é o que a gente vai tratar na escola, sobre o assunto é... tanto da questão biológica do ser humano, o feminino, masculino, o gênero é uma coisa uma pouco mais complexa... eu acho que vai tratar realmente do que a pessoa é, de como a pessoa se identifica. Acho que é isso.</i></p>	<p>Sexualidade vai tratar na escola;</p> <p>Gênero é como a pessoa se identifica.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E7	<p>Acho que gênero seria mais, é... tipo casal, é... os vários tipos de conceitos que existe... de homossexual, de casal hetero, de homossexuais, de homem com homem, mulher com mulher... ou o casal que é entendido como comum pela sociedade, acho que gênero seria isso... acho que sexualidade é o que cada um tem a respeito da outra pessoa né pra mim seria isso.</p>	<p>Gênero é tipo casal (Hetero, Homo).</p> <p>Sexualidade é como eu me relaciono com as pessoas.</p>
E8	<p>Olha... gênero eu acho que está bem... está questão está bem aflorada né... mas eu acho que gênero vem das questão masculino e feminino, e a sexualidade eu acho que vai além disso... o gênero abre outras possibilidades né... de pessoas que estão... da nossa nova sociedade, buscando seu espaço dentro da sociedade... e isso não está sendo muito discutido né, por isso que eu tenho essa... hoje me passa isso, não sei se está correto.</p>	<p>Gênero é masculino e feminino.</p> <p>Gênero envolve pessoas que estão buscando seu espaço na sociedade.</p>
E9	<p>Ai meu deus que difícil... é... pra mim a pouco tempo... na verdade ainda está meio misturado né... uma coisa que é pouco falada, então tu não consegue entender... mas acho que gênero é questão assim... masculino e feminino né, e a sexualidade é a tua opção sexual, não sei acho que é mais ou menos isso... por exemplo, gênero masculino, sexualidade, tu se relaciona com uma pessoa do mesmo sexo, ou não, né. O gênero sempre vai ser o que tu é fisicamente talvez, né eu gênero feminino, mas a minha sexualidade independe disso, eu posso me relacionar com masculino ou feminino ou os dois, acho que é mais ou menos isso, mas eu acho difícil assim, de separar, de definir um conceito, eu acho mais fácil dar o exemplo... eu acho que é mais ou menos nesse sentido, eu acho bem difícil, até por conta... porque agora né, tipo masculino e feminino, o que é masculino e o que é feminino, porque tem os transgênero... isso ai eu acho muito difícil... eu acho que a parte da sexualidade é mais fácil de definir, tipo eu sou homo, eu sou hetero, eu sou bi. O gênero veio faz pouco tempo né, um assunto ainda meio proibido né... não se tem muita abertura pra falar, até mesmo nas escolas né... então é uma coisa ainda muito nova, não deveria mais é.</p>	<p>Eu tenho muitas dúvidas / não consigo explicar.</p> <p>Gênero é masculino e feminino.</p> <p>Sexualidade é a tua opção sexual (Hetero, Homo, Bi).</p> <p>Sexualidade independe do gênero.</p> <p>Sexualidade é mais fácil de definir.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E10	<p>Gênero é... digamos assim, gênero é... eu sei explicar mas está me faltando as palavras... Sexualidade é aquilo que te pertence, é a tua intimidade... pra mim passa por aí... a sexualidade é a minha intimidade é a minha relação sexo... comigo mesma, entendesse? É uma metáfora que significa... o que eu sexualmente assumo pra mim... e o gênero é o que eu quero assumir pra mim... se eu sou bi, hetero, homo... é o meu gênero que eu tenho a seguir... e esse eu não vejo pra mim separado da sexualidade... os dois vem juntos... a minha sexualidade eu assumo, eu desenvolvo, eu pratico... mediante o gênero que eu pertença... pra mim tem que ser eu comigo né... simples assim.</p>	<p>Sexualidade é aquilo que te pertence, a tua intimidade.</p> <p>Gênero é uma forma de definir.</p>

Questão 2: Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p>Orientação sexual é o que nós recebemos na escola, da família... a nossa orientação quando a gente nasce...que nasce mulher ou nasce homem, e o que nos é orientado, eu sou mulher, a minha orientação como mulher, tu é homem tu recebeu uma orientação pra ser homem, isso é o que eu entendo de orientação sexual. E qual é a outra? A identidade de gênero, a minha identidade é feminina, mas posso trocar, se eu quiser virar masculina, posso virar masculina, Isso? É o jeito que eu me identifico. Posso pesquisar na internet?</p>	<p>Orientação sexual é o que recebemos na escola, na família, quando a gente nasce.</p> <p>Identidade de gênero eu tenho a minha, mas posso trocar.</p>
E2	<p>Tipo minha identidade de gênero eu.. é o que eu é... minha orientação sexual, depende de que lado você queira ver. A minha orientação sexual, depende muito da minha identidade de gênero... bom a minha identidade de gênero bom se eu... se eu sou a Maria e eu quero ser considerada como João, eu sou meu gênero... eu sou Maria, mas meu gênero, quero ser considerada como João, meu gênero masculino. Eu sou Maria e a minha identidade de gênero é João. E a minha orientação sexual eu mesmo sendo Maria, minha identidade de gênero é João, e minha orientação sexual é Maria..., é feminina é Maria. Tipo eu sou um transgênero, tipo eu sou Maria, minha identidade de gênero é o João, mas a minha orientação sexual é Maria. Tu não pode</p>	<p>A minha orientação sexual depende da minha identidade de gênero.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>concordar né? Posso estar totalmente errada. Que eu acho... um exemplo, eu sou a Maria, eu tenho a minha carteirinha do meu clube como João, minha identidade de gênero é o João, mas minha orientação sexual continua sendo da Maria, feminina. Posso estar totalmente errada. Mas é o que eu acho.</i></p>	
E3	<p><i>Então assim... questão assim orientação sexual, acho que ela super importante ela tem que acontecer tanto âmbito familiar, ou sociedade ou de escola, pra poder é... ter um entendimento, porque assim ó... quando a gente cresce a gente entende as coisas de uma forma... quando a gente é criança, pré-adolescente, entende de outra forma, então vão surgindo questionamentos né... então precisa de uma orientação pra que a gente possa entender né... que é a questão do mediador, não precisa ser só o professor tal... o bibliotecário, pode ser também a família, ou até um amigo tal... só que a questão do amigo, da conversa da rede social a gente tem que ver a referência né... da onde que está vindo a orientação... pra entender se ela é pejorativa ou se ela vai contribuir positivamente, então é isso que eu penso né, da orientação sexual, então ela é importante em todos os âmbitos assim social, educacional, escolar ou familiar. E agora a outra era... identidade de gênero, aí é aquela coisa de definir, as vezes eu vejo a identidade de gênero assim o “a o gênero” como uma coisa até meio preconceituosa... que é um pré-conceito, um conceito antecipado ou as vezes quando alguém já tem um conceito é discriminatória, né... ela discrimina, a fulano é assim, que tem que ser assim, a mulher tem que ser assim porque é mulher, o homem tem que ser assim porque é homem... então eu acho que as vezes ela é preconceituosa e as vezes ela é discriminadora. Tem gente que acha que preconceito e discriminação é a mesma coisa ,mas é bem diferente, porque o preconceito é um conceito antecipado e a discriminação é quando tu já sabe o que é aquela ou algo ou a pessoa e discrimina, então eu acho que a identidade é uma coisa assim muito é... como é que eu posso dizer, não sei se taxar... taxa fulano tem que ser assim, beltrano tem que ser assim, se não for está errado, eu acho errado... enfim é o que</i></p>	<p>Orientação sexual é o que recebemos na escola, na família, quando a gente nasce.</p> <p>Identidade de gênero define.</p> <p>Identidade de gênero é vista com preconceito e discriminação.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>penso né, eu não estudei sobre o assunto pra poder falar. Por isso tu não mandou o questionário antes, se não eu ia ler e como um bom bibliotecário pesquisar.</i></p>	
E4	<p>A identidade de gênero na minha opinião é como o ser humano ele se constitui como pessoa, como ele... as opções sociais e sexuais que ele... tem na sociedade. A orientação já é... são aquelas coisas pré-estabelecidas e geralmente ela tem um... paradigma, ela está mais relacionada a parte teórica né, aquela coisa propriamente dita... o gênero ali já está mais politizada, ela está mais... como é que se diz, elaborada, pessoa tem mais condições é... teóricos, agora orientação é aquilo propriamente dito, quando tu... a questão o gênero que dá a possibilidade de tu pensar, raciocinar.</p>	<p>Identidade de gênero é como o ser humano se constitui.</p> <p>Orientação sexual é pré-estabelecida.</p>
E5	<p>Tentar falar do que eu já ouvi... orientação sexual é o que a pessoa se vê, não com o corpo que ela tem, mas como ela pensa, o que que ela... a atração física que ela tem, se ela se sente atraída pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo, que o corpo dela é... essa seria a orientação, e a outra pergunta é... identidade de gênero, essa está mais difícil, deixa eu me lembrar... eu costumo, ler, ouvir muito sobre isso, me interessa, mas ao mesmo tempo que o leque vai ampliando, ele vai confundindo também... mas enfim, o que eu sei é até ai mesmo... essa outra ai não sei, no momento o que me ocorreu é isso, deve mesmo ter informações novas, é... por que sempre... é muito questionado se é uma escolha se não é, hoje em dia a gente sabe que não é uma escolha, a pessoa nasce com isso, ela não escolhe vou ser... eu não escolhi ser mulher, eu nasci mulher e pronto, e eu não poderia escolher agora, não quero mais, agora quero ter uma outra orientação sexual, então não é uma escolha, é uma coisa que já nasce com a pessoa até onde eu entendi é isso, e ai esse gosto pode variar tanto para homem quanto para mulher, pros dois, é... não sei como dizer. Eu penso que se resume quase tudo a uma atração física, aquilo que faz com que um seja atraído pelo sexo oposto, alguns são atraídos pelo mesmo sexo, enfim... eu acabo chegando no final de que o que vale mesmo é aquela coisa apaixonar, gostar, por que mesmo eu</p>	<p>Orientação sexual é como a pessoa se vê / se identifica.</p> <p>Orientação sexual é por quem a pessoa se sente atraída.</p> <p>Identidade de gênero é mais difícil.</p> <p>Identidade de gênero eu costumo ler/ouvir muito sobre.</p> <p>Orientação sexual a pessoa não escolhe, ela nasce.</p> <p>Tudo se resume a atração física.</p> <p>Eu acho confuso / eu não entendo muito.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>sendo mulher eu não gosto de todos os homens que estão na minha frente, eu me apaixono por um ou por dois, então eu penso que mulher que gosta de mulher, não se apaixona por todas as mulheres, ela gosta de uma mulher, daí vem essa coisa da identidade. É isso.</i></p>	
E6	<p><i>É... eu tenho escutado várias coisas né... hoje em dia na mídia está bastante divulgado, então é... identidade de gênero, eu acho que é como a pessoa se vê, como a pessoa se identifica, e orientação sexual seria... eu não sei se hoje em dia é assim, mas seria por quem a pessoa se atrai... se sente atraída, eu acho que essa é a diferença, uma é por quem tu se sente atraído e outra é como tu te identifica pelo mundo, se tu te identifica mais pelo lado feminino, mais pelo lado masculino e a outra é por quem tu tem atração, vamos dizer assim mais ou menos.</i></p>	<p>Identidade de Gênero é como a pessoa se vê/ se identifica.</p> <p>Orientação sexual é por quem a pessoa se sente atraída.</p>
E7	<p><i>Eu acho que seria, é... tudo, todos os conceitos que tu tem a respeito de sexo, de que seria aquilo assim... que a gente vai aprender em casa né... com os pais com a família e também na escola, aquela parte que a gente aprende sobre os órgãos, aquela parte ali de ciências mesmo, acho que seria ali, a orientação sexual né... e identidade de gênero, eu acho que é o que cada um se identifica a respeito disso, parte do conceito que tu tens, o que tu vai te identificar, né e ai vai de cada um identificar com o que entre aspas vai gostar né, pra mim é isso.</i></p>	<p>Orientação sexual é o que recebemos na escola, da família, quando nasce.</p> <p>Identidade de gênero é como a pessoa se vê / se identifica.</p>
E8	<p><i>Orientação sexual me remete aquele bem antigo... das pessoas falavam bem a questão da sexualidade, questão da gravidez na adolescência... isso que me remete, e hoje discutir gênero, acho que já remete a discutir a sociedade... outras pessoas que estão se descobrindo né... tanto os transgêneros, os homossexuais, os heteros... acho que todo mundo está envolvido nisso.</i></p>	<p>Orientação sexual é o que recebemos na escola, da família, quando nasce.</p> <p>Identidade de gênero envolve discutir a sociedade.</p>
E9	<p><i>Em que sentido assim? Ai que difícil. Para isso ai, para eu pensar. Orientação sexual tu diz na questão de quem orienta? O que que é a minha orientação sexual é essa, nesse sentido? Eu acho que a orientação sexual está na parte ali da sexualidade... a minha orientação sexual é hetero, é isso? Eu me relaciono com pessoas do sexo oposto...</i></p>	<p>Identidade de gênero é mais difícil.</p> <p>Orientação sexual é por quem a pessoa se sente atraída.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>quem se relaciona com o mesmo sexo é homo, a orientação sexual é homossexual, quem se relaciona com ambos os sexos, orientação é bissexual... acho que é mais ou menos isso... e a identidade de gênero... eu acho que ela é mais... nessa questão dos trans... a pessoa que nasce de um sexo... e sente tendo do outro... por exemplo eu nasci feminino, eu me vejo como feminino, tem gente que se vê como masculino... e ao contrário também, e aí tem as questões, das pessoas que, são homem, se sentem homem, mas gostam de se vestir de mulher, isso pra mim é meio confuso... mas eu acho que é mais nesse sentido... de como que tu se sente, se tu é... nasceu num gênero, masculino ou feminino, mas tu sente que tu é de outro... ou tu é daquele... tu te sente naquele... mas tu sente vontade de te vestir de uma outra forma... eu acho que é mais nesse sentido. E não é uma regra, e não tem haver com tua sexualidade eu acho... porque tem homem que se veste de mulher, mas que se relaciona com mulher... eu acho que não tem haver com a sexualidade, tem haver com a parte psicológica assim... de como que a pessoa se sente, como que ela se enxerga... nesse ponto eu acho... mas eu acho muito confuso, acho bem confuso de definir isso assim... confesso que não entendo muito... tenho mais ou menos uma noção, porque me interessa assim... pelo assunto né, mais acho bem complicado.</i></p>	<p>Orientação sexual (Hetero, Homo, Bi).</p> <p>Identidade de gênero a pessoa nasce de um sexo e sente tendo outro.</p> <p>Identidade de gênero não tem haver com sexualidade.</p> <p>Identidade de gênero eu costumo ler/ouvir muito sobre.</p> <p>Eu acho confuso / não entendo muito.</p>
E10	<p><i>Tá... identidade de gênero, seria o que eu te falei... seria o gênero que eu enquanto pessoa me reconheço, me enquadro comigo mesma... me reconheço homo, trans, bi, hetero é aquele gênero pra mim. E a minha orientação sexual é durante a vida inteira... é aquele padrão que apresentam... que eu não quero seguir, ou aquelas orientações que me passam sobre sexualidade... as vezes até dentro da sexualidade o próprio gênero né... é uma... são colocações na tua vida, e tu vai... na fase da tua vida, tu vai desenvolvendo tua sexualidade... uma hora tu está assim... tu é adolescente, tu é adulto, cada fase é uma orientação diferente, até tu ter todo aquele universo né... porque tu te inseres ali, perante essas orientações... que essas as vezes a gente nem pode</i></p>	<p>Identidade de gênero seria o gênero que eu me reconheço.</p> <p>Orientação sexual é o que recebemos em casa, da família, quando nasce.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<i>chamar de orientação, porque já estão ultrapassadas para o tempo que a gente vive... ficou lá no século passado.</i>	

Questão 3: Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) dela(s) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<i>Ai eu não sei se identifico assim... a gente tenta tratar tudo com naturalidade, isso eu tento... que a gente vê varias... vários comportamentos né, de meninos que já tem um comportamento diferente... que tem uma orientação feminina, mas tem uma característica masculina, se comportam de uma maneira, mais voltada pro masculino... mas a gente também... eu pelo menos, tento tratar isso como natural, normal... a gente não tem o foco para isso. A gente não trabalha isso... a escola não trabalha, e nem a biblioteca. Orientação sexual só quando as vezes eles perguntam alguma coisa, quando fazem uma brincadeira que é... mais agressiva, ou quando pegam algum livro que já levam para a erotização, que a gente tem um aluno no segundo ano que ele é bem... bem erotizado, que ele vê algumas coisas em casa, a gente chamou o pai conversou... ele fica vendo filme pornô com o irmão, então ele tem uma sexualidade bem aflorada, mas a gente tenta tratar com naturalidade, até a professora trouxe ele para conversar comigo que ele pegou um livro bem simplesinho, aquele do da higiene “não sei porque me lavar” e tinha um menininho tomando banho e ele começou a fazer um “escarcel” mostrar pra todo mundo, que o menino estava pelado... que o menino isso, que o menino aquilo... ai a professora trouxe ele para conversar comigo. Dai eu conversei, perguntei se ele não tomava banho, se ele tomava banho de roupa, tentei levar para uma coisa bem natural né. Que é né! Só que como ele já tem esse comportamento a gente já tenta cortar né... pra não deixar ele tão... Respondi? Que as vezes a gente começa falar e...</i>	<p>Eu tento tratar com naturalidade.</p> <p>A escola não trabalha / a temática não é contemplada.</p> <p>Eu tive uma conversa de orientação sexual.</p>
E2	<i>Nossas práticas na escola? Eu posso realizar, eu vejo assim. Porque eu não tenho... eu não me acho, apta a fazer, realizar uma prática nesse... tema sozinha. Tanto que nós precisamos ter formação...</i>	<p>Eu não me acho apta a realizar.</p> <p>Precisamos ter formação.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p>e acho que sempre, porque os tempos mudam né, muita coisa muda, eu posso realizar em parceria com outros profissionais da escola, isso eu vejo, homossexualidade, eu já realizei com a professora de ciências faz um tempo, eu vejo bastante importante trabalhar isso na educação infantil, então até os 5/6 anos, vejo aqui que eles tem muita necessidade. Mas eu vejo realizar em parceria com as profissionais da escola ou educação infantil, é... história também, é muito importante trabalhar a identidade, gênero. Mas sozinha eu não tenho segurança de fazer. Eu me vejo assim muito na literatura, eles perguntam muito, eles perguntam e você precisa... ter alguma noção e orientando, e as vezes... você orienta aqui, ai percebe já que não é isso que ele quer, que é outra coisa na literatura é muito importante. Aqui no dia a dia, na pratica, eles procuram muito, enquanto sujeito eles procuram muito, muito, muito... e os pequenininho procuram também... eles ainda estão assim... se descobrindo os pequenos, mais que os adolescentes. Eles precisam muito, de muita orientação, vejo porque, daqui a pouco vem uma turma de pequeno aqui, e as professoras se sentem bem perdidas para trabalhar a sexualidade, identidade de gênero com eles. E elas usam mais a literatura com eles, elas usam mais que os anos finais, do ensino fundamental né inicial e final, bem mais. Elas trabalham com projetos e sempre o começo é a literatura, e ai o bibliotecário entra para orientar. Acho que era isso... literatura... é que tem tanta coisa e depois eu vou lembrar de não ter falado. Porque tem muita coisa, até na própria conversa do dia a dia, porque eles te procuram pra conversar, pra pedir orientação, eles querem perguntar eles tem dúvida, e eles precisam falar com alguém, eles tem muita dúvida, e eles vem te procurar, não sei lá na tua escola, mas eles vem aqui, e fica com a dúvida, e agora será que eu respondo, não respondo... eu falo, e ai as vezes se eu falo um pouco, ai pega informação sobre o aluno na orientação e depois eu volto a conversar com ele, mas aqui é bom porque o bibliotecário participa dos colegiados de classe, ai no colegiado de classe, é que acontece, fala individual de</p>	<p>Parceria com outros profissionais.</p> <p>Os alunos procuram muito no dia a dia para conversar.</p> <p>Eu tive uma conversa de orientação sexual.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>cada aluno, ai você já sabe da história. Aqui já é padrão, quando eu tinha auxiliar nos duas íamos... então foi muito importante. Eu cuidei do parque ontem aconteceu um fato de um menino que foi... que já foi abusado, então aconteceu um fato na hora do recreio, se eu não soubesse o que já tinha acontecido com ele, eu então já tive um conversa de orientação sexual com ele, na hora do recreio, então é importante. Esse menino também tem identificação com o gênero feminino só que ele não aceita que ele é criança, ele não entende, ele se comporta como menina, e até conversar com ele ontem de tudo que aconteceu, é no dia a dia, não posso fingir que não está acontecendo, fico na biblioteca ali entre as quatro paredes e não participa da vida da escola.</i></p>	
E3	<p><i>Bom eu acho que se for contemplada é superficialmente, é momento, quando à necessidade... mas não é pensado... eu acho essa tua pesquisa muito bacana porque é uma coisa que faz a gente refletir, que as vezes alguém tem que pensar no tema, no assunto. Porque a gente trata o assunto mas sutilmente no momento que ele aparece para a gente, no caso eu [...] tenho uma postura reativa, não é pre-ativa, eu não tenho nenhum planejamento pra que essa coisa aconteça ou desenvolvo alguma coisa, eu não tenho nada pronto eu vou reagir conforme ela me aparece.</i></p>	<p>É contemplada superficialmente / quando à necessidade.</p> <p>Eu não tenho nenhum planejamento.</p> <p>Faz a gente pensar.</p>
E4	<p><i>Olha eu acho que em todas, porque tu é um ser... né o ser ele é... constituído de todas as partes, então assim, quando isso... vai trabalhar o gênero, sempre. Quando o aluno entra na biblioteca, estou trabalhando... quando eu disponho o acervo, eu já estou trabalhando, então sempre quando o aluno chega aqui e já é uma pratica, quando ele tá com 12 anos, [...] eu li um livro assim, vai lá pega... é quando eu desmistifico essa... hipocrisia da sociedade, eu estou trabalhando, quando vem um aluno. Esses tempo, eu até questionei, não sei se eu posso falar aqui... eu disse até a CDD e a CDU não trabalharam gênero, porque eu peguei os livros de carrinho, eu separei tudo, dinossauros, jamais pensei que isso... se a gente não perceber, a gente não está trabalhando gênero ali, a gente está dizendo que só... a gente está direcionando, se tu ver</i></p>	<p>Quando o aluno entra na biblioteca estou trabalhando gênero / a forma como disponho o acervo.</p> <p>Eu questiono algumas práticas da nossa área.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>está lá no código né. Dai eu separei, dai veio uma criança do 1º ano, o pai dele já estudou aqui a gente já sabe né, o [...] eu queria livro de macho... mas eu não tenho esse título, nem esse assunto, eu tenho livros assim a... de animais... né. Não [...] assim macho... aqui eu não tenho... dai ele o [...] assim de menino, carrinho, dinossauro. Dai eu pensei... eu fiz, né e até hoje eu estou me questionando... eu quero refletir, como é que eu vou mudar isso. Nós bibliotecários, dai eu peguei, o código, e eu me questionei, e agora eu sou contra porque essa criança percebeu, ela externou, se não eu nunca tinha... e dai agora, aqui eu estou naquela, só que a gente está fazendo isso, uma coisa muito errada, só que né, eu me questionei... toda vez que eu entro aqui, eu penso vou tirar isso, por que eu só separei por assunto. E dai como a nossa sociedade, né e a gente... o pior de tudo é que está implícito né, ela não tá colocado, o problema é aquela pseudo construção né.</i></p>	
E5	<p><i>Olha quando esse assunto chega aqui na biblioteca... e até hoje ele nunca veio como tema de pesquisa, então não posso dizer que pesquisa, nem levantamento bibliográfico... ele acontece individualmente, como escape, aquele aluninho que vem conversar com a gente, porque ele encontra talvez segurança, encontra privacidade, pra conversar sobre o assunto, aquela aluna que vem falar, a eu vi a fulana estava tão linda, porque se sente a vontade para conversar comigo, um assunto que talvez não conversa-se em sala com o grande grupo... mas como atividade, não sei, não chega a ser uma prestação de serviço, não chega a ser sequer um... direcionamento, é só uma acolhida, eu não sei se isso caberia agora. O que eu posso dizer é que eles encontram acolhida, na pessoa [...] não sei nem se no profissional bibliotecário, fora isso eu não sigo nenhuma orientação, não dou nenhuma orientação, não esclareço, é mais nesse sentido que esse assunto chega aqui.</i></p>	<p>A temática nunca veio como tema de pesquisa ou levantamento bibliográfico.</p> <p>Os alunos procuram muito no dia a dia para conversar.</p> <p>Eles encontram acolhida na pessoa bibliotecária.</p> <p>Eu não sigo, nem dou orientação.</p>
E6	<p><i>Nesse momento aqui na nossa escola em nenhum momento a gente está contemplando esta temática... assim, inclusive eu já tive épocas de se trabalhar bastante esse assunto... hoje ninguém está trabalhando especificamente. Embora a</i></p>	<p>A escola não trabalha / a temática não é contemplada.</p> <p>Já teve épocas de</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>gente encontre hoje casos de crianças que se identificam diferente do seu gênero biológico, hoje a gente tem casos assim na escola, mas não é tratado abertamente isso é mais uma conversa informal com um ou outro que você percebe isso.</i></p>	<p>se trabalhar bastante o assunto.</p> <p>É contemplada superficialmente, quando à necessidade.</p>
E7	<p><i>Olha até uma vez que tu tivesse lá... a gente teve uma reunião e tu fizesse uma apresentação, eu fiquei pensando nisso... sabe aquí na escola, isso não é uma prática comum sabe... e eu acho que deveria ser, principalmente nos dias de hoje. Eu fiquei pensando que engraçado porque lá na escola ninguém, eu não vi ninguém, falando sobre... nenhuma reunião pedagógica, ninguém comentando, nenhum professor pedindo nada a respeito... o que eu vejo são os alunos que tem interesse em vir na biblioteca procurar livros que falem sobre sexualidade, assim é engraçado porque eu organizei as estantes, eu fiz a mudança de layout, e a parte ali de educação sexual estava bem aqui na ponta então... assim meu deus, eles ficavam o tempo todo querendo mexer, ai quando eu mudei, essa parte ficou lá num canto, ai agora está mais sossegado, que ai sumiu aos olhos deles, mas era uma coisa que era extremamente visível... assim gritante até... sabe o quanto eles queriam estar indo ali, pegar aqueles livros, e é uma coisa bem assim velada, porque eles vão ali... e eles ficam e olham assim pra mim tipo... eles mesmo se condenam... ai alguns pegavam e sentavam, ai eu vi que ficava uma mesa cheia assim... e todo mundo ali olhando aquele livro, rindo, fazendo piadinha... ou alguns realmente lendo para ter conhecimento... mas assim pratica mesmo de um professor vir... de estar conduzindo... de estar fazendo projeto... de estar fazendo alguma coisa nada... aqui na escola, que eu tenha assim presenciado, que eu tenha visto.</i></p>	<p>A escola não trabalha / a temática não é contemplada.</p> <p>Nenhum professor pede material.</p> <p>Os alunos têm interesse em livros sobre sexualidade.</p>
E8	<p><i>Olha na verdade assim ó... claro a gente sempre está de acordo com a escola que a gente está trabalho, eu não vejo isso na escola... eu não vejo ainda, eu vejo só orientação sexual... nas aulas de ciências, ou com os professores assim... eles pedem mais material... mas na questão da</i></p>	<p>A escola não trabalha / a temática não é contemplada.</p> <p>Eu vejo Orientação Sexual</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<i>sexualidade... de cuidados com os órgãos sexuais, cuidados com gravidez na adolescência... mas eu não vejo discussão de gênero hoje... nem eu pegando material.</i>	na aula de ciências. Material de prevenção.
E9	<i>Aqui na escola... eu não sei se isso é... eu acredito que alguns professores trabalhem isso assim... mas... até amanhã a gente vai ter um seminário de discussões de gênero, mas dos 2 anos que eu estou aqui... eu não vi assim nenhum trabalho muito focado nisso... tem alguns assim que tratam, mas eu acho que é mais superficial... assim, a biblioteca nunca realizou nada nesse sentido, até porque eu acho que tem que ser uma coisa de escola né... a escola toda, não só um setor... eu vejo que tem a preocupação de se fazer, mas ainda não... até por conta do próprio currículo da prefeitura assim... que essa discussão está meio... assim, tem gente que concorda, tem gente que não concorda... eu acho que deveria... mas eu não vejo nada muito voltado especificamente para isso... eu vejo alguns profissionais tratando, mas nada muito... é meio restrito ainda.</i>	A escola não trabalha / a temática não é contemplada. É contemplada superficialmente / quando à necessidade. A biblioteca nunca realizou projetos / atividades. Tem que ser uma coisa da escola toda.
E10	<i>Olha a escola que eu trabalho hoje... o tema gerador é respeito a diversidade né.. então assim, todas as atividades que a gente realiza... a gente procura... é assim... suavemente, de uma maneira bem leve... respeitar as diferenças enquanto a... gênero, sexualidade... as vezes uma criança apresenta um trabalho, com uma visão... a outra com outra... a gente tenta quebrar esse tipo de preconceito, a aceitação do colega... que é muito adolescente, muita criança... já apresenta a sua definição de gênero... e já está desenvolvendo aquela sexualidade, está se descobrindo... já é aquele momento de... né... tu perceberes o outro... então todo o projeto que a gente pratica, a questão do respeito é trabalhada junto... independente de qualquer fator, o colega é igual... a aceitação é igual e o trabalho vai ser igual para todo mundo. Não existe o preconceito... bateu na porta o preconceito volta.</i>	Tema gerador respeito a diversidade. As atividades voltadas ao respeito as diferenças.

Questão 4: Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Eu acho que não, pelo que eu percebo aqui, não seria tão importante, porque eles são muito infantis... então é um caso que se destaca na escola toda, um dois casos, de crianças que já tem essa sexualidade aflorada, mas a maioria não, eu acredito não ser necessário, pelo que eu vejo, nas minhas práticas não. Talvez os professores em sala de aula, convivendo diariamente, tenham essa percepção, mas eu não tenho.</i></p>	<p>Acho que não, porque eles são muito infantis.</p> <p>Talvez os professores em sala de aula.</p> <p>Acredito não ser necessário.</p>
E2	<p><i>Muito importante, porque ela está inserida nas nossas práticas do dia a dia. No contato com o nosso, usuário diariamente, tanto formal ou informal, e pra ontem, porque nós somos bibliotecários, eu me vejo como um bibliotecário social, eu acho que as nossas bibliotecas escolares, nós atuamos com cunho social, muito, por isso que é importante, é relevante demais.</i></p>	<p>Muito importante.</p> <p>Está inserida na prática do dia a dia.</p> <p>Me vejo como bibliotecário social.</p>
E3	<p><i>Eu acho importante pelo que eu já falei, porque teria que alguém falar sobre o assunto... por exemplo, planejou... biblioteca um tópico lá do plano, um plano de ação tem que estar dentro, a.. porque é uma coisa que desperta muito... a nossa realidade aqui é uma, nossa realidade é da totalidade mas o aluno, ele trás uma coisa particular dele né, a gente sempre trabalha com a totalidade, mas ele trás uma coisa particular... e a gente não está preparado, talvez a gente não tenha resposta correta para estar informando o aluno sobre essa questão, sobre esse tema.</i></p>	<p>Muito importante.</p> <p>Talvez a gente não tenha a resposta correta.</p> <p>Não estamos preparados.</p>
E4	<p><i>Porque nos constitui como ser humano, como é que nós, enquanto profissionais, né... na sociedade essa mudança, que graças a Deus aconteceu, mas está por cair né... a qualquer momento a gente vai ter um retrocesso né... esse que é o problema, as escolas sem partido vindo aí, para acabar com isso. Pra gente... é muito preocupante né, vocês já... no teu estudo, por que o gênero é estudo e a escola sem partido, está indo nas berradinhas, que retrocesso... eu até achei um livro do MEC, que eu questionei aquilo... gente isso aí era uma construção da Grécia, tinha que pegar aquele livro e questionar, a Grécia e o mundo de hoje, não tirar, é mais fácil né, que daí não se trabalha o tema né... daí tem que tirar? não, tem que colocar e saber trabalhar, o que que eles fizeram... tiraram né. Eu pensei aí aí aí... isso aí podia ser trabalhado, mas é</i></p>	<p>Porque nos constitui como ser humano.</p> <p>Gênero é estudo.</p> <p>Tem que saber trabalhar / conhecer a temática.</p>

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<i>mais fácil tirar... está dando problema vai lá e tira. Eu achei assim, quando eu vi aquilo... é uma literatura da grécia que deveria né... da onde que veio a sexualidade, não devia ser retirado.</i>	
E5	Eu acho relevante , porque não está só aqui, está em todo lugar, está na televisão, está em casa, na família, na rua , é... no trabalho também, então é relevante, só que ainda é meio tabu, é como eu estava falando na questão anterior, eu não consigo ver isso de forma trabalhada, é... direcionada, é meio que um escape, um por acaso, é um... como se ainda precisasse, conquistar esse espaço , abrir esse espaço, conquistar um lugar, não existe ainda um lugar, parece que tem que fugir na biblioteca, parece que tem que falar só com amigo, só com a amiga... a família também ainda não é um lugar... muito acolhedor pra esses alunos. Eu to pensando agora em alunos tá... não sei se eu estou fugindo da pergunta, a gente já pensa que os profissionais, os colegas, já tem isso como outro patamar, daí quando eu me vejo respondendo essa pergunta... na escola eu só consigo pensar nisso, nos alunos.	Está em todo lugar, na casa, família, rua, TV. Eu acho relevante. Precisa conquistar o espaço a temática.
E6	Eu acho relevante... eu acho que a gente precisa conhecer bem o assunto primeiro , até pra poder compreender melhor o nosso público, quem vai estar a nossa volta... as crianças que a gente vai encontrar, eu acho importante a gente entender bem o assunto que é novo... não que é novo, mas a discussão que tá vindo à tona agora... e que confunde bastante a gente.	Eu acho relevante. Tem que saber trabalhar / conhecer a temática. A discussão é recente.
E7	Eu acho bastante importante , primeiro porque é... pra não se criar ou se formar conceitos antes... errados né, porque eu acho que é uma coisa assim... muito levada na brincadeira, ou até na vulgaridade, talvez que não é, eu não acho que não seria esse o sentido... deveria de ser levado né, as vezes em casa não tem ninguém que possa estar orientando... eu vejo que a comunidade escolar aqui da escola, são de famílias muito desestruturadas, assim... de as crianças estarem muito soltas, jogadas, então, acho que falta uma base, essa também seria uma base que faltaria pra eles... e ai ter uma orientação, eu acho que seria bem importante como a escola está atuando nisso... para que eles não achem	Muito importante. Falta orientação das famílias / se tivessem conhecimento da temática. Tem que ser uma postura da escola.

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>que é de qualquer jeito, que é uma coisa boba, é até também para estar aprendendo a respeitar né... as várias formas de orientação que existe, porque sempre que tem alguém que é diferente... e acaba sendo piada né, servindo de “chacota” pra todo resto... e a gente já vê que isso começa bem cedo, então se tivesse uma orientação... se tivesse um conhecimento a respeito, eu acho que isso não aconteceria.</i></p>	
E8	<p>Eu acho que sim, porque hoje a gente está com isso na atualidade, e a gente não pode fechar os olhos... tem que aprender e saber mais... tem que estar disponível, a escola tem que estar mais aberta a isso... e nós também em quanto profissionais, temos que estar mais envolvidos, e com materiais para saber... para entender também, porque eu acho também que está faltando isso.</p>	<p>Eu acho relevante.</p> <p>Tem que ser uma postura da escola.</p> <p>Tem que saber trabalhar / conhecer a temática.</p>
E9	<p>Eu acho que sim... mas como eu te disse, não pode ser uma coisa só da biblioteca... eu acho que tem que ser uma postura da escola... eu vejo a escola preocupada com isso, mas ainda não tem diretamente um trabalho... relevante digamos assim... mas eu acredito que como a gente vai ter esse seminário amanhã... acredito que a partir do ano que vem isso vai ser mais discutido na escola. Acho que a biblioteca tem que participar, mas não isolada, tem que ser uma postura da escola né... uma coisa em conjunto, como todas as atividades na verdade né... relacionadas a temas assim, desse tipo né, coisas mais... é uma coisa mais séria, mais abrangente... tem que envolver toda a escola, todo mundo tem que falar a mesma linguagem... acho que é isso.</p>	<p>Eu acho relevante.</p> <p>Tem que ser uma postura da escola.</p> <p>A biblioteca tem que participar.</p>
E10	<p>Muito, por que assim ó... a realidade do nosso mundo né... o ser humana ele é composto... eu não digo de partes, são... as partes que a gente fala do corpo, do gênero... são os “ques” especiais que todo mundo tem... ninguém precisa ser diferente... ninguém precisa se apresentar diferente, se é uma coisa que já está assim... bem evidente com os tempos modernos... eu acho ótimo, que está questão tenha surgido... porque é como eu te falei... a pessoa que apresenta, o gênero que é diferente do meu... que eu acho que meus valores são assim... quem aceita acaba também sendo excluído junto... com a pessoa que é olhada</p>	<p>Muito importante.</p> <p>A gente procura orientar de forma pedagógica.</p> <p>Infelizmente o gênero e sexualidade entraram em um processo de retrocesso.</p>

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p>de forma diferente, que pra mim não deveria... pra mim o que importa é o caráter e atitude da pessoa sempre... e isso independe do teu gênero, sexualidade, da tua orientação sexual... a gente está na sociedade, para aprender com a convivência... e essa convivência não pode ser diferente... isso humaniza o ambiente, um grupo... a sociedade que precisa se humanizar né... fico muito triste de saber dos casos de violência... contra trans, bi... contra tudo né. Hoje em dia o preconceito está tão evidente, que se tu sai na rua com um filho, irmão, uma filha, que já está maior que tu... ali o pessoal já olha diferente... pra piadinhas, inconveniências... as pessoas já estão com receio de entrar em certos ambientes... eu acho isso péssimo... se eu tivesse um filho para orientar... as crianças quando vem aqui a gente procura orientar da forma pedagógica. Eu acho que as pessoas se vem da maneira errada... eu acho triste que as pessoas estejam com esse olhar, tão imaturo e tão cruel... quando a gente tem um mundo de coisas boas para viver... o ser humano é igual... e hoje em dia parece que a gente não está no processo de evolução... parece que estamos no processo do retrocesso... e infelizmente o gênero e a sexualidade entraram nesse processo de retrocesso. E acho cada vez mais importante... qualquer setor... qualquer lugar que eu for trabalhar, esse tema vai junto... até porque a gente desenvolveu aqui na escola... a gente viveu isso... algumas publicações de professores... de redações dos alunos, foram interpretadas de forma errônea... deu polêmica, ofensas... até que as pessoas... reflitam o que fizeram, o que escreveram... e aceitem isso... pra mim isso é uma coisa extremamente natural... bem normal... e a onde eu for esse tema será extremamente respeitado... delicadamente tratado e com muito respeito... é deve ser vivido.</p>	

Questão 5: Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
---------------	------------------	-----------------

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Pra mim como profissional o grande desafio é entender mais do assunto, procurar mais sobre isso, ler mais, e a biblioteca, eu acho que tem que... ambos tem que se reformular, tanto a biblioteca, quanto eu e a escola também... acho que todos, a sociedade tem que se reestruturar, pra poder... levar isso adiante se não nós não vamos conseguir... de jeito nenhum, que a gente é totalmente despreparado e desinformado, eu me sinto assim, eu sei o que é cada coisa, mas eu não consigo explicar isso. Falta de leitura, falta de informação, a gente analisa, observa, e tu tira a tua opinião, mas só que se for pra tu dizer é dessa forma e é dessa forma, eu não sei.</i></p>	<p>Bibliotecário entender mais a temática.</p> <p>Falta de informação / leitura.</p> <p>Material / acervo.</p> <p>A sociedade se reestruturar.</p>
E2	<p><i>Desafios... Vamos começar desafio... eu vou falar de mim então, é... pessoal um desafio pessoal... tu tens que ter, tipo mais bibliotecários, porque eu vejo uma diferença entre bibliotecário e auxiliar de biblioteca... porque se o auxiliar de biblioteca estiver contigo ele tem que é... ter a mesma formação, se não, não vai ter ajudar, tem que ter o mesmo entendimento, tem que trabalhar com o pedagógico, com o PPP da escola, em parceria com o bibliotecário. O bibliotecário precisa... o que mais... ter mais formação e continua... eu fiz a formação com a professor da UDESC dois anos atrás, dois três anos... já sinto que preciso de novo, assim pra ontem. Recursos, é... material que fale sobre isso, DVDs, livros. O bibliotecário precisa estar inserido no planejamento do currículo da escola, pra trabalhar junto, com a escola, não ser uma parte, não ser simplesmente um anexo da escola... físicos, humano, nossa capacitação, tudo, porque um completa o outro... pra você poder falar com os alunos orienta-los, é preciso formação, é preciso ajudar com a literatura... isso vai poder ajudar de tirar uma dúvida, de dar mais conhecimento sobre aquilo que ele procura, pra ele mesmo começar a se entender, questão de gênero sexualidade, ele começar a se entender e se aceitar, por isso que eu vejo muito bibliotecário social nas nossas bibliotecas, enfim, nós precisamos de tudo, de tudo, de tudo. Isso nós precisamos não de formação só da escola, formação do nosso departamento,</i></p>	<p>Formação.</p> <p>Estar inserido no PPP da escola.</p> <p>Recursos físicos / humanos.</p> <p>Mais bibliotecários.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>por que o ensino o fundamental, eles discutiram a matriz curricular e tem um capítulo, acho que é a matriz curricular, tem um capítulo que fala sobre literatura, e eu fiquei meu deus, isso não está sendo discutido com os bibliotecários, conosco. Literatura em todas as áreas, eu li... gente isso aqui está acontecendo, é inserir a literatura como suporte de conhecimento em todas as áreas, ai cita geografia, história, matemática... e nós não estamos debatendo isso... bem triste. Nas nossas formações eu não tenho mais falado, eu tenho ficado quieta, porque ultimamente...</i></p>	
E3	<p><i>Então, o desafio é que assim... eu não estudei esse tema, então eu já me vi em momentos em que eu tive que... porque as vezes eles falam em sexualidade, mas pra constranger, as meninas os meninos, pra falar alguma besteira pra ver o que tu vai dizer, o que que eu faço, eu saio que meio que pela tangente, o que que eu faço, eu encaminho para a professora de ciências, que ela trabalha essa questão de corpo humano ou para orientadora que tem todo um preparo um estudo, ela estudou né, pra poder estar trabalhando esse assunto, então o que poderia era a gente ter alguma orientação, mesmo de um profissional que trate bem o assunto pra nos passar... que a gente quando chega no momento saber... falar do assunto né naturalmente... sem gaguejar, sem ficar buscando o que que é melhor pra falar... porque o que falar para uma criança, um aluno de 6/7 anos é uma forma de falar, pra falar com outro, é outra forma, posso dar um exemplo que aconteceu aqui, umas alunas chegaram reclamando, era do segundo ano 7 anos né... chegaram reclamando que o aluninho menino está falando que a gente faz sexo, ai eu disse pra elas... ele nem sabe o que é isso... a gente sabe sim porque eu vi o namorado da minha mãe com ela... entendeu? Eu abri a porta e eles estavam fazendo sexo... então e ai o que que eu falo, dai eu disse... é realmente não sabe, eu não sabia o que falar, viu um exemplo, eu gosto de falar de exemplo, que eu posso citar fulano, ciclano... mas eu acho que a gente, eu gosto de trazer a prática, e a prática que é isso ai, fizeram uma pergunta vieram reclamar pra mim de uma coisa e eu não sabia o que dizer, e assim como eu vou</i></p>	<p>Formação.</p> <p>Falar naturalmente sobre a temática.</p> <p>Pessoas especializadas na temática.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p>dizer didaticamente... ou eu não consegui trazer um autor que eu li sobre o assunto ou um vídeo que eu vi sobre o assunto, o especialista falar pra eu discorrer o assunto naturalmente, pra eu falar... eu fiquei perdido.</p>	
E4	<p>Olha... a informação, a falta de informação, que a gente tem, porque as nossas universidades na minha época, ela não trabalhava né... a falta do conhecimento, que eu me questiono, que eu tenho que ler mais, conhecer mais, mas eu acho que o desafio é meu mesmo sabe, porque livros tem. Ter mais reuniões pedagógicas, não pedagógica assim... lá na nossa reuniões de bibliotecários, que é lá que a gente se forma... é lá que deveria ter essas questões né... a literatura também é importante, mas a gente precisa ter um embasamento teórico do que falta. E como é que tu trabalha? Através do teu conhecimento, porque não vai ter uma formula. Ai eu questiono, um projetinho, bonitinho, tu vai lá apresentar, olha... não é... tu muda opinião e o teu conceito... com as atividades em si, acho que falta... é uma opinião minha.</p>	<p>Falta de informação / leitura.</p> <p>Formação.</p>
E5	<p>Ai formação... Formação e informação, acervo e principalmente que a gente consiga trabalhar junto com a escola, não só o professor de ciências que tem que trabalhar isso, a escola inteira, como eu te disse... está em todo lugar, e ao mesmo tempo ainda vem com muito tabu, com muito preconceito, é principalmente as questões violentas que acontecem né, é... eu quase comparo, e acho que cabe mesmo, com o machismo na sociedade, como a mulher ainda é oprimida, a mulher ainda é assassinada, a mulher por si só ela é discriminada, não é só o homossexual... é todas essas questões que são oprimidas, discriminadas, e que sofrem principalmente com a violência né, a gente vê tantos casos de homossexuais que são assassinados, agredidos, assim gratuitamente, como mulheres que encontram isso na própria família, no próprio casamento, esse tipo de opressão, por ser mulher. É isso mesmo eu acho que a gente precisa, se informar, ter mais formação sobre esse assunto, ter mais informações, como no final a gente foi direcionando, acaba que questão de gênero</p>	<p>Material /Acervo.</p> <p>Formação.</p> <p>Falta informação / leitura.</p> <p>Trabalhar junto com a escola.</p> <p>Preconceito / violência.</p> <p>Conscientizar as famílias.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>não é só homossexual, é também a mulher, é também o que sofre esse tipo de opressão. Então é isso mesmo é acervo, é informação, é formação, e principalmente é... qual é a palavra... que a gente consiga trabalhar com a escola, com os professores, com a sala de aula, com as temáticas da escola, e não só o bibliotecário sozinho na biblioteca.</i></p>	
E6	<p><i>Em relação a biblioteca, eu acho que a gente deveria ter um acervo voltado pra isso... talvez entender... esclarecimento sobre o assunto, pra gente tratar isso com naturalidade, com tranquilidade, porque as vezes a gente fica UM pouco assustado com essa temática... ou não sabe como lidar com isso. Enquanto unidade seria acervo voltado para isso, a gente precisaria de material físico.</i></p>	<p>Material / acervo.</p> <p>Falta de informação / leitura.</p> <p>Falar com naturalidade sobre a temática.</p>
E7	<p><i>Eu acho que também seria conhecimento e material... conhecimento da gente também, porque a gente não sabe né... uma coisa que nós também não temos, isso de orientação... né de conhecimento e nem de prática também... então eu acho que deveria de ter também uma orientação, um conceito em conceitos pra gente... e também que a gente possa ter material, para estar também podendo disponibilizar aos alunos... e até os professores também, algo que seja realmente relevante a eles né, que não seja... é que as vezes o que a gente tem... ai vem uma cartilha que né... uma coisinha tão fraquinha, assim... é muito pouco material, a gente tem então... eu acho que seria isso assim... a gente ter esse conceito e também poder ter material de qualidade, pra poder estar oferecendo aos alunos pra eles pesquisarem.</i></p>	<p>Formação.</p> <p>Material / acervo.</p> <p>Falta de informação / leitura.</p>
E8	<p><i>Na verdade o desafio, é isso mesmo... é espaços na escola, porque eu acho que a escola... ela... assim eu vejo mesmo onde eu estou né... eu não vejo discussão, eu vejo as pessoas que abafaram o caso, e também o material... eu acho que a gente tem que ter mais livros, compras, entendimentos, palestras e trazer também... isso é a realidade. Só que nós estamos, sem conversar um com o outro, nós não temos reuniões, não temos alguém falando sobre a temática... formação.</i></p>	<p>Formação.</p> <p>Material / acervo.</p> <p>Falta de informação / leitura.</p> <p>Trabalhar junto com a escola.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E9	<p>Acho que a falta de informação, a falta de falar no assunto... assim eu acho que pra biblioteca trabalhar isso... primeiro a escola tem que estar consciente disso, da importância disso... do que que vai ser falado para essas crianças, porque a gente estão formando pessoas né... então eu acho que tem que ser uma coisa muito bem amarrada assim... muito costurada, até por conta das famílias né, porque tem muito preconceito... e essa falta de informação gera mais preconceito ainda... a sexualidade já é difícil de trabalhar... imagina o gênero né... porque a sexualidade é mais a parte... nem a sexualidade que eu digo, assim orientação sexual... mais a parte sexualidade mesmo, de como que funciona, isso já é difícil, com algumas famílias... tu imagina trazer a questão do gênero, isso ai vai dar assim uma... eu acho que primeiro tem que trabalhar a família, depois vim trazendo aos poucos para os alunos, e ai né... porque é uma questão bem delicada, a própria prefeitura né. Os desafios eu acho que seria na parte de informação, a parte do material, que não vem... então por isso que teria que ser uma coisa que a prefeitura também trouxesse né... porque tem escolas que tu vai conseguir comprar material... tipo aqui se a gente for trabalhar alguma coisa desse tipo, eu tenho certeza que a escola apoiaria... mas em outras escolas eu sei que não... então eu acho que a parte da informação, da falta de material, e da formação também... porque a gente já não tem a parte pedagógica, então como que tu vai falar para uma criança sobre isso... como é que tu vai abordar esse tema... teria que ter uma formação específica nessa área pra gente né... pros professores também... mas também pra gente, se a gente quiser trabalhar com isso... porque eu não tenho noção nenhuma de como que eu explicaria para uma criança o que que é gênero... eu não sei te dizer como que eu apresentaria isso pra ela, já é difícil tu conversar com um adulto, imagina com uma criança né... eu acho que é a maior dificuldade assim... e tem a parte do preconceito, ai depende de cada bibliotecário né? porque tu tem a parte profissional e a parte pessoal... tem as coisas que tu acredita, que tu acha certo e errado né entre aspas... pra mim eu não teria</p>	<p>Formação.</p> <p>Material / acervo;</p> <p>Falta de informação / leitura.</p> <p>Trabalhar junto com a escola.</p> <p>Conscientizar as famílias.</p> <p>Preconceito / violência.</p> <p>A parte profissional e pessoa.</p> <p>Conversa com o grupo de bibliotecários.</p> <p>Alguns bibliotecários teriam dificuldades em trabalhar a temática.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<i>problema nenhum em trabalhar isso, mas eu sei que algumas pessoas teriam... então também tem essa parte.</i>	
E10	<i>Bibliotecário aqui como sou eu, não tem problema... a demanda está cada vez mais evidente, mais crescente... então é como eu te falei... cada usuário que chega... é uma criança única... um estudante único, nem podemos mais falar criança, porque hoje os adolescentes, estão mais adultos que a gente... e são tratados de forma natural... as vezes existe a questão... a o fulano de tal, o apelido, é o rotulo... na mesma hora a gente já trabalha... para não tornar-se um hábito... aquele estereótipo sabe... porque no ambiente escolar... se a gente logo já contorna... trabalha isso diferente com eles. Bibliotecário é bem tranquilo para mim está tudo 10... essas questões tem que ser ajudadas... incluindo nas nossas formação o assunto... e não só trazer pessoas... assim especializadas... é claro que alguém vai ter que dirigir a fala né... mas assim pegar o grupo e soltar a fala mesmo... porque assim... as vezes tu está do lado da pessoa... mas tu não sabe o quanto que aquela pessoa ainda tem de dificuldade... de tratar... de ver esse assunto. E ser tratado dentro das escolas... que as comunidades... muito tradicionais... as vezes vem evidente, a questão dos valores religiosos na frente... para esconder o preconceito... a gente tem liberdade de religião, de expressão... igual em todos os segmentos da sociedade... em comunidade é muito difícil tratar isso, porque já vem aqueles grupos formados da infância... ai quando chega o elemento diferente... em um ambiente que não seja a biblioteca escolar... ai fica difícil, tu quebrar esse gelo... ai as vezes fica um grupo pra lá e um grupo pra cá... e não consegue se integra, porque não conecta os pensamentos ali.</i>	<p>Formação.</p> <p>Pessoas especializadas na temática.</p> <p>Conversa com o grupo de bibliotecários.</p> <p>A parte profissional e a pessoal.</p> <p>Conscientizar as famílias.</p> <p>Alguns bibliotecários teriam dificuldades em trabalhar a temática.</p>

Questão 6: Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
---------------	------------------	-----------------

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Sobre o tema acho que a gente tem que prestar mais atenção, se preparar e se informar mais sobre essa questão, que eu sou bem, vamos dizer “tapada” não busco me atualizar. É assim tá ali... e a partir do momento que acontece alguma coisa, daí tu desperta e diz não agora eu tenho que correr atrás disso, daí a gente vai, se não, não.</i></p>	<p>Informação.</p>
E2	<p><i>Eu vejo o bibliotecário, como uma ferramenta fundamental na escola, é uma ferramenta que está esquecida. Eu vejo assim muito esquecida e... eu me vejo, acho que todos, que poderiam estar contribuindo bem mais nesse tema, nesse gênero, nesse tema que você está pesquisando [...] e... você é procurado pelos alunos, eu vejo a necessidade de eu ler, de me informar, e os alunos te procuram e na escola, quem tem mais afinidade tu trabalha esse tema, e tem uma aceitação enorme dos alunos... e já quem você não tem a oportunidade de ter uma convivência maior, o bibliotecário fica esquecido, não sei como fazer com que nós podemos estar... também contribuimos pra esse tema e indiretamente muito e diretamente também, mas indiretamente acho que todo, todo mundo, todos os bibliotecários estão contribuindo, e se passando como um profissional inexistente nessa área, mas contribuindo, aqui eles procuram muito a biblioteca, pra conversa informal, e por conta da literatura... eles procuram eu oriento, eles leem, aí eles querem mais títulos nesse assunto e a gente não tem. Acho que era isso.</i></p>	<p>Bibliotecário como ferramenta fundamental.</p> <p>Informação.</p> <p>Leitura.</p> <p>Bibliotecário poderia contribuir mais com a temática.</p> <p>Bibliotecário é esquecido.</p> <p>Procuram para conversa informal.</p>
E3	<p><i>É eu acho que essa questão, eu já ouvi besteiras assim meio que até um pouco até de assédio vou te falar, uma besteira te colocar em um constrangimento, eu achava que esse assunto é bem importante eu já pensei nesse assunto como é que eu vou fazer pra falar e a linguagem, como é que eu falo com uma criança de 6 anos, como é que eu vou falar para um aluno ou aluna de 15/14 anos... entendimento é diferente, a fala é diferente, a linguagem é diferente, então é um tema bastante bacana que depois deveria ser trabalho assim como uma espécie de formação para o bibliotecário é o que eu penso... porque talvez algumas disciplinas trabalham com os conteúdos, a gente não trabalha com conteúdo direto, mas</i></p>	<p>Formação para os bibliotecários.</p> <p>Preconceito / violência.</p> <p>Informar com tranquilidade, clareza, sem vergonha / preocupação com a linguagem.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>eles tem, eles trabalham essas área né, esse tema né, e a gente não tem. Que ai cai aquela história das diferenças né... então é isso que a gente tem que... porque na verdade é atual e a gente não tinha isso ai a 10 anos era diferente, e ai as vezes parece que a gente é preconceituoso... mas a mulher ela age diferente do homem querendo ou não, ela age, a sociedade cobra os padrões os modelos, se sair do modelo não presta é errado, e não tem nada haver, que a gente é um ser natural a gente nasce e vai se construindo, então não tem nada que ser um modelo, que tem um padrãozinho pra gente viver em sociedade, mas modelo assim estanque, engessado só aquilo é o certo, eu acho isso extremamente errado.</i></p>	
E4	<p><i>Olha não... é difícil, eu penso assim ó... que o bibliotecário está numa época, de muitos desafios... não só tecnológicos... mas políticos, sociais, culturais, em que não basta mais tu conhecer... a catalogação, a classificação, porque tu tem que ser um ser social e político. Político nos teus conceitos né, não é só pra levantar bandeira, mas saber a bandeira que tu levanta, porque o aluno ele... o que falta nos nossos alunos hoje? Pressupostos teóricos... eu gostei do livro, a era legal, mas quando tu interagir com ele, da os pressupostos teóricos que tu tem, ele vai começar a mudar, e eu acho que nós temos essa condição. A gente faz tudo isso, eu faço, fazer bonequinhos, dobraduras, eu faço tudo isso, mas a gente tem que dar uma postura, que as vezes... eu gosto muito de ler sobre a 2ª guerra mundial, holocausto, não que eu gosto, é a minha indignação que faz com que eu leia, e eu comecei a trazer meus livros para a biblioteca. Meu deus era só aluno do 9º lendo aqueles livros, porque é assim que é nossa profissão, de mudar a postura do aluno. Porque gostar de ler passa, a gente ensina, mas mudar a gente... para essa geração escolher pessoas melhores.</i></p>	<p>Bibliotecário social e político.</p> <p>Mudar a postura do aluno / ensinar os direitos dele.</p> <p>Desafios políticos, sociais, culturais.</p>
E5	<p><i>Pois é, eu acabei falando nas outras questões assim, da experiência profissional é muito pouco, é muito pouca informação, é muito pouco com quem trocar... a maioria das pessoas se fecha nesse assunto, alguns... porque não vem a necessidade de falar, não sei... eu acho que eles preferem tratar com se não existisse,</i></p>	<p>Experiência profissional.</p> <p>Informação.</p> <p>Mudar a postura do aluno / ensinar os direitos dele.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>como se não afetasse ninguém, embora a gente veja isso nos colegas de trabalho, a gente vê isso principalmente nos alunos, o universo dos alunos em uma escola, ele é bem maior que o dos profissionais adultos, então claro que aparece muito mais isso... e essa questão aparece pra eles tão precocemente, tão novinhos, e ninguém sabe lidar, ninguém sabe orientar, as famílias também não estão preparadas pra isso... o que eu gostaria de falar a mais era isso, essa angústia de as vezes só acolher não é o bastante, só tratar como igual, a gente tem que ensinar os direitos que eles tem, ensinar a lidar com esses sentimentos também. É isso.</i></p>	<p>Ninguém sabe orientar os alunos.</p>
E6	<p><i>Então a gente teve um caso aqui o ano passado... de uma menina do nono ano que ela estudou conosco do 1º ao 4º ano e aí saiu e voltou o ano passado para terminar o nono ano aqui com a gente, e já voltou com uma outra identidade de gênero... e quando ela voltou a gente... que é fulana, será que é ciclano, será que é beltrano... porque não teve um esclarecimento de ninguém, assim aos poucos a gente foi vendo, ela foi perguntando e ela foi se firmando com essa nova identidade... e escolheu um novo nome e os colegas já chamavam ela por esse novo nome... se caiu numa questão assim... tá e na hora de uma prova eu não tenho o nome oficial dela, vou botar o nome que tá na chamada mas entre parênteses... daí teve uma conversinha assim informal e aceitaram que ela colocasse entre parênteses e tal... a nova identidade dela assim, e teve uma aceitação legal pelos colegas, bem tranquilos os colegas, eles se surpreendem, a turma acolhe bem, em relação a isso não teve tanto problema, teve uns conflitos assim tipo... uma menina está beijando outra menina dentro do banheiro, mas aí era questão mais dos pequenos estarem vendo, estarem levando... a ele viu isso viu aquilo e mesmo que fosse menino e menina, causa estranhamento com os pequenos entendeu? ... mas aceitação dela de modo geral foi bem legal, e quando ela veio aqui com a gente, também ela queria se chamar João e a gente chamou ela de João... ela se dizia João e a gente chamava ela assim. É o que eu te falei, é um assunto novo eu como assisti alguns programas, li algumas coisas na</i></p>	<p>Mais material na biblioteca escolar.</p> <p>Presença da temática na literatura.</p> <p>Não me deixa a vontade.</p> <p>Informar com tranquilidade, clareza, sem vergonha / preocupação com a linguagem.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>mídia... eu acho que a gente tem que ter sim material na escola, que aborde esse tema, eu acho que nossos livros de literatura se trouxerem esse tema, a gente tem que ter aqui, tem que deixar eles terem acesso, com tranquilidade, não fazer disso um escândalo, ou pra esse lado ou para aquele... tirar essa coisa... esse tabu religioso que a gente tem, porém eu acho bem difícil, porque a minha escola que já teve uma profissional, uma supervisora que era bem atuante nessa área, que ela tinha uma formação, que ela ia puxando pra esse assunto e a gente sempre tinha alguém fazendo algum trabalho sobre isso... ela foi embora, teve um ano que teve uma tentativa de uma professora de ciências de fazer no contra turno, trabalhar sexualidade com eles, mas ai ela desistiu ela acabou se desestimulando... e hoje eu não vejo ninguém aqui trabalhando esse tema. Fora do currículo básico ali em algum momento, conversa, e bem a gestação, só a parte biológica mesmo... nada além disso... não vou te dizer que é um assunto que me deixa a vontade, assim... eu também não sei... não saberia trabalhar direito com isso, eu até gostaria, eu acho que eu preciso, assim... trabalhar mais isso dentro, pra gente conseguir quando o aluno chegar aqui e te perguntar alguma coisa, tu conseguir passar alguma coisa com tranquilidade, clareza, sem estar tão envergonhada, sem ficar tão constrangida, sabe conseguir lidar com mais naturalidade eu acho importante isso para a gente.</i></p>	
E7	<p><i>Eu acho bem interessante, desde que eu vi a tua apresentação lá né... foi um tema assim que eu não pensaria, e acho muito importante, muito relevante, principalmente nos dias de hoje... a gente vê tanta homofobia né, xenofobia... enfim, toda hora tu vê que alguém foi agredido por ser homossexual, por não ser o que todo mundo... o que a sociedade impõe né... e ai assim, fico pensando assim... meu deus que absurdo né... quem sou eu pra te julgar e quem és tu pra me julgar né... então eu acho assim bastante importante, hoje esse tipo de pesquisa... e acho também que é coisa que tem que estar inserida dentro da escola, assim... porque é a partir daqui que</i></p>	<p>A temática tem que estar inserida na escola.</p> <p>Muito importante essa pesquisa.</p> <p>Informação.</p> <p>Preconceito / violência.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>se forma né... e se aqui a gente tem esse conceito, essa educação definida, lá fora não vai acontecer o que a gente tá vendo hoje né... eu acho isso. Tem mais uma coisa... vou acrescentar é... eu não tive uma orientação, assim claro pela educação, né dos pais da família, eu acho que todo mundo deveria ter... acho muito importante... até pra ti não formar, não imaginar coisas né... porque a gente cria pré conceitos né... e muitas vezes tu acaba sofrendo uma coisa que não precisava, se tu tivesse esclarecimento a respeito né... então eu acho bem importante assim... é a gente ter isso, até pra vida da gente mesmo.</i></p>	
E8	<p><i>Eu vejo que isso está refletindo assim na escola, porque é o que está lançado na mídia... o que as crianças e os adolescentes também... alguns eles ficam até envergonhados né. As pessoas não discutem o que é gênero e sexualidade... elas ficam... parece que não está sendo discutido... e as vezes tu vê vários alunos que eles querem saber mais sobre isso, e não tem. Eu acho que tem que abrir... até eu também... eu me sinto assim, que eu não tenho muitos argumentos... e nem muito conhecimento... eu tenho conhecimento assim... de vida, de estar na luta... eu acho que a luta é por todos, porque todos somos iguais, ninguém é diferente de ninguém... e a gente tem que levantar essa bandeira sempre, de que todos somos iguais e qualquer forma de amor vale a pena... e que as pessoas tem que ser felizes do jeito que elas entenderem... só que isso tem que ser mostrado... tem que ser trazido pra mídia, porque daqui a pouco a gente vai ter... até na escola a gente vai ter... colegas trans trabalhando... e a gente nem sabe lidar né... como um aluno também né... e a gente não vai saber lidar... eu acho isso hoje uma dificuldade... porque eu vejo assim... bastante gente que trabalha em educação com bastantes preconceitos... eu fiquei pensando o que esse professor vai ensinar para esse aluno... como ele vai passar se ele não entende. Eu vejo assim que é um tema que não tem muito... eu acho assim nós somos iguais né, não tem essa, só que assim ó... as pessoas criaram caixinhas né... um é isso, o outro é aquilo... a tu é hetero, tu é bi, tu é... entendeu... as pessoas tem que ser</i></p>	<p>Informação.</p> <p>Respeito as diferenças.</p> <p>Preconceito / violência.</p> <p>A temática tem que estar inserida na escola.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>felizes... e tem que também ter respeito né... só que eu acho que falta muito material, nessa área... eu acho que não tem material quase nenhum... eu fiquei pensando aqui... eu não vi nenhum livro... que levante essa bandeira. Teve uma professora que eu trouxe umas revistas de moda... Claudia, Boa Forma, que tinha mulheres com biquíni e lingerie... e a professora disse que eu estava com revista de mulher pelada... e eu assim... por favor tu vai na praia de que?... Eu tinha vários alunos... hoje eles já se aceitaram... mas quando eles são adolescentes assim... eles não aceitam né... e tu vê que eles ficam falando... eu não quero ele porque ele é gay... dai tu diz... tá o que ele tem de diferente... só que ai ao mesmo tempo a criança não entende... ele está começando a pensar o que ele vai ser, ele não tem ainda certo...</i></p>	
E9	<p><i>Como eu te disse... eu não tenho nenhuma experiência nessa área... eu acho bem confuso, bem difícil, e a falta de informação né... que gera isso assim. Eu leio as vezes sobre isso, pra tentar entender... mas eu gostaria que tivesse uma pessoa que me explicasse, porque eu acho uma questão bem relevante, mas muito complicada de introduzir assim na escola... talvez por isso tanta resistência né... eu acho uma questão muito difícil... mas é necessário que a gente comece a trabalhar isso, até por conta da mudança da formação de família né, que o conceito de família mudou... então a gente tem que acompanhar isso, tem que tentar explicar como é que as coisas funcionam mais ou menos né. Eu acho que é isso.</i></p>	<p>Experiência profissional.</p> <p>Eu acho bem confuso / difícil.</p> <p>Informação.</p> <p>Leitura.</p> <p>Começar a trabalhar a temática.</p>
E10	<p><i>Eu como pessoa não entendo a dificuldade que as pessoas tem... de conviver e aceitar o diferente... que está na convivência diária... o padrão na minha condição... não faz com que as pessoas evoluam... ficam só naquilo... tem que abrir os horizontes, tem que ver tudo, como um universo, varias direções... nos somos um grupo heterogêneo... sempre fomos. Aqui na escola sobre o projeto... o meu posicionamento foi embarcar junto... com o projeto sobre o respeito... nos tivemos a morte de uma pessoa na comunidade, que era trans... uma morte muito violenta, a</i></p>	<p>Respeito as diferenças.</p> <p>Preconceito / violência.</p>

Entrevistados	Expressões-Chave	Ideias Centrais
	<p><i>comunidade se manifestou... a escola prestou solidariedade pra família... a escola levantou a bandeira... em respeito a diversidade... como eu te falei está cada vez mais evidente... em todos os grupos... então a gente tem que ter uma forma suave... da comunidade escolar tem o entendimento e a aceitação... para que a convivência diária seja a melhor possível... Esse projeto eu acho que vai persistir por um tempo... porque o assunto não acaba... ele só vai se modificando, trazendo mais temas e argumentos, para a gente tratar... conviver melhor... eu torço para que ele não acabe nunca.</i></p>	

APÊNDICE F – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD2

Questão 1: O que você entende por gênero e sexualidade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistados
Eu tenho muitas dúvidas / não consigo explicar.	E1; E9
Sexualidade é o convívio com o corpo e o casal (homem/mulher, mulher/mulher, homem//homem) é ser homem e ser mulher.	E1
Gênero é masculino e feminino.	E1; E2; E5; E8; E9
Gênero posso mudar no decorrer da vida.	E1
Sexualidade é a minha opção, se eu quero ser masculino ou feminino.	E2
Gênero é uma forma de definir.	E3; E10;
Sexualidade independe do gênero.	E3; E9
Sexualidade tem etapas / cada um tem sua dentro do contexto que vive, do que acredita, valores, princípios / é natural sem influência.	E3
Sexualidade é como me relaciono com as pessoas.	E4; E7
Gênero envolve questões políticas, éticas, sociais.	E4
Sexualidade é mais o lado afetivo.	E4
Sexualidade é a tua opção sexual (hetero, homo, bi).	E5; E9
Sexualidade vai tratar na escola.	E6
Gênero é como a pessoa se identifica.	E6
Gênero é tipo casal (hetero/homo).	E7
Gênero envolve pessoas que estão buscando seu espaço na sociedade.	E8
Sexualidade é mais fácil de definir.	E9
Sexualidade é aquilo que te pertence, a tua intimidade.	E10

DSC 1: Eu entendo que gênero é o masculino e feminino, é uma forma de definir, é como a pessoa se identifica. Envolve pessoas que estão buscando seu espaço na sociedade. Este processo envolve questões políticas, éticas, sociais. Com menos frequência penso que gênero é tipo casal (hetero/homo), que posso mudar meu gênero no decorrer da vida.

Por sexualidade eu entendo que é como eu me relaciono com as pessoas, minha opção sexual (hetero/homo/bi), sexualidade independe do gênero. Entendo que sexualidade é mais fácil de definir, é o convívio com o corpo e o casal (homem/mulher, mulher/mulher, homem//homem) é ser homem e ser mulher, é a minha opção, se eu quero ser masculino ou feminino.

Por vezes penso que sexualidade é mais o lado afetivo, é aquilo que te pertence, a tua intimidade, enfim sexualidade vai tratar na escola. Porém eu tenho muitas dúvidas, não consigo explicar.

Questão 2: Fale o que você entende por orientação sexual e identidade de gênero?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistados
Orientação sexual é o que recebemos na escola, na família, quando a gente nasce.	E1; E3; E7; E8; E10
Identidade de gênero eu tenho a minha, mas posso trocar.	E1
A minha orientação sexual depende da minha identidade de gênero;	E2
Identidade de gênero define;	E3
Identidade de gênero é vista com preconceito e discriminação;	E3
Identidade de gênero é como o ser humano se constitui.	E4
Orientação sexual é pré-estabelecida.	E4
Orientação sexual é como a pessoa se vê / se identifica.	E5; E6; E7
Orientação sexual é por quem a pessoa se sente atraída;	E5; E6; E9
Identidade de gênero é mais difícil;	E5; E9
Identidade de gênero eu costumo ler/ouvir muito sobre.	E5; E9
Orientação sexual a pessoa não escolhe, ela nasce.	E5
Tudo se resume a atração física.	E5
Eu acho confuso / não entendo muito.	E5; E9
Identidade de gênero envolve discutir a sociedade;	E8
Orientação sexual (hetero, homo, bi)	E9
Identidade de gênero a pessoa nasce de um sexo e sente tendo outro.	E9
Identidade de gênero não tem haver com sexualidade.	E9
Identidade de gênero seria o gênero que eu me reconheço.	E10

DSC 2: O que eu entendo por orientação sexual é o que recebemos na escola, na família, quando a gente nasce, e entendo também que é por quem a pessoa se sente atraída, ou talvez como a pessoa se vê / se identifica, mas eu acho confuso não entendo muito. Entendo que Orientação sexual é pré-estabelecida, a pessoa não escolhe, ela nasce (hetero/homo/bi). A minha orientação sexual depende da minha identidade de gênero.

Identidade de gênero é mais difícil definir, eu costumo ler/ouvir muito sobre. Posso dizer que identidade de gênero define, eu tenho a minha, mas posso trocar, a pessoa nasce de um sexo e sente tendo outro, seria o gênero que eu me reconheço. Identidade de gênero não tem haver com sexualidade, envolve discutir a sociedade, porém é vista com muito preconceito e discriminação. Raramente penso que tudo se resume a atração física.

Questão 3: Na sua prática profissional é comum a realização de certas atividades. Em qual(is) são contempladas a temática gênero e sexualidade?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistados
Eu tento tratar com naturalidade.	E1
A escola não trabalha / a temática não é contemplada;	E1; E6; E7; E8; E9
Eu tive uma conversa de orientação.	E1; E2
Eu não me acho apta a realizar.	E2
Precisamos ter formação.	E2
Parceria com outros profissionais.	E2
Os alunos procuram muito no dia a dia para conversar.	E2; E5
É contemplada superficialmente / quando à necessidade.	E3; E6; E9
Faz a gente pensar.	E3
Eu não tenho nenhum planejamento	E3
Quando o aluno entra na biblioteca estou trabalhando gênero / a forma como disponho o acervo.	E4
Eu questiono algumas práticas da nossa área.	E4
A temática nunca veio como tema de pesquisa ou levantamento bibliográfico.	E5
Eles encontram acolhida na pessoa bibliotecária.	E5
Eu não sigo, nem dou orientação.	E5
Já teve épocas de se trabalhar bastante o assunto.	E6
Nenhum professor pede material.	E7
Os alunos têm interesse em livros sobre sexualidade.	E7
Eu vejo orientação sexual na aula de ciências.	E8
Material de prevenção	E8
A biblioteca nunca realizou projetos / atividades.	E9
Tem que ser uma coisa da escola toda.	E9
Tema gerador respeito a diversidade.	E10
Atividades voltadas ao respeito a diversidade.	E10

DSC 3: Na maioria das vezes a escola não trabalha, a temática não é contemplada na realização de atividades. Eu tento em minha prática profissional contemplar em certas atividades, a temática gênero e sexualidade, porém superficialmente / quando à necessidade, pois os alunos procuram muito no dia a dia para conversar e eu procuro ter uma conversa de orientação.

Acredito que a temática faz a gente pensar. Eu tento tratar com naturalidade, porque quando o aluno entra na biblioteca estou trabalhando gênero, a forma como disponho o acervo... As atividades devem ser voltadas ao respeito a diversidade.

A biblioteca nunca realizou projetos / atividades. A temática nunca veio como tema de pesquisa ou levantamento bibliográfico, nenhum professor pede material, apenas na questão de material sobre prevenção, vejo orientação sexual na aula de ciências, porém tem que ser uma coisa da escola toda. Já teve épocas de se trabalhar bastante o assunto.

Eu não me acho apta a realizar, não tenho nenhum planejamento, eu não sigo, nem dou orientação, eu até questiono algumas práticas da nossa área, acredito que precisamos ter formação.

Por outro lado, os alunos têm interesse em livros sobre sexualidade e encontram acolhida na pessoa bibliotecária, o tema gerador deveria ser o respeito a diversidade.

Questão 4: Você acha relevante a inserção da temática gênero e sexualidade nas suas práticas? Porque?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistados
Acho que não, porque eles são muito infantis.	E1; E3
Talvez os professores em sala de aula.	E1
Acredito não ser necessário.	E1
Muito importante.	E2; E7; E10
Está inserida na prática do dia a dia.	E2
Me vejo como bibliotecário social.	E2
Talvez a gente não tenha a resposta correta.	E3
Não estamos preparados.	E3
Porque nos constitui como ser humano.	E4
Gênero é estudo.	E4
Tem que saber trabalhar/ conhecer a temática.	E4; E6; E8
Está em todo lugar, na casa, família, rua, TV.	E5
Eu acho relevante.	E5; E6; E8; E9
Precisa conquistar o espaço a temática.	E5
A discussão é recente;	E6
Falta orientação das famílias / se tivessem conhecimento da temática.	E7
Tem que ser uma postura da escola.	E7; E8; E9
A biblioteca tem que participar.	E9
A gente procura orientar de forma pedagógica.	E10
Infelizmente gênero e sexualidade entraram em um processo de retrocesso.	E10

DSC 4: Eu acho muito relevante / importante a inserção da temática gênero e sexualidade em minhas práticas, acho necessário ser uma postura da escola e temos que saber trabalhar / conhecer a temática.

A biblioteca tem que participar, pois a temática está inserida na prática do dia a dia, está em todo lugar, na casa, família, rua, TV. A gente procura orientar de forma pedagógica. Me vejo como bibliotecário social.

A discussão da temática é recente, e gênero envolve estudo pois são temas que nos constituem como ser humano. Percebo uma falta de orientação das

famílias, se tivessem mais conhecimento da temática. Infelizmente gênero e sexualidade entraram em um processo de retrocesso.

Raramente acho que não, porque eles são muito infantis, talvez os professores em sala de aula sintam a necessidade, porém acredito não ser necessário, pois não estamos preparados, talvez a gente não tenha a resposta correta.

Questão 5: Quais os desafios hoje, para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistados
Bibliotecário entender mais a temática.	E1
Falta de informação / leitura.	E1; E4; E5; E6; E7; E8; E9
Material / acervo;	E1; E5; E6; E7; E8; E9
A sociedade se reestruturar.	E1
Formação.	E2; E3; E4; E5; E7; E8; E9; E10
Estar inserido no PPP da escola.	E2
Recursos físicos / humanos.	E2
Mais bibliotecários.	E2
Falar naturalmente sobre a temática.	E3; E6
Pessoas especializadas na temática.	E3
Trabalhar junto com a escola.	E5; E8; E9
Preconceito / violência.	E5; E9
Conscientizar as famílias.	E5; E9; E10
A parte profissional e pessoal.	E9; E10
Conversa com o grupo de bibliotecários.	E9; E10
Alguns bibliotecários teriam dificuldade em trabalhar a temática.	E9; E10

DSC 5: Os desafios hoje para a biblioteca e o bibliotecário atenderem esta demanda são: formação relacionada a temática (com pessoas especializadas); a falta de informação / leitura; mais material / acervo para a biblioteca escolar. Aponta-se a necessidade de trabalhar junto com a escola e conscientizar as famílias, pois são muitos casos de preconceito / violência atualmente.

Quanto ao bibliotecário fica o desafio de falar naturalmente sobre a temática, conversar com o grupo bibliotecários a respeito da temática, pois alguns bibliotecários teriam dificuldade em trabalhar a temática, destacasse que existe a parte profissional e pessoal.

O bibliotecário precisa entender mais a temática, ter mais recursos físicos / humanos e a temática estar inserida no PPP da escola. Faz-se necessário

contratação de mais bibliotecário para ampliação do debate. A sociedade precisa se reestruturar.

Questão 6: Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre este tema, advindo de sua experiência profissional?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistados
Informação.	E1; E2; E5; E7; E8; E9
Bibliotecário como ferramenta fundamental.	E2
Leitura.	E2; E9
Bibliotecário poderia contribuir bem mais com a temática.	E2
Bibliotecário é esquecido.	E2
Procuram para conversa informal.	E2
Formação para os bibliotecários.	E3
Preconceito / violência.	E3; E7; E8; E10
Informar com tranquilidade, clareza, sem vergonha / preocupação com a linguagem.	E3; E6
Bibliotecário social e político.	E4
Mudar a postura do aluno / ensinar os direitos dele.	E4; E5
Desafios políticos, sociais, culturais.	E4
Experiência profissional.	E5; E9
Ninguém sabe orientar os alunos.	E5
Mais material na biblioteca escolar.	E6
Presença da temática na literatura.	E6
A temática não me deixa à vontade.	E6
A temática tem que estar inserida na escola.	E7; E8
Muito importante essa pesquisa.	E7
Respeito as diferenças.	E8; E10
Eu acho bem confuso / difícil.	E9
Começar a trabalhar a temática	E9

DSC 6: Eu gostaria de falar que precisamos de informação, para nos ajudar a combater o preconceito e violência, temos que ter mais leitura e experiência profissional sobre a temática.

A temática tem que estar inserida na escola, para podermos informar com tranquilidade, clareza, sem vergonha. Eu tenho preocupação com a linguagem, pois a temática não me deixa à vontade, mas eu tenho que começar a trabalhar a temática, para assim poder mudar a postura do aluno, ensinar os direitos dele, na escola parece que ninguém sabe orientar o aluno.

O bibliotecário poderia estar contribuindo bem mais com a temática, mas por vezes ele é esquecido. O bibliotecário tem em sua profissão um cunho social e político muito forte. O bibliotecário é uma ferramenta fundamental dentro da

escola. Por isso reafirma-se na necessidade formação para bibliotecários sobre a temática.

Os alunos procuram muito a biblioteca para conversa informal a respeito da temática, a biblioteca escolar deveria ter mais material, a temática estar presente na literatura.

São muitos os desafios políticos, sociais, culturais em relação a temática, confesso que as vezes acho bem confuso / difícil, por isso é muito importante esta pesquisa, para aprendermos a respeitar as diferenças.